

# **A Extensão que fizemos, a Extensão que faremos: um novo tempo para a Universidade Pública na sociedade brasileira**

Obra de caráter memorialista e de registro institucional das edições das Mostras de Ações de Extensão de 2016-2023

ANA LÍVIA DE SOUZA COIMBRA E  
FERNANDA CUNHA SOUSA  
(ORG.)

**VOL. 2**



Ana Livia de Souza Coimbra  
Fernanda Cunha Sousa  
(Organizadoras)

**A Extensão que fizemos, a Extensão que faremos:  
um novo tempo para Universidade Pública na sociedade brasileira**

Obra de caráter memorialista e de registro institucional das edições da  
Mostra de Ações de Extensão de 2016-2023

**Volume II**  
**Mostras de Ações Extensão - 2017 a 2019**



Juiz de Fora  
2024

©Editora UFJF, 2024

Este livro ou parte dele não pode ser reproduzido por qualquer meio sem autorização expressa da editora.

O conteúdo desta obra, além de autorizações relacionadas à permissão de uso de imagens ou textos de outro(s) autor(es) são de inteira responsabilidade do(s) autor(es) e/ou organizadores



**Reitor**

Marcus Vinicius David

**Vice-reitora**

Girlene Alves da Silva

**Pró-reitora de Extensão**

Ana Livia de Souza Coimbra

**Pró-reitora Adjunta de Extensão**

Fernanda Cunha Sousa

**Equipe editorial**

Ana Livia de Souza Coimbra

Fernanda Cunha Sousa

Aline Emy Fuguhara

Eduarda Knaip Costa

Larissa Fernandes

Priscila Gonçalves de Souza Salvati

Renata Miranda de Freitas Alencar

Samuel Fontainha do Nascimento

Thamirys Silva Magalhães Gonçalves

**Revisão**

Fernanda Cunha Sousa

Anelise de Freitas

Beatriz Jobim Péres Senra

**Projeto gráfico**

Ericsson Gabriel Reis Alves

Melissa Gilberto Marques

Paulo Henrique Costa Totti

**Diagramação**

Samuel Fontainha do Nascimento

Paulo Henrique Costa Totti

Coimbra, Ana Livia de Souza.

A extensão que fizemos, a extensão que faremos: um novo tempo para a universidade pública na sociedade brasileira / Ana Livia de Souza Coimbra, Fernanda Cunha Sousa. – Juiz de Fora, MG: Editora UFJF, 2024. v. II.

Dados eletrônicos (1 arquivo: 20mb)

ISBN: 978-85-93128-87-5

Obra de caráter memorialista e de registro institucional das Mostras Científicas de 2016 a 2023.

1. Extensão Universitária - UFJF. 2. Transformação social. I. Coimbra, Ana Livia de Souza. II. Sousa, Fernanda Cunha. III. Título.

CDU: 378.4:371.33

DOI: 10.34019/ufjf.ebook.2021.00043

Pró-reitoria de Extensão  
Rua José Lourenço Kelmer, s/n - Campus Universitário - São Pedro  
Juiz de Fora/MG - 36036-900  
secretaria.extensao@ufjf.br  
Telefone: (32) 2102-3971

Filiada à ABEU



## Conselho editorial

Alexandre José Pinto Cadilhe de Assis Jácome

Ana Maria Stephan

Ana Rosa Costa Picanço Moreira

Andréia Francisco Afonso

Andreia Rezende Garcia Reis

Charlene Martins Miotti

Cláudia de Albuquerque Thomé

Danielle Guedes Andrade Ezequiel

Gislaine dos Santos

Gustavo Taboada Soldati

Jordan Henrique de Souza

Josane Gomes Weber Oliveira

José Amarante Santos Sobrinho

Katia Teonia Costa de Azevedo

Luciana Holtz

Luiz Carlos Lira

Marco Aurélio Kistemann Junior

Marconi Fonseca de Moraes

Mayra Barbosa Guedes

Neil Franco Pereira de Almeida

Neiva Ferreira Pinto

Otávio Eurico de Aquino Branco

Raquel Tognon Ribeiro

Reinaldo Duque Brasil Landulfo Teixeira

Rodrigo Christofolletti

Samuel Rodrigues Castro

Schirley Maria Policario

Silvina Liliana Carrizo

Simone Sales Marasco Franco

Tatiana Franca Rodrigues Zanirato

Tereza Pereira do Carmo

Thais Fernandes Sampaio

Willsterman Sottani Coelho

## **II Mostra de Ações de Extensão e II Congresso de Extensão – 2017**

### **Comissão Organizadora:**

**Pró-reitora de Extensão:** Prof<sup>a</sup>. Ana Livia de Souza Coimbra

**Coordenadora de Ações de Extensão:** Prof<sup>a</sup>. Fernanda Cunha Sousa

**Gerente de Ações de Extensão:** Diogo Mendes Rodrigues

**Coordenação Acadêmica - Campus Governador Valadares:** Prof. Fabio Alessandro Pieri

**Coordenação Geral do Evento:** Aline Araújo Rocha Nery, Devani Tomaz Domingues e Joicy da Fonseca Guimarães

## **III Mostra de Ações de Extensão – 2018**

### **Comissão Organizadora:**

**Pró-reitora de Extensão:** Prof<sup>a</sup>. Ana Livia de Souza Coimbra

**Coordenadora de Ações de Extensão:** Prof<sup>a</sup>. Fernanda Cunha Sousa

**Gerente de Ações de Extensão:** Diogo Mendes Rodrigues

**Coordenação Acadêmica - Campus GV:** Prof. Fabio Alessandro Pieri

**Coordenação Geral do Evento:** Aline Araújo Rocha Nery, Devani Tomaz Domingues e Érica Aparecida de Sá

## **IV Mostra de Ações de Extensão – 2019**

### **Comissão Organizadora:**

**Pró-reitora de Extensão:** Prof<sup>a</sup>. Ana Livia de Souza Coimbra

**Coordenador de Ações de Extensão:** Diogo Mendes Rodrigues

**Gerente de Ações de Extensão:** Rafaela Andrade Savino de Oliveira Peters

**Coordenação Acadêmica - Campus Governador Valadares:** Prof. Fabio Alessandro Pieri

**Coordenação Geral do Evento:** Aline Araújo Rocha Nery, Devani Tomaz Domingues e Érica Aparecida de Sá

Dedicamos os volumes deste e-book a todos aqueles que acreditam no poder transformador da educação e da extensão na sociedade. Agradecemos aos incansáveis extensionistas, que dedicam seu tempo, conhecimento e paixão para levar o saber acadêmico além dos muros da UFJF, impactando vidas e comunidades inteiras.

Uma menção especial aos dedicados bolsistas e estudantes envolvidos nessas ações de extensão, cujo entusiasmo e comprometimento são a fonte de energia e sucesso por trás de cada projeto e programa. Seu desejo de aprender, crescer e contribuir para um mundo melhor é inspirador.

E, é claro, aos verdadeiros beneficiários de todo esse esforço – as pessoas cujas vidas são tocadas e transformadas pela extensão universitária. São vocês que validam a importância desse trabalho, que nos lembram diariamente que a educação tem um propósito maior: o de construir uma sociedade mais justa, inclusiva e iluminada.

Que este e-book possa servir como um tributo a todos os envolvidos, um testemunho das realizações alcançadas e um incentivo para continuar trilhando o caminho da Extensão, em que a UFJF e a sociedade se transformam mutuamente. Juntos, estamos construindo pontes entre o mundo acadêmico e a sociedade para um

Organizadoras

“A educação não tem como objeto real armar o cidadão para uma guerra, a da competição com os demais. Sua finalidade, cada vez menos buscada e menos atingida, é a de formar gente capaz de se situar corretamente no mundo e de influir para que se aperfeiçoe a sociedade humana como um todo.”

**Milton Santos** (*O espaço do cidadão*, Nobel, 1998, p. 26)

## Sumário

### **Prefácio da II Mostra de Ações de Extensão – 2017**

Luciana Holtz e Ana Livia de Souza Coimbra

..... 12

### **Apresentação**

Marcus Vinicius David e Girlene Alves da Silva ..... 14

### **Cultura**

**O turismo no museu: relato de experiência de um Programa de Extensão no contexto do Museu Mariano Procópio**

Miriane Sigiliano Frossard e Luciana Bittencourt Villela ..... 15

**Breve relato de algumas experiências sobre o Centro de Referência em Direitos Humanos do curso de Direito da Universidade Federal de Juiz de Fora – Campus Governador Valadares entre 2014 e 2017**

Adamo Dias Alves, Hellen Louzada Eler, Maxwell Soares Oliveira, Criscila Cristina Ramos, Kessia Priscila Miranda Ramos e Priscila Prates Ribeiro da Silva..... 26

**Língua e literatura por meio do projeto de extensão "Contos de mitologia": contação de histórias clássicas no Ensino Fundamental**

Fernanda Cunha Sousa, Barbara Delgado Azevedo e Mariana Souza Veiga ..... 31

### **Educação**

**Formação continuada de professores: construindo saberes para a elaboração de jogo didático interdisciplinar**

Andréia Francisco Afonso e Ingrid Gerdi Oppe ..... 43

### **Saúde**

**Amigas da saúde: promoção da saúde das adolescentes em situação de risco e vulnerabilidade do bairro Dom Bosco**

Rayla Amaral Lemos, Pamela Souza Almeida Silva Gerheim, Marcela Castellões Leite, Ana Carolina Silva Costa, Maria Pollyanna Alcantara Lucarelli e Júlia Mayrink ..... 52

## **Prefácio da III Mostra de Ações de Extensão – 2018**

Diogo Mendes Rodrigues e Ana Livia de Souza Coimbra ..... 60

### **Comunicação**

**Competência midiática: a formação do olhar - oficinas de criação no observatório da qualidade no audiovisual**

Gabriela Borges, Vinícius Guida, Gabriel Ribeiro Telles Ferreira ..... 62

### **Direitos Humanos e Justiça**

**Moradia Legal no Entorno da UFJF: impactos sociais da regularização imobiliária em favor de famílias de baixa renda**

Raquel Bellini de Oliveira Salles, Aline Araújo Passos, Regina Lúcia Gonçalves Tavares, Natália Chernicharo Guimarães, Victor Marangon da Silva, Érika Christine de Melo Dantas, Anna Clara Gomes Souza Duarte, Marina Sotto Maior de Medeiros, Marcos Felipe Lopes de Almeida, Rafaela Mendonça Costa Simões, Paula Paciullo de Oliveira, Lavínia Siqueira e Jonas Bomtempo ..... 72

**Centro de Referência em Direitos Humanos (CRDH) da UFJF-GV: Direitos Humanos e Justiça 2018**

Tayara Talita Lemos, Criscila Cristina Ramos, Maxwell Soares Oliveira, Kessia Priscila Miranda Ramos, Braulio de Magalhães Santos, Lucas Costa dos Anjos, Renato Santos Gonçalves e Reinaldo Duque Brasil Landulfo Teixeira ..... 79

### **Educação**

**Educando corpo e mente: a dança de salão na promoção da saúde da família**

Érica Maria Nascimento Dias, Marcos Vinicius Dias da Silva, Daniel Felipe Borges Osório, Igor Rosa Meurer, Gracielle Landim Pereira e José Sergio Fernandes ..... 89

### **Saúde**

**Grupos lúdicos em pediatria: o brincar como enfrentamento da hospitalização**

Fabiane Rossi dos Santos Grincenkov e Fernanda Buzzinari Ribeiro de Sá ..... 100

**A interface entre a extensão e a educação em saúde com escolares e seus responsáveis**

Amanda Moreira da Silva, Emmanuel José Silva de Jesus, Larissa Aparecida Gonçalves Marinho, Mylena de Oliveira Botelho, Nayane Galdino Moreira, Yuri Neves Arantes Paulino e Elita Scio ..... 109

**Clínica de Adolescentes: relato de experiência em odontohebiatria**

Yuri de Lima Medeiros, Amanda de Holanda Cavalcanti Soares Perpétuo, Amanda Guimarães de Melo Almeida, Ana Flávia de Oliveira Assis, Beatriz Reis Moreira, Bruna Sbampato Makla, Danielle Fernandes Lopes, Guilherme Thomaz Verly da Silva, João Paulo Santana da Silva, Larissa Pavan de Deus, Luan Viana Faria, Luara de Souza Silva, Breno Nogueira Silva, Gracieli Prado Elias, Elton Geraldo de Oliveira Góis ..... 113

**Prefácio da IV Mostra de Ações de Extensão – 2019**

Rafaela Andrade Savino de Oliveira Peters e Ana Lúvia de Souza Coimbra ..... 120

**Cultura**

**O teatro como celebração da extensão**

Márcia Cristina Vieira Falabella, Marise Pimentel Mendes, José Luiz Ribeiro, Thaís Milena Adão, Açucena Maria Arbex Nascimento e Débora Silva de Lamas..... 122

**A produção da cartilha “Planejamento Territorial e Patrimônio Cultural”: notas da experiência**

Matheus Felipe Giello Dias, William da Silva Ferreira, Paula Alvarenga Botelho, Ricardo Ferreira Lopes e Ana Aparecida Barbosa Pereira ..... 132

**Educação**

**Promoção de habilidades metacognitivas de aprendizagem e orientação de estudos em adolescentes da Educação de Jovens e Adultos – EJA**

João Victor Ribeiro Toledo, Késia Mayra Rodrigues Ignácio e Marisa Cosenza Rodrigues ..... 138

**Reflexões sobre o ensinar a ginástica artística como proposta extensionista**

Camila Soares do Valle, Caroline Eiter de Castro e Roseana Mendes ..... 145

## **Meio Ambiente**

### **A comunidade no Laboratório Casa Sustentável do Jardim Botânico: Programa de sensibilização para sustentabilidade no ambiente construído**

Letícia Maria de Araújo Zambrano, Aline Calazans Marques, Ana Carolina Caldas Rodrigues, Anna Karina Bouzada Furlani, Letícia de Fátima Alves Rodrigues, Rosiane de Oliveira Souza, Érika Magalhães, Márcia Rangel, Sabrina Ferreti, Míriam Carla do Nascimento Dias, Eduardo Breviglieri Pereira de Castro, Pedro Kopschitz Xavier Bastos, Danilo Pereira Pinto, Marcelo Caniato, Cristiano Gomes Casagrande, Ernani Simplício Machado, Lia Salermo, Cinthya Medice Sperandio Alves, Jacqueline De Paula Campos Motta, Leticia de Fátima Alves Rodrigues, Lídia Martins de Almeida, Mayara Nacarate Machado, Rafaelli Machado dos Santos Vívian Zaquine de Jesus, Anna Karina Bouzada Furlani, Alice Kaizer Souza, Cíntia Borel Nunes, Julia Jubini Martins, Larissa Cristiane dos Santos, Laura Soares da Veiga, Lucas Romano Monteiro, Manoel Carlos da Silva, Mariana Scheffer Teixeira, Mariza Salgado Silva, Natália Cabido Ferreira e Matheus de Oliveira do Carmo Marques..... 149

## **Saúde**

### **Implantação de uma horta comunitária e terapêutica na estratégia de Saúde da Família CAIC I na cidade de Governador Valadares – MG**

Matheus Viana Costa e Priscila Lima Sequetto..... 161

### **Relato de experiência – vírus da Dengue, Chikungunya, Zika e outros vírus transmitidos por mosquitos: atualização para agentes de endemias e conscientização da comunidade**

Joyce da Silva Fernandes, Pedro Henrique Chaves De Souza Aguiar, Mariana de Andrade Faustino, Priscila de Freitas Ferreira, Matheus Braga Mendes, Árina Oliveira Reis da Paixão, Cecilia Kosmann, Maria Luzia da Rosa e Silva, Aripuanã Sakurada Aranha Watanabe e André Luiz da Silva Domingues ..... 168

## Prefácio da II Mostra de Ações de Extensão – 2017

Realizada entre os dias 6 e 10 de novembro, no *campus* de Juiz de Fora, e entre 20 e 22 de novembro de 2017, no *campus* de Governador Valadares, a II Mostra de Ações de Extensão da UFJF integrou a programação da II Semana de Ciência, Tecnologia e Sociedade da UFJF, que, por sua vez, reuniu ações das pró-reitorias de Extensão, Graduação, Pós-Graduação e Pesquisa e da Diretoria de Inovação.

A programação contou com *workshops*, rodas de conversa, palestras, grupos de trabalho, plenária, apresentação de *banners* e atividades culturais extensionistas no intuito de fomentar as discussões para o 1º Congresso de Extensão Universitária da UFJF, concomitante ao evento principal. Na ocasião, foram formados, em ambos os *campi*, grupos de trabalho que definiram os princípios e parâmetros da extensão universitária na instituição.

Então, a partir do debate coletivo entre aqueles que fazem extensão sobre os princípios e as modalidades de extensão, construiu-se o documento que serviu de base para a definição da política de extensão da UFJF, debatida em seguida no Conselho Setorial de Extensão e Cultura (CONEXC), resultando na Resolução 04/2018, que fixa as normas sobre a política de extensão na UFJF.

A Mostra também teve como foco a relação direta das ações de extensão da UFJF com a comunidade externa.

No *campus* de Juiz de Fora, foi montada, pela primeira vez, uma estrutura na Praça Cívica da UFJF com banners e apresentações diversas de cerca de 70 ações extensionistas. Crianças e adolescentes de escolas públicas da cidade foram convidadas e trazidas até o *campus* para conhecer, além das ações, o Centro de Ciências e o Jardim Sensorial da UFJF.

Em Governador Valadares, uma importante marca desta edição foi a divulgação do trabalho extensionista desenvolvido após o rompimento da barragem de uma mineradora no município de Mariana/MG, ocorrido em 2016, de forma a mitigar os danos causados à bacia do Rio Doce e às populações dela dependentes.

As atividades contaram com a participação de docentes, acadêmicos e beneficiários dos programas e projetos de extensão desenvolvidos em Governador Valadares, que puderam compartilhar sua perspectiva sobre as ações de extensão desenvolvidas pela UFJF em suas comunidades e o impacto dessas ações em seu cotidiano, com destaque para as manifestações culturais, sempre relacionadas às oito áreas temáticas da extensão universitária.

Assim, o evento pôde cumprir, em ambos os territórios, seu objetivo de socializar, entre comunidade interna e externa, as ações de extensão que os docentes, técnico-administrativos e os estudantes fazem na UFJF nas oito áreas temáticas: cultura, comunicação, educação, direitos humanos e justiça, trabalho, tecnologia, saúde e meio ambiente. Além de constituir espaços favoráveis à troca de saberes, integração e produção coletiva de conhecimentos, divulgaram-se as práticas e ações de extensão desenvolvidas pelos programas e projetos de Extensão da Universidade em seus territórios de abrangência.

Inovamos, portanto, com momentos de apresentações culturais, instalações artísticas e performances em que os professores apresentaram, na prática, um pouco do que fazem de ações via extensão.

Demonstramos que não se faz extensão para a sociedade, se faz com a sociedade. A extensão universitária precisa ter sempre como premissa o trabalho e o diálogo com a sociedade. A universidade, enquanto instituição social, reconhece essa divisão de classes, a estrutura de dificuldades e diferenças sociais, mas, trabalhando com os demais segmentos da sociedade, consegue, nessa relação, produzir novos conhecimentos que vão contribuir para a superação desses desafios sociais que o Brasil enfrenta.

Essa experiência, aqui representada pelos trabalhos que dela participaram e foram premiados, reforça que é preciso também pensar a extensão como um importante aspecto de formação dos nossos estudantes e ferramenta de diálogo com a sociedade, permitindo com que a gente construa princípios e solidifique modalidades, com o objetivo, cada vez mais, de construir uma relação com a comunidade na perspectiva da garantia de direitos.

A universidade não é reflexo puro e simples da sociedade, mas a integra. No seu interior, ela também tem estratificações de classes, mas tem também uma certa autonomia, que faz com que se coloque contra coisas que a sociedade reforça, como a divisão de classes e as diferenças sociais. A universidade tem o papel de trabalhar com a sociedade para diminuir essas desigualdades.

Essa proposta reforçou, portanto, a perspectiva da universidade pública como um espaço aberto de pertencimento da comunidade e com as ações de extensão identificadas como direitos sociais, que devem ser construídos por meio de uma ação acadêmica que tenha como sujeitos seus técnicos, docentes e estudantes.

Boa leitura a todxs!

Luciana Holtz<sup>1</sup>  
Ana Livia de Souza Coimbra<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Professora Adjunta na Universidade Federal de Juiz de Fora. Doutora em Ciências Contábeis na Universidade Federal do Rio de Janeiro (2021). Mestra em Ciências Contábeis pela Universidade Federal do Espírito Santo (2013). Especialista em Gestão Financeira e Controladoria pela Faculdade Católica de Anápolis (2010). Coordenadora de Ações de Extensão da PROEX (2016-2017)

<sup>2</sup> Professora Titular do Departamento de Política de Ação do Serviço Social da Faculdade de Serviço Social da UFJF. Doutora em Serviço Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Pró-reitora de Extensão da UFJF desde abril de 2016. Presidente do Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras (FORPROEX) de junho de 2018 a junho de 2019; do FORPROEX regional Sudeste de abril de 2017 a maio de 2018; do Colégio de Extensão (COEX) da Andifes de junho de 2018 a maio de 2019.

## Apresentação

A publicação deste e-book faz parte de um conjunto de ações, que visam dar visibilidade ampliada à articulação entre o conhecimento produzido na Universidade e as demandas da sociedade, demonstrando como a produção acadêmica pode ser aplicada e construída em uma relação direta com a comunidade. Os textos que compõem este compilado demonstram a excelência de nossa instituição no campo extensionista.

A extensão universitária desenvolvida na UFJF tem avançado qualitativa e quantitativamente, consolidando-se como espaço de aprendizagem reconhecido institucionalmente. Assim, supera-se a concepção assistencialista do fazer extensionista com ações, as quais têm como foco a relevância social da ação de extensão, direcionando a política extensionista a programas e projetos, que considerem o compromisso social e o papel da Universidade frente às realidades que nos cercam e das quais fazemos parte.

Mesmo em contexto tão adverso, como o que vivenciamos recentemente, seguimos buscando formas de propiciar esse diálogo transformador e participativo. Parceria importante tanto para a comunidade universitária como para os diferentes segmentos sociais, os quais fazem da Universidade um espaço vivo, crítico e participativo, necessário para a formação dos estudantes, que irão contribuir para a superação de situações sociais desiguais tão intensificadas nos últimos anos. Assim, a comunidade extensionista compartilha os saberes produzidos no ambiente acadêmico com as comunidades dos territórios onde a UFJF se insere.

É preciso considerar que a prática da extensão como um componente curricular, cumprimento da Resolução Nº 7, de 18 de dezembro de 2018, do Conselho Nacional de Educação, será desenvolvida em um contexto ainda de dificuldades orçamentárias. Mas, a despeito de todos os problemas, novos horizontes abrem-se como o fortalecimento das relações interinstitucionais; como a ampliação das relações com representações de diferentes setores da sociedade, em especial com aqueles que, de outro modo, seriam privados de muitos de seus direitos fundamentais.

Estamos diante de um desafio, o qual demanda um novo saber e um novo fazer acadêmico capazes de formar profissionais de diversas áreas, que terão a oportunidade, via prática extensionista, de refletir e contribuir para a melhoria das condições de vida, a garantia de direitos e a transformação social. Os trabalhos presentes demonstram que a UFJF está pronta para desenvolver, com extrema competência, seu papel neste novo tempo que se inicia para a extensão universitária no Brasil.

Prof. Marcus Vinicius David  
Reitor da Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof.<sup>a</sup> Girlene Alves da Silva  
Vice-reitora da Universidade Federal de Juiz de Fora

# O turismo no museu: relato de experiência de um Programa de Extensão no contexto do Museu Mariano Procópio

Miriane Sigiliano Frossard<sup>1</sup>

Luciana Bittencourt Villela<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Doutora e mestre em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora (2013 e 2008) e graduada em Turismo pela Fundação Educacional São José (2001). É Professora Associada do Departamento de Turismo da Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: miriane.frossard@ufjf.br.

<sup>2</sup>Graduada em Turismo pela Faculdade de Turismo de Santos Dumont (2001) e mestra em Ciência Ambiental pela Universidade Federal Fluminense (2010). Atualmente é professora do departamento de turismo da Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: luciana.bitencourt@ufjf.br.

# O turismo no museu: relato de experiência de um Programa de Extensão no contexto do Museu Mariano Procópio

## 1 INTRODUÇÃO

A Fundação Museu Mariano Procópio (MAPRO), localizada em Juiz de Fora - MG, é considerada uma das mais importantes instituições do município, especialmente pela relevância de seu complexo arquitetônico-paisagístico e por seu rico acervo de mais de 50 mil itens. Este complexo é composto por dois prédios históricos que abrigam o acervo e um jardim histórico, denominado Parque Mariano Procópio. O MAPRO foi oficialmente aberto ao público no ano de 1915, fazendo parte da história e da identidade do município, e devido à sua importância, em 2014, foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

No ano de 2006, os prédios e o jardim histórico foram fechados para a realização de obras de restauro e revitalização, impossibilitando a manutenção da visitação pública. Somente em 2008 parte do jardim foi reaberta aos visitantes, permanecendo os prédios históricos e as trilhas que dão acesso a eles fechadas até o ano de 2016. Entretanto, nesse mesmo ano, a Galeria Maria Amália foi reaberta, permanecendo a Villa e o restante do Prédio Museu ainda fechados.

Diante desse contexto, com o desafio de gerir um 'Museu sem público' e um 'público sem o Museu', a direção do MAPRO procurou estabelecer ações que reaproximassem esse patrimônio da população local, como forma de evitar o distanciamento afetivo e identitário do juiz-forano com o lugar. No entanto, os poucos recursos e uma reduzida equipe tornaram grande parte das ações inviáveis.

Ciente desses desafios e da relevância histórica, cultural e paisagística do Museu, bem como sua importância turística para o município, o Curso de Turismo da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) decidiu, então, estabelecer uma parceria com o MAPRO com dois objetivos muito claros: (1) auxiliar a Instituição na constituição e implementação de ações que promovessem a interação entre o público e o Museu; (2) possibilitar o engajamento social e o desenvolvimento teórico-prático dos discentes, uma vez que, uma das ênfases de formação é a de “Patrimônio e a Gestão de Destinos Turísticos” – composta por disciplinas como Patrimônios Culturais e Turismo, Gestão de Atrativos Culturais, Gestão de Atrativos Naturais, Práticas e Representações Culturais, Gestão Pública e Social do Turismo, Fundamentos do Lazer, dentre outras. Além disso, permitir a realização de estágios profissionalizantes, atividades complementares, trabalhos de conclusão de curso e outras vivências nas áreas de pesquisa e extensão universitárias.

Pelos motivos anteriormente expostos, a parceria UFJF-MAPRO foi firmada por meio do Programa de Extensão “As Práticas de Educação Patrimonial para o Fortalecimento da Democratização Cultural, do Exercício da Cidadania e da Preservação da Memória no Museu Mariano Procópio”, aprovado no edital PROEXT-

MEC<sup>1</sup> 2016. O Programa foi coordenado pela professora Miriane Sigiliano Frossard e vice-coordenado pela professora Luciana Bittencourt Villela, e contou com a colaboração de vários docentes e discentes<sup>2</sup> de diversos cursos da UFJF.

Esse Programa de Extensão será apresentado neste Relato de Experiência que tem como objetivo descrever as ações desenvolvidas nos diferentes projetos, apontando seus limites e possibilidades, e também os resultados obtidos por meio dos produtos entregues ao MAPRO, e, conseqüentemente, à população de Juiz de Fora.

Como metodologia, escolhemos o Relato de Experiência como forma de compartilhar essa vivência de ensino, pesquisa e extensão. Isto porque, as pesquisas, em alguns campos do conhecimento, tais como este, têm como princípio o valor heurístico, assumindo investigações capazes de compreender o desenvolvimento das subjetividades como irredutíveis a fórmulas universais. Sendo assim, a escolha deste método nada mais é do que um trabalho de linguagem, um construto que não se propõe a apresentar a última palavra, se apresentando como uma síntese provisória, aberta à análise e à contínua produção de conhecimentos novos e transversais.

## 2 REFLETINDO TEORICAMENTE

A experiência ora em quadro baseia-se em um conjunto de referências que dialogam acerca do patrimônio, memória, cidadania, educação e lazer. Acreditando que para além do papel do IPHAN, estabelecido em sua missão de proteção do patrimônio histórico e artístico nacional, encontra-se sobre toda a sociedade a responsabilidade dessa proteção. Contudo, como proteger aquilo ao qual não se pertence?

“Este pertencimento diz respeito à possibilidade de se reconhecer no processo de construção de sua identidade e subjetividade, de se apropriar das próprias possibilidades e das impossibilidades de participação na sociedade”, afirma Tavares (2014, p. 194). Portanto, torna-se necessário aproximar a população do patrimônio histórico da cidade (Bourdin, 2001), uma vez que este não existe apenas para representar ideias e valores abstratos e ser contemplado. O patrimônio, de certo modo, constrói, forma as pessoas (Gonçalves, 2003). E não apenas isso, Nora (1993) afirma que se trata de uma relação que não pode ser passiva, mas que se reflita em organizar, repovoar e animar. “O que importa é a reflexão crítica na definição e apropriação do patrimônio cultural, com a participação democrática dos agentes e detentores das referências culturais nesse processo” (Tolentino, 2019, p. 147).

---

<sup>1</sup>Programa de Apoio à Extensão Universitária – Ministério da Educação.

<sup>2</sup> Docentes: Camila de Brito Antonucci Benatti Braga, Érika Aleixo Ferreira Silva, Lucas Gamonal Barra de Almeida, Marcelo Ferreira Trezza Knop, Monalisa Barbosa Alves, Natália Sathler Sigiliano e Rafael Henrique Teixeira da Silva; Discentes: Alice Silva, Ana Beatriz Penna, Ana Luiza Tureta, Ceci Braga, Daíde Gregório, Danielle Menezes, Henrique Almeida, Hudson Ferrarezi, Inácio Botto, Jefferson Honório, Juliana Xavier, Laura Freesz, Letícia Tavares, Lilian Moares, Luiz Paulo Damasceno, Manoel Moreira, Marcus Vinícius Aristides, Mateus Sigiliano, Priscila Vieira, Raissa Santana, Raphaela Martins, Regis Cypriano.

Nesse sentido, a educação patrimonial se mostra como uma conveniente ferramenta para que isso ocorra, pois consiste em um processo permanente e sistemático de trabalho educacional, centrado no patrimônio como princípio para o conhecimento e enriquecimento individual e coletivo (Horta, 1996; Meneses, 1996). Para Borba (2017), as ações educativas em espaços museais têm maior aderência quando consideram a perspectiva da consciência social dos espaços culturais e as relações sociais como práticas dialógicas.

Portanto, o patrimônio pode, por meio de sua prática educativa, ser lido, interpretado e estabelecer diálogos, não podendo mais ser tido como 'produto acabado', ainda que histórico-socialmente condicionado a uma determinada época, trajetória histórica ou personalidade.

Nesse ínterim, os espaços museais vêm sendo caracterizados como locais que possuem uma forma própria de desenvolver sua dimensão educativa. E, cada vez mais, vislumbram o lazer como uma das muitas possibilidades para uma educação considerada 'não formal', sendo um lugar capaz de fomentar a interação entre os sujeitos, favorecer a participação social e promover a democratização e a cidadania.

A exposição, quando associada às possibilidades de lazer, pode contribuir para vivências lúdicas no espaço museal que, em muitos casos, ainda são considerados lugares frios e maçantes, isto é, possibilitando, através de elementos da ludicidade, como as brincadeiras, uma possibilidade de reflexão crítica e aprendizagem em torno das informações propiciadas pelos museus (Fronza-Martins, [s.d], p. 73; Kramer, 2005, p. 38).

Portanto, a educação nos espaços museais pode constituir processos dinâmicos e não compartimentados, prezando o diálogo e a interatividade e servindo de base para que a ação educativa seja realizada. Nesse sentido, a educação patrimonial, como meio de mediação entre a instituição e a comunidade, se tornou uma aliada para o fortalecimento da democratização cultural, do exercício da cidadania e da preservação da memória.

### **3 DO CURSO DE TURISMO AO ESPAÇO DO MAPRO: A PROPOSTA E A METODOLOGIA**

O programa teve como objetivo estabelecer e fortalecer ações de educação patrimonial, arte, memória, ecologia e lazer em parceria com o MAPRO, com o intuito de promover o exercício da cidadania, da identidade, da diversidade cultural, da difusão artística e da preservação da memória e do patrimônio natural entre os diferentes públicos que se conectam ao Museu.

Para alcançar tal objetivo, optou-se pelo método proposto por Grunberg (2007), no qual, a educação patrimonial é desenvolvida sob quatro pilares: observação, registros, exploração e apropriação. Cabe ressaltar que a metodologia escolhida parte do entendimento de que o patrimônio não é único e nem exclusivo, havendo possibilidades de releituras que, inclusive, podem ser distintas do que se considera como patrimônio oficial. Tal afirmativa possibilita apreender e configurar novos olhares em relação ao MAPRO, para além de sua materialidade e das histórias oficiais contadas. Essa escolha, no entanto, não engessou as ações do Programa, que teve essa metodologia como norte, mas poderia ser adequada às necessidades e usos mais específicos no decorrer de sua execução, cabendo à equipe a avaliação constante das

ações, assim como a feitura dos ajustes que fossem identificados. Cabe ponderar que a avaliação foi um exercício permanente e, acima de tudo, comprometido com as repercussões do projeto ao longo de sua realização. Por isso, o processo esteve constantemente sendo avaliado pela equipe, pelos participantes e pela instituição. As ações também foram avaliadas pelo público-alvo através da combinação de diferentes metodologias.

### **3.1 Os principais entraves**

Como mencionado anteriormente, no ano de 2015, por meio do edital PROEXT-MEC 2016, o Departamento de Turismo da UFJF propôs, em parceria com o MAPRO, o programa de extensão “As Práticas de Educação Patrimonial para o Fortalecimento da Democratização Cultural, do Exercício da Cidadania e da Preservação da Memória no Museu Mariano Procópio”, composto por um conjunto de projetos que visavam contribuir com esse importante patrimônio juiz-forano, conforme será detalhado adiante.

Após a aprovação da proposta pelo MEC, ainda no ano de 2015, a equipe deu início aos trabalhos antes mesmo de receber os recursos orçamentários. Foram inúmeras reuniões com o objetivo de definir as orientações gerais que norteariam a execução de todos os projetos. Além disso, como forma de estreitar a relação com o MAPRO e avaliar presencialmente e de maneira mais efetiva os trabalhos realizados pelo Departamento de Difusão Cultural do Museu, visando o melhor planejamento das ações, foram selecionados e disponibilizados dois estudantes-bolsistas para atuarem conjuntamente com a Instituição em diversas ações culturais, tais como: (i) O Museu vai à Escola; (ii) Restauro visitável, (iii) Caça ao Saci, dentre outras.

Contudo, chegado o ano de 2016, que fora aguardado com tamanha expectativa, os recursos orçamentários destinados ao Programa não foram disponibilizados pelo MEC, como havia sido previsto. Somente no final do ano fiscal de 2016 parte desses recursos foi disponibilizada, o que impediu que o valor empenhado fosse utilizado de forma adequada, especialmente, ao que se referia a aquisição de equipamentos e materiais necessários para a realização das ações. Em razão disso, alguns projetos precisaram ser adequados e outros foram excluídos pela impossibilidade de realização conforme proposto inicialmente. Além disso, em função da demora na execução das ações, alguns professores desistiram de seguir com o projeto, enquanto outros se desligaram por terem contratos temporários.

No entanto, novos professores ingressaram no projeto e buscaram adequar as antigas proposições à realidade orçamentária e de tempo para execução do Programa, previsto para os anos de 2016 e 2017. Em março de 2017, ocorreu a redistribuição dos projetos entre os professores, considerando suas afinidades, e iniciou-se também a seleção dos bolsistas.

Além dos entraves orçamentários e burocráticos referentes ao MEC e à UFJF, outros dois surgiram ao longo do caminho: (i) com as eleições municipais, toda a equipe da direção do MAPRO foi substituída, uma vez que a Fundação está sob a administração da Prefeitura Municipal e, com isso, foi necessário renegociar todos os termos do acordo; (ii) em razão de um surto de febre amarela que acometeu o país, tendo sido encontrado um macaco morto no espaço do Parque do Museu, esse foi totalmente interditado no período de janeiro a maio de 2018, período que

compreendeu a dilatação do prazo de execução do Programa em razão dos atrasos iniciais.

### 3.2 Os projetos

Em função de seu extenso título e não viabilidade para uma boa divulgação, o Programa foi apelidado de "O Turismo no Museu". Com isso, criou-se uma identidade visual que acompanhou os materiais produzidos em todas as ações. Este apelido deriva de um dos projetos, que tinha como objetivo acompanhar o desenvolvimento de todas as ações, realizando entrevistas com os participantes, os registros fotográficos para documentação e divulgação das atividades. Como resultado, além de um extenso banco de dados com informações sobre os diversos projetos, foi criada uma página no *Facebook*<sup>3</sup>, um perfil no *Instagram*<sup>4</sup> e um *blog*<sup>5</sup> do Programa, visando a divulgação e a aproximação entre o Programa de Extensão e a comunidade acadêmica e juiz-forana. O projeto foi executado por bolsistas dos cursos de Turismo e de Engenharia.

O projeto "Mapeamento da Demanda Turística do Museu" estimulou a interface extensão e pesquisa, por meio do levantamento e análise das percepções, expectativas e avaliações dos usuários e não usuários do Museu, abrangendo Juiz de Fora e Região, em relação aos produtos/serviços disponibilizados pelo mesmo. Tal pesquisa se justifica pela carência de estudo de demanda turística envolvendo o MAPRO. Pesquisas com esse viés são imprescindíveis para um bom planejamento e tomada de decisão, otimizando e fortalecendo ações necessárias para o melhor uso/gestão do patrimônio.

Como resultados, esse mapeamento apontou: (i) o perfil sociodemográfico dos entrevistados; (ii) a busca de diferentes percepções sobre o Museu entre residentes e não residentes de Juiz de Fora; (iii) o conhecimento da história do Museu por parte dos entrevistados; (iv) análise em relação ao motivo que atraía os entrevistados ao Museu e sua frequência de visita; (v) os motivos que levavam os entrevistados a não frequentarem o Museu; (vi) quais atividades realizadas pelo Museu eram conhecidas pelos entrevistados; (vii) análise sobre os serviços prestados; e, (ix) os formatos mais relevantes, na visão dos entrevistados, de comunicação e divulgação do Museu. O projeto foi executado por bolsistas dos cursos de Turismo e de Administração.

O projeto "Vozes da Memória" foi concebido no intuito de registrar, resgatar e preservar parte da memória oral popular do Museu. Seu objetivo central foi resgatar as memórias dos sujeitos que de alguma forma têm suas trajetórias de vida atreladas ao Museu e, através dos registros dessas histórias mínimas, valorizar o patrimônio, fortalecer os vínculos dos sujeitos com o espaço e, além disso, fomentar a reflexão em torno dos temas cidadania, educação, identidade, história, preservação cultural, entre outros.

O principal resultado desse projeto foi a produção do documentário "Vozes da Memória", um longa-metragem produzido em cores, com legendas e duração de 85 minutos. Também foram elaborados *trailers/teasers* e um episódio temático especial, disponibilizados através da internet, para divulgação das ações. Além desses materiais,

---

<sup>3</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/oturismonomuseu/>

<sup>4</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/oturismonomuseu/>

<sup>5</sup> Disponível em: <https://oturismonomuseu.wordpress.com/>

foram criados um *website* do projeto e um perfil no *Instagram*, a fim de conseguir melhor promover as ações e o contato com possíveis fontes/entrevistados. Além desse material, foram realizados eventos associados à divulgação do documentário, como (i) a exibição pública no Parque do Museu, por ocasião da Semana dos Museus, com o tema “Museus Hiperconectados: novas abordagens, novos públicos”; (ii) a exibição pública e contínua, entre 18 e 21 de setembro de 2018, na Galeria Maria Amália, por conta da 12ª Primavera dos Museus. Neste mesmo evento, ocorreu um debate, intitulado “Diálogo entre Memória e Patrimônio”, no auditório da sede administrativa do MAPRO. Para a realização das entrevistas, que, ao todo, somaram 39, com 14 horas de filmagens, foi utilizada a metodologia de história oral baseada nas recomendações do Museu da Pessoa. O projeto foi executado por bolsistas dos cursos de Cinema, de Artes e Design e de Turismo.

O projeto “Encontros no Jardim” teve por objetivo propiciar a difusão do conhecimento e a sensibilização do público infantil acerca de temas como meio ambiente e cidadania, promovendo a construção de pensamentos e atitudes proativas em torno de ações sustentáveis.

Para isso, foram propostas ações com atividades interativas e dialógicas, visando aproximar o público do patrimônio natural e cultural do Museu através de oficinas criativas e lúdicas sobre os temas relacionados ao meio ambiente que estimulassem as crianças a pensarem e proporem soluções para os problemas ambientais de seu cotidiano, exercitando a perspectiva cidadã e participativa.

As ações foram realizadas mensalmente para o público-alvo de crianças, com idade entre 5 e 8 anos. Cada edição contou com a participação de cerca de 20 crianças e mobilizou também os seus responsáveis, visto que estes participavam indiretamente de algumas atividades. Em 2017, as edições abrangeram temas como lixo, consumo consciente, sustentabilidade e biodiversidade. Nesta última, foram utilizados elementos da fauna e da flora do Museu para abordar os conteúdos. Já em 2018, os temas abordados foram: meio ambiente, água, poluição, biodiversidade e educação ambiental. Este último foi apresentado na edição que compôs as atividades da 12ª Primavera nos Museus, que tinha como temática “Celebrando a Educação em Museus”.

As ações eram organizadas em quatro momentos distintos: (i) integração, (ii) sensibilização, (iii) oficinas e (iv) visitas guiadas. No primeiro momento, era realizado o contato com as crianças e, em seguida, elas eram convidadas a brincar de forma livre com brinquedos confeccionados com material reciclável e a comporem rodas de cantigas e de brincadeiras tradicionais. No segundo momento, a temática da edição era apresentada por meio de contação de história, exibição de curtas infantis, rodas de conversa ou outras dinâmicas que apresentassem o tema de forma lúdica. O terceiro momento visava aprofundar os conteúdos apresentados e debatidos anteriormente através de oficinas lúdicas de forma que os conceitos fossem sedimentados. Dentre as oficinas, destacaram-se a de plantio de mudas; a de coleta e colagem com elementos da natureza, tais como folhas secas, sementes e flores; a de confecção de brinquedos com materiais reciclados; a de bolhas de sabão, em que as crianças fabricaram sua própria varinha com barbante e varetas. Por fim, as visitas guiadas tiveram como objetivo a interação das crianças, bem como de seus responsáveis, com o patrimônio cultural e natural do Museu. Nesse momento, os monitores falavam sobre aspectos

gerais do Museu e também de suas particularidades, buscando sensibilizar as crianças sobre a importância desse patrimônio.

Além das nove edições, como resultados desse projeto, tivemos a apresentação de dois trabalhos acadêmico-científicos, a produção de dois jogos educativos, um “Bichionário” feito a partir dos desenhos realizados pelas crianças sobre cada animal encontrado no jardim do Museu e exposições artísticas dos materiais produzidos nas oficinas. O projeto foi executado por bolsistas dos cursos de Humanidades, Turismo, Pedagogia e Engenharia.

O “Férias no Museu” já era um projeto produzido pelo Museu e que foi incorporado ao Programa de Extensão. Tinha como objetivo oferecer atividades lúdicas às crianças no período das férias escolares, de forma a manter o público infantil conectado ao patrimônio do Museu. Foram realizadas oito edições que contaram com a participação de cerca de 25 a 30 crianças e seus acompanhantes. As ações ocorreram em dois dias, nos meses de férias escolares, e as atividades realizadas foram contação de histórias, oficina de brinquedos, brincadeiras e jogos, dinâmicas mediadas, caça ao tesouro, visita guiada e musicalização. Todas as atividades foram relacionadas ao acervo ou espaço do Museu, de modo que as crianças estabelecessem uma relação com o patrimônio. O projeto foi executado por bolsistas dos cursos de Humanidades, Turismo, Pedagogia e Engenharia.

O projeto “O Museu vai à Escola” foi um dos que necessitaram de adequações para serem realizados em função dos atrasos e da conseqüente falta de recursos humanos e financeiros, prejudicando, de forma considerável, sua execução. Para sua realização, foi escolhida a exposição intitulada “Imagens da Cidade”, que exibe retratos antigos de diferentes lugares de Juiz de Fora. A escolha se deu, especialmente, pelo fato de ser uma exposição que apresenta locais do município, possibilitando maior sentimento de pertença e de identidade cultural do público-alvo, centrado em crianças e jovens estudantes de escolas públicas. Em novembro de 2017, o projeto realizou as primeiras ações na Escola Estadual Delfim Moreira e na Escola Municipal Antônio Carlos Fagundes. Nessa ocasião, os painéis foram apresentados aos alunos e alunas do Ensino Médio e da 7ª série do Ensino Fundamental, respectivamente, e um jogo de perguntas e respostas (*Quiz*) foi realizado, estimulando a interação dos estudantes com a exposição.

No ano de 2018, o projeto foi remodelado e passou a se chamar “Museu tá na Praça”, pois pretendeu-se expandir o projeto para além das escolas, alcançando outros espaços públicos da cidade. Os locais onde ocorreram as exposições foram o prédio da Fundação Cultural Alfredo Ferreira Lage – FUNALFA e o Espaço Ágora, no campus da UFJF em Juiz de Fora. Nesses espaços, percebeu-se que os visitantes interagiram com as imagens trazendo à memória parte das experiências de sua infância e juventude, vivenciadas nesses locais.

Mesmo sendo realizadas as exposições, a execução do projeto ficou bem distante da proposição original, uma vez que não foi possível desenvolver e melhorar o que já vinha sendo executado pela equipe do Museu, tanto por problemas de ordem financeira (execução dos recursos) quanto de ordem logística e pelo esvaziamento da equipe.

Por fim, o projeto “Diálogos sobre Memória e Patrimônio: Ciclo de Palestras” surgiu para suprir uma lacuna deixada por projetos que não conseguiram ser executados em função dos problemas já relatados. Ele não estava previsto na proposta

original, mas foi inserido com o intuito de trazer capacitação para a comunidade acadêmica e não acadêmica. O ciclo de palestras visou, então, promover a discussão de temas como, patrimônio, cultura, memória e turismo na UFJF, trazendo diversos especialistas para realizarem palestras, minicursos e oficinas sobre o tema. As palestras ocorreram todas no Instituto de Ciências Humanas e tinham, em média, a duração de duas horas. As palestras eram gratuitas e atendiam a um público de cerca de 40 a 50 pessoas por evento. A maioria absoluta do público era composta por estudantes universitários e ex-alunos. A divulgação era ampla, por meio de redes sociais, mala direta, site de notícias da UFJF e afixação de cartazes.

As palestras ou minicursos versavam sobre diferentes temas, desde os museus virtuais, a partir da experiência do Museu da Pessoa, até uma oficina sobre métodos de preservação, conservação curativa e preventiva e restauração de peças barrocas. Contou com especialistas em museologia, patrimônio e lazer, tanto de Juiz de Fora como de outros lugares do Brasil. E ainda com diretores ou representantes de importantes museus na região. No total, foram realizadas nove palestras, um minicurso e uma oficina, contribuindo para a formação e informação de um total de cerca de 500 pessoas.

Na proposta inicial, estavam previstos dois projetos que não puderam ser executados: o “Visitas Interativas” e o “Meu olhar sobre o Museu”. O “Visitas Interativas” não pôde ser executado por inviabilidade técnica já relatada anteriormente. Sendo assim, ele foi substituído pelo projeto “Diálogos sobre Memória e Patrimônio: Ciclo de Palestras”. O “Meu olhar sobre o Museu” não conseguiu ser executado pois dependia de outros dois projetos, o “Visitas Interativas” e a campanha “Eu e o Museu”. Como o “Visitas Interativas” não ocorreu e o “Eu e o Museu” não alcançou o resultado esperado, mesmo com o empenho da equipe, não foi possível dar prosseguimento à proposta.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A compreensão crítica do patrimônio e não apenas contemplativa implica uma visão inovadora de educação, na qual a relação entre sujeito e patrimônio se constrói a partir da apropriação do conhecimento que reconhece a existência de múltiplas leituras, saberes e vivências dos atores locais que se vinculam de diferentes maneiras aos bens e suas representações. Somente a ideia de conhecer para preservar não basta, sendo fundamental que os diferentes grupos reflitam e atuem de forma transformadora sobre o patrimônio.

Neste sentido, o Programa “O Turismo no Museu” cumpriu o propósito de permitir a reaproximação dos cidadãos com seu patrimônio por meio de práticas pedagógicas que possibilitassem a interação dialógica entre sujeito e objeto. Especialmente, através de ferramentas lúdicas e artísticas foi possível que os participantes vivenciassem o patrimônio do Museu sob novas perspectivas, inclusive, aquelas construídas por eles próprios, durante suas vivências. Nessa perspectiva, o Museu, como espaço educativo e de lazer que é, representa uma instância que possibilita outras formas de interação, valorizando patrimônios materiais e imateriais, democratizando, assim, a própria educação, através da diversidade de saberes.

Considerou-se, também, que as ações realizadas pelos diferentes projetos que compuseram o Programa de Extensão desdobraram em resultados significativos para o

MAPRO e para a sociedade juiz-forana, que pode se manter atrelada a um dos bens patrimoniais mais representativos da história material e simbólica da cidade. Além disso, possibilitou aos docentes e discentes que atuaram diretamente nos projetos a ampliação de suas experiências profissionais e formativas, corroborando para a consolidação dos preceitos de qualidade defendidos pela Universidade e de difusão do conhecimento e retorno à sociedade brasileira.

Esse Programa pretendeu abrir muitas frentes, abarcando o MAPRO sob diversificados ângulos, contudo, sob a ótica específica do uso turístico do espaço, ainda há uma grande lacuna a ser preenchida. As ações realizadas nesse Programa abrangeram, em geral, apenas um dos atores envolvidos com o turismo: a comunidade local. Nesse sentido, acredita-se que novos programas e projetos de extensão e pesquisa, numa parceria entre UFJF e MAPRO, possam seguir no sentido de preparar o patrimônio para um melhor uso e gestão turística.

## REFERÊNCIAS

- BORBA, Flávia P. C. Educação Patrimonial como Salvaguarda: alguns processos didáticos da mediação cultural em museus. In: TOLENTINO, Átila B. e BRAGA, Emanuel O. (orgs). *Educação patrimonial: práticas e diálogos interdisciplinares*. João Pessoa: IPHAN-PB; Casa do Patrimônio da Paraíba, 2017. 160 p. (Caderno Temático, 6).
- BOURDIN, Alain. *A questão local*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- CASTRIOTA, Leonardo Barci (org.). *Paisagem cultural e Sustentabilidade*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
- FRONZA-MARTINS, Aglay Sanches. *Da magia à sedução: a importância das atividades educativas não-formais realizadas em Museus de Arte*. Disponível em: <<http://sare.unianhanguera.edu.br/index.php/reduc/article/viewPDFInterstitial/198/195>> Acesso em: 15 abril de 2015.
- GRUNBERG, Evelina. *Manual de atividades práticas de educação patrimonial*. Brasília, DF: IPHAN, 2007.
- HORTA, Maria de Lourdes Parreiras. *Educação patrimonial*. Boletim do Museu Imperial, 1996.
- INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). *Bens tombados e processos de tombamento em andamento*. IPHAN. Disponível em: <[http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/2016-11-25\\_Lista\\_Bens\\_Tombados.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/2016-11-25_Lista_Bens_Tombados.pdf)>. Atualizado em: 25 nov. 2016. Acesso em: 23 jun. 2017.
- KRAMER, Sônia. Produção cultural e educação: algumas reflexões críticas sobre educar em museus. In: KRAMER, S. e LEITE, M. I. (orgs.). *Infância e Produção Cultural*. São Paulo: Papyrus. 1998.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. Os "usos culturais" da Cultura. In: YÁZIGI, Eduardo, CARLOS, Ana Fani Alessandri, CRUZ, Rita de Cássia Ariza da. *Turismo: espaço, paisagem e cultura*. São Paulo, SP: Hucitec, 1996.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: *Projeto História*. São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

TAVARES, Rosana Carneiro. O sentimento de pertencimento social como um direito básico e universal. *Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas*, v. 15, n. 106, p. 179-201, jun. 2014.

TOLENTINO, Átila Bezerra. Educação patrimonial e construção de identidades: diálogos, dilemas e interfaces. *Revista CPC*, v. 14, n. 27 esp., p. 133-148, 2019.

# **Breve relato de algumas experiências sobre o Centro de Referência em Direitos Humanos do curso de Direito da Universidade Federal de Juiz de Fora – Campus Governador Valadares entre 2014 e 2017**

Adamo Dias Alves<sup>1</sup>

Hellen Louzada Eler<sup>2</sup>

Maxwel Soares Oliveira<sup>3</sup>

Críscila Cristina Ramos<sup>4</sup>

Kessia Priscila Miranda Ramos<sup>5</sup>

Priscila Prates Ribeiro da Silva<sup>6</sup>

<sup>1</sup>Doutor e Mestre em Direito pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Docente do Departamento de Direito Público da UFMG. Foi docente do Departamento de Direito do campus de Governador Valadares de agosto de 2012 a agosto de 2017. Foi Coordenador do projeto de 2014 a agosto de 2017. adamodiasalves@gmail.com.

<sup>2</sup>Graduanda em Direito na Universidade Federal de Juiz de Fora – campus de Governador Valadares. Bolsista do Edital de Demanda Espontânea 01/2017da PROEX. hellenleler@gmail.com.

<sup>3</sup>Graduando em Direito na Universidade Federal de Juiz de Fora – campus de Governador Valadares. Bolsista do Edital de Demanda Espontânea 01/2017da PROEX. so.maxwel@gmail.com.

<sup>4</sup>Graduanda em Direito na Universidade Federal de Juiz de Fora – campus de Governador Valadares. Discente voluntária do Edital de Demanda Espontânea 01/2017da PROEX. criscilaramos@hotmail.com.

<sup>5</sup>Graduanda em Direito na Universidade Federal de Juiz de Fora – campus de Governador Valadares. Discente voluntária do Edital de Demanda Espontânea 01/2017da PROEX. kessiamramos@gmail.com.

<sup>6</sup>Graduanda em Direito na Universidade Federal de Juiz de Fora – campus de Governador Valadares. Discente voluntária do Edital de Demanda Espontânea 01/2017da PROEX. priscilaribeiroprates@hotmail.com.

# **Breve relato de algumas experiências sobre o Centro de Referência em Direitos Humanos do curso de Direito da Universidade Federal de Juiz de Fora – Campus Governador Valadares entre 2014 e 2017**

## **1 CENTRO DE REFERÊNCIA EM DIREITOS HUMANOS: O QUE É E A RAZÃO DA SUA IMPORTÂNCIA**

O Centro de Referência em Direitos Humanos (CRDH) do curso de Direito da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) no campus de Governador Valadares (MG) foi pensado como uma resposta a uma demanda da região quando do início das atividades do curso de Direito no campus avançado de Governador Valadares.

Mais de 20 instituições, à época da instalação do curso de Direito da UFJF em Governador Valadares, quando questionadas se a região carecia de mais ações em promoção e defesa dos direitos humanos, afirmaram positivamente que eram necessárias mais iniciativas para o esclarecimento, promoção e defesa dos direitos humanos junto às comunidades da região, que sempre conviveram com altas taxas de ocorrência de crimes violentos, sendo uma das regiões mais perigosas para os adolescentes, jovens, negros, de classe econômica mais baixa, conforme levantamento feito por órgãos oficiais e publicado no Mapa da Violência (WAISELFISZ, 2012, p.57; WAISELFISZ, 2015, p.61).

Segundo a Secretaria de Direitos Humanos ligada à Presidência da República, a formação de um CRDH justifica-se pelas experiências realizadas por diversos órgãos e instituições ao redor do Brasil, as quais possibilitam à população de baixa renda acesso a serviços básicos indispensáveis à vida, além de esclarecimento quanto a direitos básicos da população. Os CRDHs devem configurar-se como uma casa de direitos, na qual se implementará a defesa e promoção dos direitos humanos por meio de ações educativas inovadoras e efetivas, que se atentam em reconhecer e valorizar a complexidade da cultura local e das práticas comunitárias.

Os CRDHs atuam como mecanismos de defesa, promoção e acesso à justiça e estimulam o debate sobre cidadania e conquista de direitos. Os resultados positivos dos projetos apoiados pela Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República (SDH/PR) fundamentam a criação de um CRDH.

As equipes envolvidas têm como ponto de partida atividades, que visam à humanização; à emancipação do ser humano; à transformação social, construindo realidades mais justas e igualitárias.

A formação de um CRDH em uma cidade como Governador Valadares está em consonância com as determinações do PNDH-3, decreto nº 7.037, de 21 de dezembro de 2009, atualizado pelo decreto 7.177 de 12 de maio de 2010, que tem como diretriz número 17, a promoção de sistema de justiça mais acessível, ágil e efetivo, para o conhecimento, a garantia e a defesa dos direitos (BRASIL, Decreto nº 7037).

O objetivo do CRDH – UFJF-GV é atuar na promoção, defesa e implementação dos direitos humanos na cidade de Governador Valadares, com ações educativas,

como cursos de formação e capacitação, palestras temáticas, mediação de conflitos, informação sobre as principais ações de direitos humanos na região etc. Esses objetivos, em uma perspectiva geral, apresentam-se a partir de uma mobilização da comunidade acadêmica (docentes, discentes e técnicos administrativos de educação), bem como instituições governamentais, não governamentais e particulares, a fim de gerar conhecimento; desenvolver capacidades a partir de reflexão crítica acerca da dinâmica dos direitos humanos; propor políticas públicas; desenvolver ações de promoção e defesa desses direitos, de modo a efetivar o Programa Nacional de Direitos Humanos (PNDH-3) em Governador Valadares.

## **2 METODOLOGIA**

O projeto de extensão do CRDH do curso de Direito da UFJF no campus de Governador Valadares utiliza a metodologia participativa e a pesquisa-ação em cooperação com as organizações da sociedade civil e autoridades locais. É desenvolvida uma inserção progressiva e contínua no meio social da cidade de Governador Valadares, realizando uma investigação prospectiva sobre a situação da efetivação, esclarecimento e garantia dos direitos humanos.

Após a inserção e a análise das situações e dos elementos, são traçadas possíveis formas de atuação, direcionadas à prevenção e à resolução dos conflitos. Todas essas atividades são realizadas sob orientação dos docentes envolvidos no CRDH em cada uma de suas diretorias, problematizando a experiência local com o ensino na sala de aula, propiciando a aproximação entre a Universidade e a comunidade bem como a produção de conhecimento e as ações sociais direcionadas.

O CRDH, na última versão do projeto aprovado para o ano de 2017, conta com sete professores colaboradores, de diferentes áreas, que têm buscado realizar projetos individuais de extensão na área de Direitos Humanos e interligados pelo CRDH. A perspectiva é que em breve a proposta do Centro de Referência transforme-se em um programa de extensão contemplando ainda mais projetos individuais na área dos direitos humanos dos professores do curso de Direito e demais cursos dos Institutos existentes em Governador Valadares.

Os beneficiários das ações do Centro de Referência são originários de toda região. Desde a comunidade acadêmica aos camponeses do Movimento de Trabalhadores Sem Terra (MST), conselheiros municipais, coletivos de defesa de minorias, lideranças comunitárias, segmentos sociais em risco, crianças e adolescentes, idosos, encarcerados, bem como todo e qualquer cidadão.

## **3 RESULTADOS**

Com atividades intensas, o CRDH obteve diversos resultados com a integração com a comunidade valadarense e região. A princípio, nota-se uma ampliação da rede de beneficiários e interlocutores com a realização de cursos de capacitação em direitos humanos e sistemas de proteção, voltados para os Conselheiros Municipais da cidade de Governador Valadares, e acompanhamento das atividades dos Conselhos Municipais ligados a Secretaria de Assistência Social do Município de Governador Valadares. Não só o meio urbano fez parte da rede do CRDH. O CRDH realizou

acompanhamento jurídico dos assentados da Comunidade Padre Gino, localizada no município de Frei Inocência (MG). Na ocasião, os extensionistas participaram de reuniões do MST em Governador Valadares, realizaram visita ao local, onde se encontra o assentamento Padre Gino, na cidade de Frei Inocência; conheceram o dilema dos conflitos agrários, e apresentaram, fruto dessa experiência, um trabalho científico com o tema “A vida agrária brasileira e o histórico do MST em Governador Valadares/MG” no I Seminário de Pesquisa e Extensão do Direito (SEMPEX), na UFJF.

Esses trabalhos discutiram e evidenciariam pontos imprescindíveis sobre a realidade da região de Governador Valadares e seus conflitos no campo. Posto isso, o Centro de Referência desenvolveu estudos voltados para a realidade dos assentamentos e dos trabalhadores rurais, abordando o direito à terra como um direito humano, além de elaborar cursos de formação de direitos humanos voltados à tal temática.

Foram feitas também ações junto ao Poder Público para esclarecer sobre a gravidade da situação, no intuito de impedir novas violações de direitos humanos das comunidades assentadas na região, tentando inclusive sensibilizar os atores políticos locais e regionais sobre a importância e a dimensão da questão.

Simultaneamente aos trabalhos com o MST, no CRDH desenvolveram-se estudos sobre os direitos das mulheres e a violência intrafamiliar na cidade de Governador Valadares. Por meio do material levantado nas pesquisas, realizou-se um evento, o “Ciclo de Palestras sobre Direitos Humanos, Emancipação Feminina e Violência Intrafamiliar”, junto a profissionais de diferentes órgãos como servidores públicos ligados a Delegacia Especializada da Mulher de Governador Valadares e representantes do movimento feminista da cidade.

Ademais, com a realização do “Ciclo de Palestras sobre o Resgate da Memória e as Comissões da Verdade”, em perspectiva comparada Brasil e Alemanha, pode-se discutir o contexto do surgimento da Carta das Nações Unidas e o horror da amplitude das violações de direitos humanos praticadas em nome do Estado no passado.

O CRDH atuou na promoção dos direitos humanos junto a alunos do Ensino Médio e do programa Jovem Aprendiz, feita no Lar Fabiano de Cristo. O CRDH na ocasião viabilizou um plantão tira-dúvidas sobre os direitos humanos, na 2ª Edição da Feira de Profissões e Cidadania do Lar Fabiano de Cristo, em 13 de maio de 2016.

Além dessas experiências, os extensionistas, a pedido do Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), têm feito conferências sobre a temática dos direitos humanos, elucidando questões específicas, demandadas pela comunidade local. Em agosto de 2017, por exemplo, os extensionistas abordaram o tema “Direitos Humanos e Pessoas Idosas”, evento planejado com intuito de promover orientações dos direitos previstos no Estatuto do Idoso e na Lei Orgânica de Assistência Social junto à comunidade do bairro Santa Rita.

## **4 CONCLUSÃO**

O projeto de extensão do CRDH da UFJF, no Campus de Governador Valadares, tem se destacado nas suas incursões extensionistas, graças à enriquecedora interação entre a comunidade e a Universidade na produção de novo saber e novas formas de promover e defender a efetivação dos direitos humanos na região.

Com muito estudo, pesquisa e planejamento das ações, a promoção e a defesa dos direitos humanos têm gerado uma nova percepção sobre o pertencimento à comunidade local e a importância do exercício da cidadania. São atividades que estão sendo desenvolvidas pelo CRDH – UFJF-GV e que têm obtido resultados positivos, pois cada vez mais as atividades do centro ganham publicidade e com isso os extensionistas, com grande frequência, são chamados a promover o conhecimento dos direitos humanos. É nesse sentido que somos chamados a falar dos direitos das crianças e dos adolescentes, dos idosos, das mulheres, dos trabalhadores sem-terra, dos deficientes, etc., em vários espaços.

Dessa forma, é possível reconhecer a contribuição e a força da extensão da UFJF na cidade de Governador Valadares, que com o saber promove e resgata a dignidade.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. *Plano Nacional de Direitos Humanos*. n 3. Decreto 7037 de 21 de dezembro de 2009. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2009/decreto/d7037.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d7037.htm). Acesso em 25 set. 2017.

WASELFISZ, Julio Jacobo. *Mapa da Violência 2012: Crianças e Adolescentes do Brasil*. Rio de Janeiro: FLACSO/CEBELA, 2012.

WASELFISZ, Julio Jacobo. *Mapa da Violência 2015: Adolescentes de 16 e 17 do Brasil*. Rio de Janeiro: FLACSO/CEBELA, 2015.

# **Língua e literatura por meio do projeto de extensão "Contos de mitologia: contação de histórias clássicas no Ensino Fundamental"**

Fernanda Cunha Sousa<sup>1</sup>  
Barbara Delgado Azevedo<sup>2</sup>  
Mariana Souza Veiga<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Doutora em Letras – Linguística e docente da área de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: fernanda.cunha@ufjf.br.

<sup>2</sup>Doutoranda em Linguística pela Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: barbaradelgadoa@gmail.com.

<sup>3</sup>Mestra em Linguística pela Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: mariana.veiga@letras.ufjf.br.

# Língua e literatura por meio do projeto de extensão "Contos de mitologia": contação de histórias clássicas no Ensino Fundamental

## 1 INTRODUÇÃO

*Ora, se ninguém pode passar vinte e quatro horas sem mergulhar no universo da ficção e da poesia, a literatura concebida no sentido amplo a que me referi parece corresponder a uma necessidade universal, que precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito. (Candido, 1995, p. 175)*

Iniciamos este capítulo com uma importante reflexão do professor Antonio Candido acerca da natureza da Literatura para a humanidade: trata-se de uma necessidade; um direito. Uma necessidade, pois, segundo o próprio Candido, é uma constante nas sociedades, ou seja, todos os seres humanos, de todos os tempos, encontram meios de fabular sobre o mundo.

Sendo a literatura encarada como uma necessidade, considera-se que é, como consequência, também um direito, o que é mais expressamente tratado na epígrafe deste trabalho. Se a literatura é parte integrante do *ser* humano, *ser* como verbo, então, é impreterível que seja acessada, difundida, familiarizada, apropriada, transgredida.

Entretanto, a realidade brasileira tem demonstrado o contrário. A pesquisa "Retratos da Leitura no Brasil", desenvolvida pelo Instituto Pró-Livro, Itaú Cultural e IBOPE Inteligência, com dados de 2019, mostra que havia, à época, no país, cerca de 100 milhões de leitores<sup>1</sup>, ou seja, 52% da população eram constituídos por leitores. Longe de determinar um leitor pelo número de livros que lê e ainda considerando o tempo decorrido desde a pesquisa, é possível compreender que esse cenário ainda representa a realidade.

Essa imagem se reproduz nas salas de professores, em congressos e publicações sobre educação (De Mello, De Pinho, Falcão, 2023), cujo foco seja discutir a cultura, a educação e até mesmo a sociedade, onde surge, com certa frequência, a temática da necessidade de fazer as crianças e adolescentes desenvolverem prazer pela leitura literária.

Não buscamos, com isso, dizer que não se lê no Brasil; muito pelo contrário, uma vez que, com o crescimento das plataformas digitais, e leitura tornou-se central na vida de grande parte da população (INAF, 2018). O ponto é, contudo, o espaço da literatura por fruição, pro prazer na vida social e privada.

---

<sup>1</sup> Nesta pesquisa, foram considerados leitores aqueles que tinham lido pelo menos um livro, mesmo em parte, nos últimos três meses.

Dessa forma, se a literatura é um direito e uma necessidade social e coletiva, a escola é ainda a instituição que detém mais possibilidades para garantir sua efetivação. É por meio dela que grande parte da população tem (ou deveria ter) acesso a conteúdos considerados fundamentais para que seus membros exerçam sua cidadania, entre outros objetivos<sup>2</sup>. Trata-se de "aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento" (Brasil, 2017).

A própria Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2017) considera que uma das competências básicas de um brasileiro, ao término do ensino médio, é

envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura. (2017, p. 87)

Essa prática literária deve incluir experimentações de gêneros e culturas variadas, que levem em consideração as experiências humanas diversas e universais. Nesse ponto, destaca-se a Literatura Clássica, pois, dentre várias razões – que incluem a importância dessa cultura para as sociedades ocidentais -, "a poesia antiga agrada aos que têm acesso a ela, mediados por uma educação que aparelha a apreciação estética do indivíduo e desnaturaliza a percepção do belo" (Miotti, 2016).

Contudo, para que esse trabalho seja realizado, é preciso que o professor esteja preparado para realizá-lo, tanto em relação às práticas docentes, quanto ao conhecimento sobre a literatura e a cultura Clássica. Nesse ponto, não podemos deixar de falar sobre a formação inicial de professores e de como as experiências em sala de aula, com profissionais já atuantes, auxiliam no processo contínuo de tornar-se e ser docente.

Portanto, para unir ambos os campos da formação inicial do professor (o contexto escolar e a universidade), um dos caminhos mais ricos e frutíferos a ser considerado é a Extensão Universitária, que considera a demanda social (ensino significativo/reflexivo da Literatura/Cultura clássica) e uma necessidade interna (a formação prática e significativa de futuros docentes).

A partir do exposto, esta reflexão tem por objetivo discutir de que maneira o ensino de Literatura Clássica na educação básica é um caminho para a efetivação do direito humano à literatura, à cultura mundial, à fruição, ao mesmo tempo em que é mediador do pensar sobre a sociedade, sobre a realidade e, sobretudo, sobre si e sobre o outro. Pensando ainda na garantia do acesso aos clássicos, queremos também formar cidadãos livres e alcançar reconhecimento extramuros da importância do trabalho didático a partir desse conhecimento.

---

<sup>2</sup>Não desconsideramos o quanto elitistas podem ser as seleções desses conhecimentos considerados essenciais nem o quanto pode ser ineficaz o sistema por meio do qual pretende-se difundir-los. Mas essa discussão, apesar de muito necessária, foge ao nosso escopo neste trabalho.

Ademais, este capítulo ainda se propõe a discutir de que maneira a formação inicial de futuros professores associada a ações extensionistas de inserção na escola auxilia a compreender a prática e aproximar sua experiência formativa com a realidade que os aguarda, tornando-os profissionais cada vez mais capazes de interagir efetiva e criticamente para contribuir para a superação de situações que levam à desigualdade social, compartilhando os saberes produzidos no ambiente acadêmico.

Pretendemos demonstrar a aplicação dessas colocações teóricas a partir da apresentação da experiência extensionista do projeto “Contos de Mitologia”, desenvolvido pela Universidade Federal de Juiz de Fora, em parceria com a Escola Municipal Presidente Tancredo Neves, em que os estudantes da Faculdade de Letras, em parceria com professoras da rede pública, realizaram um espetáculo teatral com estudantes do quinto ano do Ensino Fundamental.

O texto se divide em três subcapítulos: i) a Literatura Clássica como um direito; ii) projetos de extensão na formação de professores reflexivos, críticos e transformadores e iii) "Mitos em Cena": extensão, formação e direito à literatura.

## **2 LITERATURA CLÁSSICA COMO UM DIREITO**

Como discutido na introdução, a literatura é considerada um direito humano, uma vez que é uma necessidade, compartilhada por toda a humanidade desde os seus primórdios. Contudo, também a compreendemos como um direito porque constitui um meio pelo qual organizamos nossas compreensões acerca de nós, dos sentimentos e ações humanas, e também do mundo que nos envolve. Ainda conforme Antonio Candido: "Quer percebamos claramente ou não, o caráter de coisa organizada da obra literária torna-se um fator que nos deixa mais capazes de ordenar a própria mente e sentimentos; e em consequência, mais capazes de organizar a visão que temos do mundo" (Candido, 1995, p. 174-175).

Compreendemos, em consonância com Fortes e Miotti (2014), que é rica a proposta de “uma reflexão sobre os valores atuais da nossa cidadania, em contraste e em contato com aqueles dos gregos e romanos. Colocados em perspectiva, os valores do mundo clássico poderão ser motivo de discussão dos valores do nosso mundo” (p. 8). Poderão ainda incentivar atividades ligadas ao trabalho com língua portuguesa em sala de aula, ao aguçar a curiosidade e motivar a expressão oral e escrita das crianças a partir dos temas evocados.

Além disso, retomando as propostas de Candido (1995), nem toda a população dispõe do mesmo acesso ao que se chama de formas complexas da literatura, sobretudo, considerando as desigualdades sociais brasileiras. Portanto, defendemos a democratização do seu acesso e que a escola é o espaço mais propício para isso em nosso contexto atual.

Nesse ponto, reconhecemos, assim como a legislação brasileira (Brasil, 2017) e diversos autores (Cosson Paulino, 2009), que a literatura na escola tem, entre seus objetivos, ampliar o repertório cultural dos estudantes, de maneira que possam acessar obras que não conhecem e, para além, ressignificar o que já conhecem. Acrescentamos ainda que a literatura também propicia ainda o (re)encontro do prazer do docente no seu fazer cotidiano, trazendo novos desafios e resultados, ao oportunizar novos diálogos com os alunos e com materiais teóricos de pesquisa que lhe darão suporte para o trabalho.

Nessa direção, ressaltamos que os produtos culturais baseados na tradição clássica que circulam atualmente são inúmeros: jogos, filmes, séries, quadrinhos, mangás, dentre outros, que se baseiam ou adaptam diretamente obras produzidas pelos gregos e romanos em diferentes períodos. Contudo, o contato do sujeito fica, na maioria das vezes, restrito ao nível superficial e sem mediação e/ou reflexão. Assim, conforme Miotti (2016), “perde-se, com isso, a oportunidade de instigar a curiosidade e o espírito crítico dos alunos diante do material ao qual já estão sendo expostos, articulando o espaço escolar ao natural interesse das crianças pela cultura pop”.

Portanto, o ensino da Literatura Clássica deve ser considerado não um conteúdo possível, mas, de fato, um direito do estudante, para que possa compreender de forma cada vez mais crítica e curiosa os conteúdos a que tem acesso nos diferentes espaços, mas, muito além disso, para que possa compreender criticamente elementos do seu mundo, da sua sociedade e das suas práticas.

Para que isso seja possível, é preciso que haja professores efetivamente preparados para este trabalho. Assim, discutiremos a seguir a formação de professores na área de Estudos Clássicos em contexto extensionista.

### **3 PROJETOS DE EXTENSÃO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES REFLEXIVOS, CRÍTICOS E TRANSFORMADORES**

O modelo tradicional de formação inicial de professores há muito vem sendo colocado em cheque, entre outros fatores, devido à falta de preparo sentida e relatada por muitos para a sua atuação depois de formados (Sampaio e Santos, 2018). E, frequentemente, deparamo-nos com uma avaliação do formando sobre a forte presença de discussão acerca de pressupostos e teorias linguísticas ao longo do curso sem que haja, entretanto, correlação entre com a prática docente posterior<sup>3</sup>.

Dentre as muitas possibilidades de resolução de tal questão, algumas das quais já vêm sendo implementadas e com sucesso, defendemos que a experiência proporcionada pela extensão universitária é um importante avanço para essa formação significativa por envolver dois pontos principais: i) garante a inserção antecipada dos estudantes em diferentes contextos de ensino, inclusive o escolar; ii) possibilita a produção de conhecimento dialogada e respeitosa entre a universidade e diferentes segmentos sociais.

É a partir desse contato inicial do futuro profissional da educação, ainda mediado por um professor já formado, que se compreendem muitos dos desafios do trabalho e se obtém ajuda para solucioná-los, de maneira a compreender/construir os caminhos possíveis (Azevedo, 2020).

Destaca-se ainda a própria natureza da extensão universitária, que compreendemos como uma ponte muito eficiente entre a comunidade acadêmica e membros dos demais segmentos da sociedade, na qual, sem hierarquias, produz-se e influencia-se ao mesmo tempo. E isso só é possível ao partirmos do pressuposto de que a Universidade

---

<sup>3</sup>Não defendemos aqui uma formação puramente utilitarista, mas uma formação que envolva cada vez mais a reflexão laboral.

não pode imaginar-se proprietária de um saber pronto e acabado, que vai ser oferecido à sociedade, mas, ao contrário, exatamente porque participa dessa sociedade, deve ser sensível aos seus problemas e necessidades, sejam os expressos pelos grupos sociais com os quais interage, sejam aqueles definidos ou apreendidos por meio de suas atividades próprias de Ensino, Pesquisa e Extensão (FORPROEX, 1987).

Assim, a extensão universitária tem o potencial de responder demandas sociais ao mesmo tempo em que possibilita o aprendizado em conjunto com aqueles com quem se interage por meio dela. E, assim, ambos se influenciam e conseguem contribuir para a modificação do contexto social que os cerca.

A partir dessa compreensão, apresentaremos as ações o projeto de extensão “Contos de Mitologia”, da Universidade Federal de Juiz de Fora, desenvolvidas em 2018, que culminaram na apresentação teatral “Mitos em Cena”, apresentada para comunidade externa e interna no Anfiteatro da Faculdade de Letras, durante a 25ª Semana de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras.

#### **4 "MITOS EM CENA": EXTENSÃO, FORMAÇÃO E DIREITO À LITERATURA**

É impossível falar da idealização e da implantação do projeto de extensão “Contos de Mitologia”, no início dos anos 2000, na Universidade Federal de Juiz de Fora, sem citar a Professora Neiva Ferreira Pinto, que elaborou a proposta em conjunto com a Prof.<sup>a</sup> Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa, em seu grupo de discussão, na Universidade Federal de Minas Gerais, dando origem, assim, a projetos homônimos em ambas as instituições.

Na UFJF, o projeto teve duração de cinco anos, sob a coordenação da Professora Neiva Ferreira Pinto e depois foi retomado em 2014, por ela e pela Professora Fernanda Cunha Sousa<sup>4</sup>. Justamente por ser uma história longa e presente em diversos contextos, foram necessários diversos ajustes de acordo com a realidade de cada instituição com a qual o “Contos de Mitologia” dialogava<sup>5</sup>.

As atividades desenvolvidas no ano de 2018 pelas equipes de Língua e Literatura Latina da Faculdade de Letras da UFJF e da Escola Municipal Presidente Tancredo Neves se propuseram a: divulgar a cultura clássica e o prazer pela leitura em crianças e adolescentes, através da contação de mitos ovidianos adaptados; proporcionar uma experiência de formação inicial e/ou continuada para os bolsistas e voluntários envolvidos; auxiliar o trabalho desenvolvido pela equipe da escola parceira no desenvolvimento das habilidades de linguagem das crianças dos quintos anos do Ensino Fundamental atendidas pela escola.

---

<sup>4</sup>Fernanda Cunha Sousa e Tatiana Franca Rodrigues Zaniratto, ambas ex-alunas da Professora Neiva Ferreira Pinto, foram responsáveis por implantar o projeto também na Universidade Federal de Goiás – Campus Jataí.

<sup>5</sup>Para mais informações sobre o histórico do projeto, veja: SOUSA, F.C.; NOVAIS, V.S. Projeto de Extensão “Contos de Mitologia” e Escola Municipal Tancredo Neves: uma profícua parceria. *INTERTEXTO*, Uberaba, v. 14, p. 44-68, 2022.

A atividade de encerramento integrou ainda a 25ª Semana de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras, evento de extensão mais antigo da unidade, que reúne professores e alunos de graduação e pós-graduação da área de estudos clássicos de várias instituições da região sudeste.

#### **4.1 Retrospectiva das atividades desenvolvidas em 2018**

Em março, as aulas da Faculdade de Letras foram iniciadas, depois das férias acadêmicas, bem como as reuniões do projeto, que sempre antecedem o contato inicial dos bolsistas/voluntários com a equipe docente e os estudantes da escola parceira.

Definiu-se, então, um calendário de atividades para as tardes com os alunos dos anos finais do Ensino Fundamental I, da Escola Municipal Presidente Tancredo Neves, no qual foram estabelecidos dezesseis encontros, os quais deveriam ocorrer quinzenalmente, assim como ocorria desde 2014, a fim de evitar prejuízo para as demais atividades previstas pela equipe da escola para as turmas atendidas.

Além disso, também era necessário traçar quais caminhos tomaríamos para aliar ensino de língua portuguesa e leitura de mitos clássicos de uma forma atrativa para a faixa etária e qual seria a culminância disso, ou seja, qual seria o evento de letramento<sup>6</sup> a ser realizado. Havia ainda, o desejo de apresentar um trabalho criativo e diferente daqueles que já haviam sido feitos nos anos anteriores, de modo a variar também a experiência formativa dos discentes de Letras envolvidos.

Logo, as discentes Barbara e Mariana salientaram o desejo de realizar uma peça teatral, pois ambas já estavam envolvidas com essa arte, e tendo em vista que

[...] o trabalho com teatro na escola, assim como outras formas de expressão artística, é uma interessante alternativa na construção de uma nova filosofia para a educação. Utilizar-se do teatro como linguagem pedagógica é conduzir o aluno ao processo de autonomia na construção do conhecimento e principalmente, construí-lo de forma prazerosa, gerando interessantes situações de aprendizagem (Vasconcelos, 2011, p. 4).

Assim, foi desenvolvido o seguinte planejamento inicial, o qual, poderia sofrer modificações tanto na proposta em si, já que dependia de uma boa recepção da equipe da escola e dos alunos, quanto nas datas:

---

<sup>6</sup> Ideia ancorada na definição sociolinguística de eventos de fala e definida por Heath (1982) como “toda ocasião em que um fragmento de texto é parte integrante da natureza das interações e dos processos interpretativos dos participantes” (p. 50).

**Quadro 1 – Calendário de atividades na escola parceira (2018)**

MARÇO	ABRIL
26 - Primeiro contato	9 - Mostrar os textos escolhidos e trabalhar com o gênero <i>texto teatral</i> (funções) 23 - Processo de adaptação e escolha das tarefas
MAIO	JUNHO
7 - Ensaio na escola 21 - Ensaio na escola	4 - Ensaio na escola 18 - Ensaio na escola
AGOSTO	SETEMBRO
6 - Ensaio na escola 20 - Ensaio na escola	13 - Ensaio geral na FALE 17 - Apresentação teatral na FALE

**Fonte:** Equipe do Projeto

Essa proposta foi apresentada à equipe pedagógica e professoras da escola, aprovada sem modificações e, por isso, implantada. Coube, então, às bolsistas/voluntárias, após fechamento do calendário, prepararem-se para o primeiro contato com as turmas.

As interações, de aproximadamente 40 minutos, começaram da seguinte forma: apresentação pessoal e do projeto, diálogo sobre as expectativas da equipe e as das crianças, conversas sobre os conhecimentos prévios em relação à mitologia (o que sempre surpreende positivamente pela variedade de conhecimento prévio dos temas que as crianças apresentam) e, finalmente, uma dinâmica desenvolvida pelo grupo chamada “Mito ou Verdade”.<sup>7</sup>

Os encontros de abril foram cruciais para realmente vislumbrar a realização ou não do que havia sido idealizado. No dia 9, foi feita uma contação de histórias em cada uma das quatro turmas. Em cada turma, optou-se por ler um mito diferente, escolhido a partir da alternância de protagonismo de personagens femininas e masculinas: Scila e Minos, Prosérpina, Prometeu e Parcas.

Em seguida, verificou-se se todos haviam entendido as histórias, qual personagem mais havia chamado a atenção, entre outras informações pertinentes. Finalmente, foi proposta a adaptação daqueles contos para textos teatrais com vistas à posterior apresentação na Faculdade de Letras.

Como era de se esperar, houve bastante agitação e uma divisão entre aqueles que imediatamente demonstraram interesse em atuar e aqueles que, por vergonha, preferiram se abster ou negar a participação. Porém, foi enfatizado que a arte teatral

<sup>7</sup>O jogo consiste em contar fatos e mentiras sobre a cultura clássica e sobre costumes cotidianos dos povos gregos e romanos e pedir que os estudantes levantem cartões verdes (quando considerarem que a frase seja verdade) ou vermelhos (quando considerarem que a frase seja mentira). Depois, explicar se aquela é uma informação verdadeira e dar espaço para as crianças se expressarem sobre os temas.

envolve uma série de funções e não somente a encenação, o que levou os estudantes a aderirem à atividade, respeitando suas aptidões, desejos e inseguranças.

Faz-se necessário pontuar que insistimos na proposta, mesmo diante de algumas resistências, porque:

o teatro, como recurso metodológico, ensina os alunos a viver e a ampliar seus horizontes culturais, bem como perder a timidez e se colocar no lugar de desenvolvimento o outro, tornando-se, com isso, um artefato eficaz para o da capacidade cognitiva, uma vez que, desperta nos alunos o interesse por temas, textos e autores variados (Almeida, 2016b, p. 60).

No dia 23 de abril, iniciamos o processo de adaptação dos mitos para texto teatral, a partir da exploração de um exemplo, seguida de aula expositiva sobre como esse gênero é escrito (presença de rubricas, nomes dos personagens etc.). Posteriormente, dividiram-se as tarefas a serem realizadas por cada um (quem faria cada personagem, quais grupos ficariam responsáveis por ajudarem a desenvolver o cenário, as vestimentas).

Cabe ressaltar que a realização, principalmente da confecção dos acessórios, não seria possível sem o auxílio das professoras regentes de turma e também de um trabalho das bolsistas/voluntárias nas semanas em que não estavam atuando em sala de aula. De maio a agosto, com um intervalo de um mês em julho, em decorrência de férias escolares, foram realizados os ensaios com os alunos no pátio da escola, principalmente com a bolsista Mariana Veiga, enquanto Barbara Azevedo, Isadora Belli e as professoras regentes das turmas ficaram responsáveis por cuidar do suporte e bastidores.

No dia 13 de setembro, foi feito um ensaio geral com os estudantes já no espaço em que aconteceria a encenação para que se familiarizassem com o local e, conseqüentemente, ficassem menos ansiosos.

Finalmente, no dia 17 de setembro de 2018, data de encerramento da 25ª Semana de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras, as cinco turmas foram trazidas para a universidade para apresentação das peças<sup>8</sup>. Na plateia, estavam membros de seus núcleos familiares, membros da equipe da escola, professores e alunos de graduação e pós-graduação de diversas universidades da Região Sudeste, participantes do evento de extensão.

## 4.2 Apresentação

As apresentações foram baseadas no livro “Metamorfoses”, de Ovídio, feitas pelas cinco turmas de quinto ano da escola parceira. A composição musical que acompanhou as apresentações foi executada pelo Coro Acadêmico da UFJF, projeto de extensão do Instituto de Artes e Design, sob coordenação do Professor Willsterman Sottani Coelho.

---

<sup>8</sup><https://www2.ufjf.br/noticias/2018/09/19/mitos-em-cena-reune-75-criancas-em-apresentacao-cultural/>

A aquisição dos materiais que compuseram o cenário e os adereços utilizados pelas crianças foi possível com o apoio da Fundação de Apoio ao Ensino, Pesquisa e Extensão (FADEPE)<sup>9</sup>, por meio do edital 01/2018 – Fomento aos Programas e Projetos de Extensão.

**Figura 1** - Compilado de registros da realização da peça teatral



**Fonte:** Equipe do Projeto.

Importante destacar que, embora nem todos os estudantes estivessem diretamente engajados na atuação, a “leitura dramática envolve tanto os alunos que se apresentam como os que assistem à apresentação. Exige uma pesquisa sobre a obra, autor, contexto histórico e social, desenvolve os talentos dos leitores dramáticos e produzem efeitos muitíssimo duradouros na mente dos educandos” (Funari, 2003, p. 101).

<sup>9</sup><https://fadepe.org.br/2018/09/20/mitos-em-cena-acontece-em-agosto-com-o-apoio-da-fadepe/>

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este capítulo apresentou uma experiência com a leitura e adaptação de mitos para texto teatral na escola básica, por meio da mediação de extensionistas do projeto “Contos de Mitologia” em um evento de letramento, mais especificamente a encenação teatral.

A proposta visou tanto à questão pedagógica quanto artística, já que tinha como objetivos não somente a formação de leitores literários mas também a valorização do teatro como arte (e também como fruição), a democratização do acesso a ele — tendo em vista a escola pública onde o projeto realiza suas atividades, com a maioria de alunos em situação de vulnerabilidade socioeconômica — e o incentivo ao conhecimento da Cultura Clássica nos segmentos básicos da educação.

O trabalho desenvolvido com os estudantes de quinto ano da escola municipal Presidente Tancredo Neves, na cidade de Juiz de Fora, defende e demonstra que é possível promover um ensino transformador e libertador, o que implica a criação de propostas pedagógicas que privilegiem o diálogo, a experiência, a expressão sem medo de represálias e, acima de tudo, o direito à literatura — inclusive de textos da cultura clássica.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. H. G. (2016b). Ensino de História a partir do Teatro: entre práticas e representações. In: Neves, A. F., De Paula, M. H., Dos Anjos, P. H. R. Estudos interdisciplinares em humanidades e letras. São Paulo: Blucher, 59-72.

AZEVEDO, Barbara. *Ressignificando a sala de aula de língua portuguesa: narrativas em interação no estágio supervisionado*. Dissertação (Mestrado em Linguística) — Programa de Pós-graduação em Letras: Linguística, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2020.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Educação é a Base. Brasília: MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf) Acesso em: 2 jun. 2017.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: \_\_\_\_\_. *Vários Escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1995, p. 235-263.

COSSON PAULINO, G. Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola. In: ZIBERMAN, R; ROSING, T. *Escola e leitura: velha crise, novas alternativas*. São Paulo: Global Editora, 2009.

DE MELLO, Ângela Rita Christofolo; DE PINHO, Albina Pereira; FALCÃO, Jairo Luis Fleck. Apresentação do dossiê temático: texto, ensino e a literatura no ensino forproex. I Encontro Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras.

Conceito de extensão, institucionalização e financiamento. UNB, Brasília, 04 e 05 de novembro de 1987. Disponível em: . Acesso em: 25 jan. 2018.

FUNARI, P.P. A. 2003. “A renovação no ensino de História Antiga”, História na Sala de Aula, Leandro Karnal (org.), São Paulo, Contexto, 95-108.

FUNDAMENTAL II. *Revista de Educação do Vale do Arinos-RELVA*, v. 10, n. 2, p. 5-18, 2023.

INAF. Indicador de Alfabetismo Funcional. Inaf Brasil 2018: resultados preliminares. Ação educativa, Instituto Paulo Montenegro, Ação Social do IBOPE. 2018. Disponível em: [https://acaoeducativa.org.br/wpcontent/uploads/2018/08/Inaf2018\\_Relat%C3%B3rio-ResultadosPreliminares\\_v08Ago2018.pdf](https://acaoeducativa.org.br/wpcontent/uploads/2018/08/Inaf2018_Relat%C3%B3rio-ResultadosPreliminares_v08Ago2018.pdf). Acesso em: 01 mar. 2021.

MIOTTI, Charlene Martins. Letras Clássicas na Escola: sobre “a utilidade do inútil”. *Nuntius Antiquus*, v. 12, n. 2, p. 49-69, 2016.

SAMPAIO, T. F.; SANTOS, D. (Orgs.). *Com a Palavra, o professor de Português*. 1. ed. Campinas: Pontes Editores, 2020. 162p

SOUSA, F. C.; NOVAIS, V. S. Projeto de Extensão “Contos de Mitologia” e Escola Municipal Tancredo Neves: uma profícua parceria. *Intertexto*, Uberaba, v. 14, p. 44-68, 2022.

## **Formação continuada de professores: construindo saberes para a elaboração de jogo didático interdisciplinar**

Andréia Francisco Afonso<sup>1</sup>

Ingrid Gerdi Oppe<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Coordenadora do projeto. Universidade Federal de Juiz de Fora. Instituto de Ciências Exatas. Departamento de Química. E-mail: [andreia.afonso@ufff.br](mailto:andreia.afonso@ufff.br).

<sup>2</sup>Bolsista de Extensão. Universidade Federal de Juiz de Fora. Instituto de Ciências Exatas. Departamento de Química. E-mail: [ingrid\\_gerdi@hotmail.com](mailto:ingrid_gerdi@hotmail.com).

# Formação continuada de professores: construindo saberes para a elaboração de jogo didático interdisciplinar

## 1 INTRODUÇÃO

Este texto traz um relato do desenvolvimento de um projeto, submetido ao Edital 01/2017 – Programas e Projetos de Extensão – Demanda Espontânea, no ano de 2017, e seus respectivos resultados alcançados ao final do mesmo. O projeto tinha como objetivo geral a construção de estratégias didáticas interdisciplinares para que os professores participantes, da área de Ciências da Natureza, pudessem utilizá-las em suas aulas.

O foco das pesquisas tem sido a epistemologia e/ou a educação, sob diversas perspectivas. Enquanto a interdisciplinaridade se tornou uma temática que vem sendo estudada ao longo dos anos. Entretanto, a definição do termo ainda não encontra um consenso na literatura científica, sendo, desse modo, a interdisciplinaridade compreendida de diferentes formas, o que acaba gerando insegurança nos professores. Essa insegurança, inclusive, pode tornar difícil o início e o desenvolvimento de uma prática docente interdisciplinar.

A falta de uma definição única se justifica pelo processo de desenvolvimento da interdisciplinaridade, tornando-a mais importante do que a sua definição em si (Fazenda, 2011). Contudo, o estudo de Fernandes (2017) aponta que a compreensão da palavra, ou seja, o sentido que se atribui a interdisciplinaridade foi essencial para as docentes do Ensino Fundamental, participantes da sua pesquisa.

O termo interdisciplinaridade, mesmo nos documentos implementados pelo Ministério da Educação, como, por exemplo, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) – documento vigente durante o desenvolvimento do projeto de extensão – e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), não possui uma indicação do que seja e como proceder para que uma prática docente possa ser denominada como interdisciplinar.

Os PCNs da área de Ciências Naturais, para o terceiro e quarto ciclo do Ensino Fundamental, relaciona a interdisciplinaridade à necessidade de uma mudança na educação, especialmente no ensino dos conteúdos, como mostra o trecho a seguir:

Questionou-se tanto a abordagem quanto a organização dos conteúdos, identificando-se a necessidade de um ensino que integrasse os diferentes conteúdos, com um caráter também interdisciplinar, o que tem representado importante desafio para a didática da área. (Brasil, 1998, p. 20-21)

Esse trecho vai ao encontro do estudo de Lück (2017, p. 9), o qual indica que:

A interdisciplinaridade é uma dessas ideias-força que, embora não seja recente, agora se manifesta e a partir de enriquecimento conceitual e da consciência cada vez mais clara da fragmentação

criada e enfrentada pelo homem em geral e pelos educadores, em especial, no dia-a-dia.

A recomendação dos PCNs de Ciências da Natureza para que ocorra a inserção da interdisciplinaridade no processo de ensino de ensino e aprendizagem pode contribuir para que o estudante consiga mobilizar o conhecimento científico em situações do seu cotidiano. Essa mobilização, inclusive, tem sido apontada como um dos obstáculos para a aprendizagem de Ciências. Segundo Bevilacqua e Coutinho-Silva (2007, p. 85):

No ensino de Ciências, estas questões podem ser percebidas pela dificuldade do aluno em relacionar a teoria desenvolvida em sala com a realidade a sua volta. Considerando que a teoria é feita de conceitos que são abstrações da realidade (Serafim, 2001), podemos inferir que o aluno que não reconhece o conhecimento científico em situações do seu cotidiano, não foi capaz de compreender a teoria.

A literatura científica (Fazenda, 2011; Hülsendeger, 2006; Hartmann; Zimmermann, 2007; Lück, 2017) também aponta que o processo de ensino e aprendizagem, voltado a uma abordagem interdisciplinar, contribui para que se tenha uma educação de qualidade nas escolas de Educação Básica, um direito garantido pela Lei de Diretrizes e Bases (LDB 9394/96) (Brasil, 1996).

Contudo, atualmente, a interdisciplinaridade não está presente nas salas de aula, por diversos motivos: falta de tempo para planejamento; defasagem na formação inicial; insegurança e não compreensão do termo pelos docentes (Fernandes, 2017). Outro fator que também impede a realização da prática docente interdisciplinar é a falta de material didático com foco interdisciplinar, que possa ser utilizado e, assim, auxiliar durante as aulas. Daí, surgiu a motivação para a escrita e submissão do projeto de Extensão acima citado.

Ao tentarem inserir a interdisciplinaridade, no momento em que estão discorrendo sobre um tema, os professores encontram dificuldade, pois não conseguem estabelecer relações entre as diferentes disciplinas do currículo, de modo que aconteça a integração entre as diferentes áreas do saber. Dessa forma, a existência de estratégias e/ou materiais que possam ser trabalhados pelos docentes pode suprir essa necessidade. Diante desse contexto apresentado, a seguir, serão apresentadas as etapas da Metodologia para o desenvolvimento do projeto.

## **2 METODOLOGIA**

As etapas para o desenvolvimento do projeto foram:

1. Levantamento e estudo de referenciais teóricos voltados ao tema da pesquisa:

O levantamento foi importante para a identificação das pesquisas que eram desenvolvidas sobre a interdisciplinaridade no âmbito educacional. Para Pizzani *et al.* (2012, p. 54), “[...] a revisão de literatura sobre as principais teorias que norteiam o

trabalho científico” e o levantamento bibliográfico pode ser feito “[...] em livros, periódicos, artigos de jornais, sites da Internet entre outras fontes”.

Os referenciais teóricos selecionados foram utilizados como aportes para o planejamento da oficina oferecida aos professores da área de Ciências da Natureza, atuantes na Educação Básica.

2. Planejamento de oficinas semanais, com duração de duas horas, a serem oferecidas aos professores de Ciências, ao longo de um semestre:

A oficina foi proposta de modo que se constituísse como encontros, junto a professores da área de Ciências da Natureza, atuantes na Educação Básica, para o compartilhamento de experiências e estudos sobre a interdisciplinaridade.

O objetivo dessa oficina era que, ao final dos encontros, fossem elaborados materiais, pelos próprios participantes, para que pudessem utilizá-los nas escolas. Além disso, vale destacar que, ao utilizar materiais didáticos no ensino de Ciências, os professores podem promover a conexão entre teoria e prática (Ferreira; Hartwig; Oliveira, 2010).

Uma cópia desses materiais também foi guardada pela coordenadora e bolsista do projeto, a fim de emprestá-la a outros docentes que não puderam participar da oficina.

3. Convite aos professores de área de Ciências da Natureza, atuantes nas escolas públicas localizadas em Juiz de Fora – Minas Gerais:

Após o planejamento da oficina, deu-se início a divulgação e ao convite aos professores da Educação Básica, através do e-mail daqueles que já tínhamos contato e pelas redes sociais. Três professoras de Ciências e Biologia responderam ao nosso convite, sendo uma da rede municipal e duas da rede estadual de ensino (Quadro 1).

**Quadro 1** - Perfil das professoras participantes da oficina

<b>PROFESSORAS</b>	<b>ATUAÇÃO</b>	<b>NÍVEL DE ENSINO</b>	<b>DISCIPLINA</b>
Professora 1	Rede Municipal	Ensino Fundamental	Ciências
Professora 2	Rede Estadual	Ensino Fundamental/ Ensino Médio	Ciências/Biologia
Professora 3	Rede Estadual	Ensino Fundamental/ Ensino Médio	Ciências/Biologia

**Fonte:** Elaborado por uma das autoras.

4. Oferecimentos das oficinas:

A oficina foi oferecida em uma das salas do Departamento de Química da Universidade Federal de Juiz de Fora, ao longo de seis meses, no ano de 2017. Os encontros aconteceram semanalmente e continham atividades que estimulavam a participação ativa das professoras.

Os primeiros dias da oficina foram destinados ao estudo e discussão de referenciais teóricos a respeito da interdisciplinaridade. Esse momento se apoiou em pesquisas que apontavam que, para os docentes, era essencial a compreensão do termo, para que, assim, pudessem elaborar uma prática interdisciplinar, como já mencionado na Introdução.

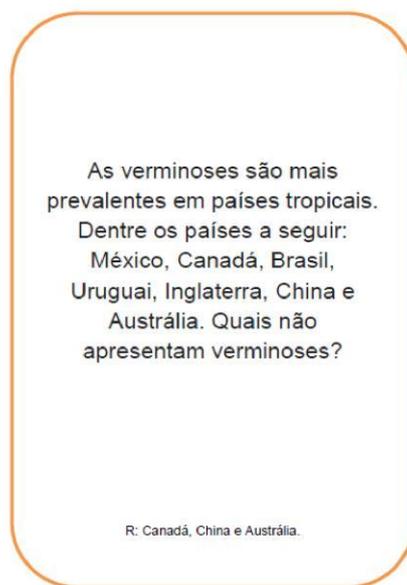
Após a discussão, ficou definido que o material didático a ser elaborado seria um jogo didático, e como havia somente três participantes, elas o produziram coletivamente. Entende-se o jogo didático como um recurso capaz “de trazer significado para o entendimento do aluno e desenvolver outras habilidades, estimulando a interação social e a competição sadia” (Pinto *et al.*, 2021, p. 2247).

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O jogo didático criado pelas professoras consistiu em um conjunto de 16 cartas, nas quais haviam perguntas sobre conteúdos de Ciências. Esse tipo de material foi escolhido tendo em vista que as docentes já tinham experiência com a elaboração e aplicação de jogos em suas aulas. Para Cunha (2012), os jogos ainda promovem o desenvolvimento de diferentes maneiras de pensar e torna o professor um estimulador da aprendizagem.

As perguntas foram elaboradas pelas professoras, de modo que os estudantes teriam que mobilizar conhecimentos que são próprios de outras áreas, além daqueles abordados nas aulas de Ciências, como mostra a Figura 1.

**Figura 1** - Uma das cartas do jogo didático criado pelas professoras



**Fonte:** Professoras participantes do projeto de Extensão.

Na carta da Figura 1, o conteúdo biológico explorado é o de verminoses. Ele era abordado, na época do desenvolvimento do projeto, no oitavo ano do Ensino Fundamental, indo ao encontro de um dos objetivos do estudo de Ciências nessa etapa de escolarização: “conhecer o próprio corpo e dele cuidar, valorizando e adotando hábitos saudáveis como um dos aspectos básicos da qualidade de vida e agindo com responsabilidade em relação à sua saúde e à saúde coletiva” (Brasil, 1998, p. 7).

Junto a abordagem sobre verminoses, foram citados nomes de países, dos quais os estudantes teriam que reconhecer quais podem ser classificados como tropicais. Essa classificação é abordada nas aulas de Geografia, por isso, as docentes acreditavam que, dessa forma, estariam promovendo um diálogo entre as disciplinas Ciências e Geografia e, portanto, promovendo a interdisciplinaridade com seus alunos.

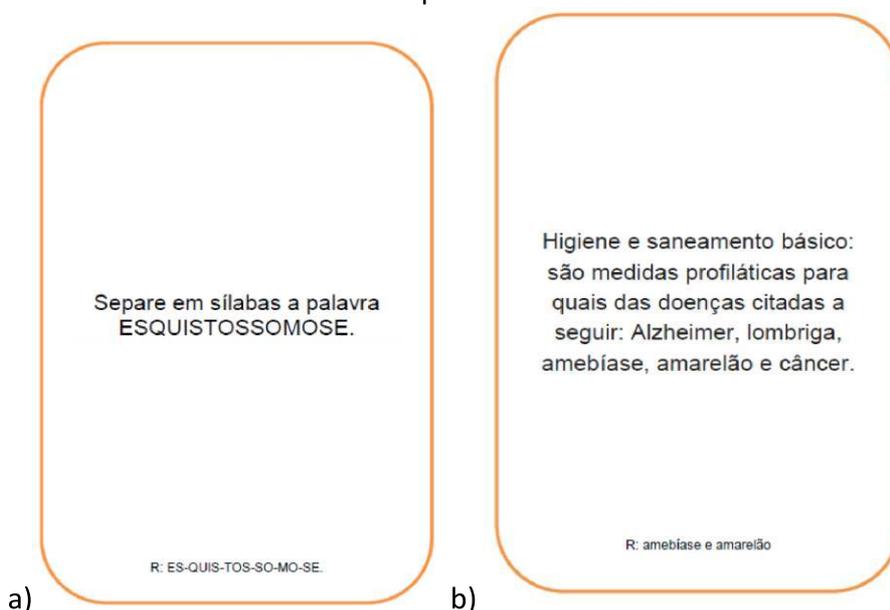
Esse entendimento vai na mesma direção do trabalho de Wallner e Etges (1993, p. 18 *apud* Jantsch; Bianchetti, 2011, p. 23), para os quais:

A interdisciplinaridade, enquanto princípio-mediador entre as diferentes disciplinas, não poderá jamais ser elemento de redução a um denominador comum, mas elemento teórico-metodológico da diferença e da criatividade. A interdisciplinaridade é o princípio da máxima exploração das potencialidades de cada ciência, a compreensão dos seus limites, mas, acima de tudo, é o princípio da diversidade e da criatividade.

As outras disciplinas presentes no currículo da Educação Básica, que também tiveram seus conhecimentos explorados nas cartas do jogo foram: Língua Portuguesa, Artes, Matemática, Literatura e História.

A Língua Portuguesa foi utilizada não só no que se refere à sua metalinguagem, como, por exemplo, a Figura 2a, mas também para leitura e interpretação da tarefa presente nas cartas (Figura 2b).

**Figura 2** - Conteúdo de Língua Portuguesa abordado e exemplo de mobilização da leitura e compreensão da tarefa



**Fonte:** Professoras participantes do projeto de Extensão.

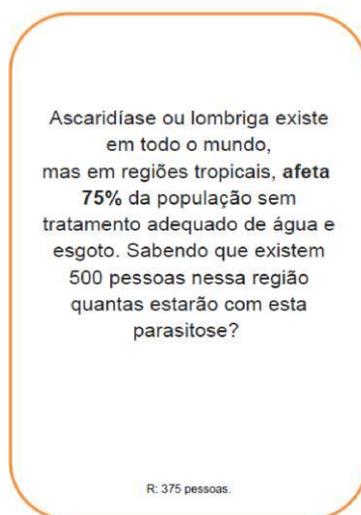
Para a resolução da situação presente na carta da Figura 2b, o estudante teria que compreender o significado do termo “medidas profiláticas”. Portanto, as professoras tiveram a preocupação em estimular uma leitura a ser feita de forma atenta e o questionamento sobre as palavras e terminologias desconhecidas pelos alunos.

Em relação a leitura na sala de aula, Pereira e Lima (2018, p. 34) afirmam que

[...] é necessário que os professores, de todas as áreas de ensino, não somente o professor de Língua Portuguesa, realizem práticas leitoras de diferentes gêneros textuais em suas aulas diárias, pois, formar leitores críticos e ativos, é um processo coletivo.

Já nas cartas que tinham um diálogo entre Ciências e Matemática, os estudantes foram motivados a realizarem cálculos (Figura 3).

**Figura 3** - Uma das cartas do jogo didático criado pelas professoras, envolvendo a Matemática



**Fonte:** Professoras participantes do projeto de Extensão.

Por meio da carta da Figura 3, pode-se perceber que “a Matemática é uma ciência que relaciona o entendimento coerente e pensativo com situações práticas habituais e compreende uma constante busca pela veracidade dos fatos através de técnicas precisas e exatas” (Ramos, 2017, p. 206). Logo, ela pode ser trabalhada, mesmo que seus conceitos mais básicos, por outras disciplinas.

Portanto, por meio do jogo didático, as professoras planejaram abordar e avaliar os conceitos científicos construídos pelos estudantes, como também mostrar que é possível um diálogo entre as diferentes disciplinas do currículo da Educação Básica e, assim, realizar uma prática interdisciplinar.

## 4 CONCLUSÕES

Por meio da elaboração de um material didático – jogo – foi possível promover o estudo e a discussão sobre as contribuições da interdisciplinaridade no processo de ensino e aprendizagem nas aulas de Ciências. Como o jogo era algo do conhecimento das professoras participantes, a insegurança relacionada à prática interdisciplinar, relatada na literatura científica, foi rompida, permitindo a elaboração do produto para posterior aplicação nas aulas.

Diante da experiência promovida com o desenvolvimento do projeto de Extensão, pode-se afirmar que são necessárias mais ações, junto aos docentes da Educação Básica, a fim de discutir e compartilhar ações que envolvam a

interdisciplinaridade no âmbito educacional. Essas ações auxiliarão na compreensão das orientações presentes nos documentos implementados pelo Ministério da Educação, que recomendam a elaboração de currículo e práticas interdisciplinares no âmbito das diferentes disciplinas.

## 5 AGRADECIMENTO

À Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal de Juiz de Fora, pela concessão da bolsa e às professoras de Ciências, participantes do projeto.

## REFERÊNCIAS

BEVILACQUA, G.D.; COUTINHO-SILVA, R. O ensino de Ciências na 5ª série através da experimentação. *Ciências & Cognição*, v. 10, p. 84-92, 2007.

BRASIL. *Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996*. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: MEC, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretária de Educação Média e Tecnológica. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Brasília: MEC, 1998.

CUNHA, M.B. Jogos no ensino de química: Considerações teóricas para sua utilização em sala de aula. *Química Nova na Escola*, v. 34, n. 2, p. 92-98, 2012.

FAZENDA, I.C.A. *Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro: efetividade ou ideologia*. 6. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2011.

FERNANDES, A.L.A. *A prática interdisciplinar de professoras de Ciências do Ensino Fundamental Ciclo II*. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação Química) – Programa de Pós-Graduação em Química, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2017.

FERREIRA, L.H.; HARTWIG, D.R.; OLIVEIRA, R.C. Ensino experimental de química: uma abordagem investigativa contextualizada. *Química Nova na Escola*, v. 32, n. 2, p. 101-106, 2010.

JANTSCH, A. P.; BIANCHETTI, L. *Interdisciplinaridade: Para além da filosofia do sujeito*. 9 ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

HARTMANN, A.M.; ZIMMERMANN, E. O trabalho interdisciplinar no Ensino Médio: A reaproximação das “duas culturas”. *Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências*, v. 7, n. 2, p. 1-16, 2007.

HÜLSENDEGER, M.J.V.C. Interdisciplinaridade: um novo olhar sobre o processo de ensino aprendizagem. *Revista Educação e Tecnologia*, n. 2, p. 1-12, 2006.

LÜCK, H. *Pedagogia interdisciplinar: Fundamentos teórico-metodológicos*. Petrópolis: Vozes, 2017.

PEREIRA, F.B.; LIMA, S. A. Leitura e ensino de Ciências: estratégias de leitura para o gênero textual mapa. *Experiências em Ensino de Ciências*, v. 13, n. 3, p. 33-47, 2018.

PINTO, L.Q.; PAIS, A.C.V.B.; NÓBILE, F.H.M.; GABRIEL, G.M.; SODERO, J.P.T. Descobrimos os Elementos: a elaboração de jogos didáticos como alternativa de ensino. *Brazilian Journal of Development*, Curitiba, v. 7, n. 1, p. 2247-2253, jan. 2021.

PIZZANI, L. *et al.* A arte da pesquisa bibliográfica na busca do conhecimento. RDBCI: *Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, Campinas, v. 10, n. 2, p. 53-66, jul./dez., 2012.

RAMOS, T.C. A importância da Matemática na vida cotidiana dos alunos do Ensino Fundamental II. *Cairu em Revista*, Ano 06, n. 09, p. 201-218, 2017.

# Amigas da saúde: promoção da saúde das adolescentes em situação de risco e vulnerabilidade do bairro Dom Bosco

Rayla Amaral Lemos<sup>1</sup>

Pamela Souza Almeida Silva Gerheim<sup>2</sup>

Marcela Castellões Leite<sup>3</sup>

Ana Carolina Silva Costa<sup>4</sup>

Maria Pollyanna Alcantara Lucarelli<sup>5</sup>

Júlia Mayrink<sup>6</sup>

<sup>1</sup>Professora Adjunta da Faculdade de Fisioterapia da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Mestre em Saúde Coletiva pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Especialista em Políticas e Pesquisas em Saúde Coletiva (UFJF). E-mail: raylalemos@gmail.com.

<sup>2</sup>Professora adjunta do Departamento de Farmacologia da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Doutora na área de Farmacologia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). E-mail: pmlsouz@gmail.com.

<sup>3</sup>Graduanda em Medicina pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: marcelacastelloes@gmail.com.

<sup>4</sup>Graduanda em Medicina pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: anacarolinacosta108@gmail.com.

<sup>5</sup>Graduanda em Medicina pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: pollyluca@hotmail.com.

<sup>6</sup>Graduanda em Medicina pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: jmayrinks@gmail.com.

# **Amigas da saúde: promoção da saúde das adolescentes em situação de risco e vulnerabilidade do bairro Dom Bosco**

## **1 INTRODUÇÃO**

A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) apontou que, em 2015, 21% da população brasileira era constituída por crianças e adolescentes até 14 anos de idade (IBGE, 2016). Os direitos da população nesta faixa etária são garantidos pelo estatuto da criança e do adolescente que tem como prioritária a “proteção integral à criança e ao adolescente, sem qualquer discriminação, antecipando que lhe sejam garantidas todas as oportunidades e facilidades que proporcionem o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade” (Brasil, 1990). O Brasil, por meio de políticas e programas específicos como, a Política de Saúde da Criança, os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio, do Pacto de Redução da Mortalidade Materna e Neonatal, do Pacto pela Saúde e com o Programa Mais Saúde, entre outros, mantém o compromisso em desenvolver ações de promoção, proteção e recuperação da saúde neste ciclo da vida. No país, segundo dados da PNAB, em 2015, 18,0% das crianças e adolescentes de 5 a 14 anos residiam em domicílios cujo rendimento mensal per capita era de até 1/4 do salário mínimo (IBGE, 2016). A pobreza e outros determinantes sociais de saúde como baixa escolaridade parental, violência, entre outros, são reconhecidamente fatores de impacto sobre o crescimento e desenvolvimento de crianças e adolescentes, podendo gerar alterações estruturais e funcionais no sistema nervoso central com repercussões sobre a saúde, qualidade de vida, independência e autonomia de sujeitos e sociedade (Neves *et al.*, 2016; Noble *et al.*, 2015; Walker *et al.*, 2011).

O processo saúde-adoecimento e o cuidado da criança e do adolescente, com foco nos fatores de risco e determinantes sociais de saúde à luz das políticas públicas definidas pelo Ministério da Saúde, devem ser objeto de atuação não apenas do poder público, mas da família, da comunidade, da sociedade e, em especial, da equipe multiprofissional de saúde. Esta, deve buscar o desenvolvimento de propostas teóricas e práticas que apoiem a elaboração de planos operacionais de enfrentamento dos determinantes de saúde, prestando cuidado humanizado e integral neste ciclo de vida.

Pobreza, baixa escolaridade materna, exposição à violência, má nutrição, ausência de redes de suporte social, são exemplos de determinantes do processo saúde adoecimento de crianças e adolescentes. A exposição a múltiplos fatores de risco, evidenciando iniquidades em saúde, acarreta graves problemas de saúde pública. Vários estudos nacionais e internacionais apontam para os impactos dos determinantes sociais de saúde sobre a saúde e qualidade de vida de indivíduos e coletividades ao longo do ciclo de vida (Walker *et al.*, 2011, Noble *et al.*, 2015). No que tange ao desenvolvimento do ciclo de vida da criança e do adolescente, em uma série de estudos publicados na Lancet (2011), Walker e colaboradores apontaram para evidências de que a exposição a fatores de risco biológicos e psicossociais afetam o desenvolvimento cerebral e comprometem o desenvolvimento nesta fase do ciclo de

vida, e que as iniquidades em saúde iniciam-se bem cedo, atingem o desenvolvimento desde o pré-natal, e perpetuam um ciclo agravado por complexos problemas sociais que afetam a saúde. A exposição contínua e sistemática a diversos fatores de risco ou vulnerabilidade podem gerar prejuízos que perpetuam consequências negativas ao longo da vida, influenciando a saúde, qualidade de vida, autonomia e independência na vida adulta e na sociedade em geral (Walker *et al.*, 2011).

Entre os complexos problemas de saúde que influenciam a vida de adolescentes em situação de vulnerabilidade está a gravidez na adolescência. Nesse sentido, o quinto relatório anual do *State of The World's Mothers*, publicado em 2004, destacou que 1/4 de todos os nascimentos do mundo são de mulheres com menos de 20 anos, residentes em sua maioria (90%) em países em desenvolvimento. O documento apontou ainda que a gravidez e o parto foram as principais causas de morte entre adolescentes de 15 a 19 anos nesses países. Além do alto índice de mortalidade materna, a gravidez na adolescência traz inúmeros outros riscos à saúde do bebê, como parto prematuro, prejuízos no desenvolvimento da criança, perpetuação de fatores de risco e vulnerabilidade em saúde como pobreza, baixa escolaridade, entre outros, que poderão repercutir na saúde e na vida adulta.

Diante destas questões, o enfrentamento dos determinantes sociais de saúde coloca-se como uma resposta às necessidades de saúde da população e ao atendimento do conceito ampliado de saúde que extrapola a ausência de doença. Esta compreensão mobiliza equipes de saúde e o poder público na busca de estratégias operacionais que viabilizem intervenções efetivas. Dentre estes esforços contínuos e sustentáveis estão os ferramentais e o referencial teórico da promoção da saúde. Na Política Nacional de Promoção da Saúde:

Propõe-se, então, que as intervenções em saúde ampliem seu escopo, tomando como objeto os problemas e as necessidades de saúde e seus determinantes e condicionantes, de modo que a organização da atenção e do cuidado envolva, ao mesmo tempo, as ações e os serviços que operem sobre os efeitos do adoecer e aqueles que visem ao espaço para além dos muros das unidades de saúde e do sistema de saúde, incidindo sobre as condições de vida e favorecendo a ampliação de escolhas saudáveis por parte dos sujeitos e das coletividades no território onde vivem e trabalham. (Brasil, 2010, p. 11)

Este mesmo documento aponta em seus valores e diretrizes: a equidade, a participação social, a autonomia o empoderamento, a intersetorialidade, a intrasetorialidade, a sustentabilidade, a integralidade e a territorialidade, e traz como um de seus objetivos específicos “promover o empoderamento e a capacidade para a tomada de decisão e a autonomia de sujeitos e coletividades por meio do desenvolvimento de habilidades pessoais e de competências em promoção e defesa da saúde e da vida” (Brasil, 2010, p. 38).

Atentar para as necessidades de saúde de indivíduos e grupos em situação de risco e vulnerabilidade mediante ações organizadas de promoção da saúde é um imperativo na busca de resultados mais eficazes na saúde e qualidade de vida da população. Além de contribuir para o desenvolvimento da sociedade minimizando

os índices de morbimortalidade e prejuízos trazidos pela necessidade de alto investimento no controle destes índices. Em especial, no cuidado da infância e adolescência, fases cruciais do desenvolvimento humano em suas múltiplas dimensões.

Buscando atender a estas e outras demandas, o projeto “Amigas da saúde: promoção da saúde das adolescentes em situação de risco e vulnerabilidade do bairro Dom Bosco” teve como objetivo geral desenvolver estratégias de promoção da saúde e atuar na prevenção de processos de adoecimento no ciclo de vida de adolescentes em condição de risco e vulnerabilidade. Os objetivos específicos incluíram:

- i. Conhecer as adolescentes, a comunidade e os equipamentos sociais de apoio do território selecionado para o projeto;
- ii. Identificar junto às adolescentes as necessidades quanto ao cuidado, promoção e prevenção dos agravos à saúde neste ciclo de vida;
- iii. Desenvolver estratégias educativas para empoderamento quanto ao cuidado da saúde, fortalecer fatores de proteção, resiliência, habilidades sociais e comportamentais no enfrentamento dos determinantes sociais de saúde a que estão expostas e;
- iv. Capacitar os estudantes de graduação para atuação em comunidades e grupos em vulnerabilidade social através de atividades educativas.

## 2 METODOLOGIA

O projeto atuou junto a adolescentes do sexo feminino, de 13 a 19 anos de idade, residentes no Bairro Dom Bosco, na cidade de Juiz de Fora. Este bairro está sob a área de abrangência do Centro de Referência em Assistência Social unidade Centro-CRAS, distando aproximadamente 6 km do centro da cidade. Segundo dados de 2012 do Mapa Social de Juiz de Fora, o bairro Dom Bosco possui 354 domicílios atendidos pelo CRAS, sendo o segundo bairro em número de assistidos por este Centro, denotando assim a expressiva quantidade de famílias em situação de risco e vulnerabilidade social no local (Horta *et al.*, 2012). De toda a população referenciada e atendida pelo CRAS-Centro, a maior parte está concentrada na faixa etária de 6 a 15 anos de idade (46,35%), enquanto na faixa etária de 0 a 5 anos de idade encontram-se 23,56% da população atendida. Dessa maneira, 69,91% da população acompanhada pelo CRAS-Centro são de crianças e adolescentes. A população atendida é de baixa renda e escolaridade, e mais de 30% quando chega aos 18 anos está fora da escola (Horta *et al.*, 2012). Apreendeu-se que tais características da população atendida pelo CRAS se aplicava a população do bairro Dom Bosco como um todo, visto este ser o 2º em contingente de população atendida por este equipamento social, estando apenas atrás do Centro de Juiz de Fora, que é bastante heterogêneo.

As atividades foram desenvolvidas nas dependências da Organização Não Governamental (ONG) Associação dos Amigos – ABAN, equipamento social do território, que desenvolve projetos de enfrentamento à pobreza e promoção humana e foi parceira deste projeto. A ABAN assiste famílias e indivíduos de diversas faixas etárias por meio de projetos de diversas naturezas, como empregabilidade, educação, assistência social, assistência animal, entre outras. Mediante apoio e divulgação desta instituição parceira, a equipe de estudantes de graduação e professores da área de

saúde da UFJF atuou por meio de oficinas de caráter educativo, de promoção, prevenção e/ou intervenção para cuidado da saúde junto a um grupo de 11 meninas que participavam de outras atividades na instituição.

Como principais atividades desenvolvidas, ocorreram semanalmente oficinas educativas, com duração média de duas horas, nas dependências da instituição parceira (ABAN), alocada no bairro de residência das participantes. Tais encontros ocorreram entre os meses de abril de 2017 e junho de 2018. Cada oficina foi previamente planejada com a equipe do projeto mediante o interesse e escolha temática das meninas participantes. Foram utilizadas estratégias participativas lúdicas e com foco na promoção da saúde e prevenção da morbimortalidade no ciclo de vida das adolescentes. Como principais temas figurou-se medo, ansiedade, depressão, relacionamentos, ética, autocuidado, homossexualidade, família, ciclo menstrual e métodos contraceptivos, infecções sexualmente transmissíveis, espiritualidade e Deus, entre vários outros.

O referencial teórico das oficinas foi o método participativo, com a valorização do saber popular como estratégia de empoderamento, autocuidado e autonomia das participantes para enfrentamento dos determinantes sociais de saúde, em consonância com os referenciais teórico-operacionais propostos nas Políticas Nacionais de Promoção da saúde (2011) e de Educação Popular e Saúde (2007; 2014).

Em seu cerne, a promoção da saúde e o enfrentamento dos determinantes sociais de saúde visam a relação com a sociedade e a geração de impacto social por meio do empoderamento dos sujeitos, autonomia e fortalecimento local com ações intersetoriais. Assim, em seu constructo teórico, mediante os referenciais embaixadores, bem como em sua proposta de ação, este projeto estabeleceu relação com a sociedade com vistas a gerar impacto social. Fatores que contribuíram para o alcance destes objetivos foram: o envolvimento e parceria com os equipamentos sociais e lideranças instaladas na comunidade, como a Associação dos Amigos (ABAN), a utilização do método participativo e de estratégias de ação como a educação popular em saúde e a busca de inserção e formação de vínculo com a comunidade local.

Quando disponíveis, testes padronizados de diagnóstico e avaliação foram aplicados durante o desenvolvimento da oficina, de acordo com o tema trabalhado, dentre eles: Genograma, Ecomapa, Apgar social, Avaliação do estilo de vida - Pentágulo e Escala de Percepção de Suporte Social Familiar. Além disso, ocorreu a avaliação das práticas e comportamentos de cuidado em saúde do público-alvo em cada semestre e ao final do projeto. A percepção das adolescentes participantes sobre as atividades desenvolvidas foi avaliada ao final de cada oficina, bem como a percepção da equipe do projeto sobre as atividades desempenhadas. A cada oficina, foi gerado um relatório contendo metodologia utilizada, desenvolvimento e registro das atividades e as percepções das participantes sobre o encontro.

### **3 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Os testes padronizados utilizados para avaliação e diagnóstico evidenciaram importantes fatores de risco e vulnerabilidade social como pobre rede de suporte social e familiar, vivências de situações de conflito intrafamiliar e violência na comunidade, dentre outros. Fatores extensivamente trabalhados com as adolescentes visando potencializar seus fatores de proteção e discutidos com os equipamentos de

suporte social presentes no território, como a instituição parceira e a Unidade de Saúde. Todas as oficinas geraram muito interesse e avaliação positiva das adolescentes, que consideraram ampliação de seus conhecimentos e mudança de práticas em relação aos temas abordados. O número de adolescentes nas atividades desenvolvidas foi consistente, sendo zero o índice de evasão no projeto. Todas as oficinas educativas planejadas foram realizadas. Durante a execução do projeto as adolescentes participaram de um ensaio fotográfico profissional com um profissional da fotografia e maquiadoras profissionais, parceiros das coordenadoras do projeto, o que mobilizou as adolescentes e promoveu sua autoestima e sentimento de valorização.

Resultados interessantes puderam ser percebidos também em relação à formação acadêmica da equipe de saúde envolvida na condução do projeto. As bases teóricas do modelo acadêmico vigente ainda são incipientes no que tange à análise, compreensão e atuação sobre os determinantes sociais de saúde e suas implicações para o cuidado em saúde. Em grande parte, elas ainda têm suas bases no modelo biomédico centrado na doença e na intervenção. Oferecer ao graduando oportunidades práticas de imersão em comunidades com demandas de saúde impactadas pela presença dos determinantes sociais de saúde implica em ampliar, não apenas seus conhecimentos específicos de sua área de formação, mas proporciona a ele uma vivência aprofundada de experiências de cuidado não palpáveis nos ambientes controlados de ensino nas unidades acadêmicas. Em adição, promove o desenvolvimento de habilidades e competências preconizadas pelas instâncias da educação como imprescindíveis para a formação adequada e desejada ao futuro profissional. A vivência desse contexto estimula a capacidade de resolução de problemas reais, trabalho em equipe Inter profissional na prática, atuação em trabalho intersetorial, habilidades de liderança e resolução de conflitos, entre outras, fomentando a formação de um profissional de saúde mais preparado para atuar junto aos diversos cenários que exigem dele tais competências. De forma relevante, a aquisição de tais habilidades e competências foi relatada pela equipe de extensionistas envolvida no projeto.

Assim, a inserção do graduando na comunidade ofertou um campo de aprendizado fértil, aprofundou conhecimentos sobre promoção em saúde, muitas vezes negligenciado no modelo acadêmico dos cursos da saúde ainda centrados na proposta biomédica, na doença e não no sujeito. Impeliu os estudantes para serem autores de ações de promoção, contribuindo para uma formação vinculada mais ao cenário real e menos idealizado. Outro benefício reside no acesso às bases culturais, à história local, aos marcadores de conduta e de expectativa na maioria das vezes não teorizados em livros, artigos e sala de aula.

Vale ressaltar ainda a possibilidade de flexibilização curricular trazida pela participação no projeto de extensão como contribuição para uma formação de acordo com as preferências individuais do estudante.

Como resultados objetivos do impacto na formação discente, pode-se destacar a participação e premiação do projeto na III Mostra de Ações de Extensão da UFJF, a apresentação de um resumo no Congresso da Rede Unida edição 2018 e uma apresentação oral no Seminário do Grupo de Práticas e Pesquisa em Saúde Coletiva (UFV) em 2018. Além disso, foi redigido e publicado um artigo de relato de experiência na revista de extensão nacional *Caminho Aberto* (Leite, 2019).

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O referencial teórico e o método participativo têm se mostrado efetivos na valorização do saber popular como estratégia de empoderamento, autocuidado e autonomia das participantes para enfrentamento dos determinantes sociais de saúde. Assim, em seu constructo teórico, mediante os referenciais embasadores, bem como em sua proposta de ação, este projeto estabeleceu relação com a sociedade com vistas a gerar impacto social. Percebeu-se também a importância das ações de extensão no percurso formativo dos futuros profissionais da saúde, bem como seu potencial em maximizar a participação comunitária na construção teórica e prática da formação em saúde. Destaca-se ainda a pluralidade e riqueza trazida pelo trabalho interprofissional na ação de extensão.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. *Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990*. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, [1990]. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm). Acesso em: 13 mar. 2017.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. *Política Nacional de Promoção da Saúde / Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde*. – 3. ed. – Brasília: Ministério da Saúde, 2010.

HORTA, T.C. *et al. Mapa social: análise da situação do desenvolvimento familiar em Juiz de Fora*. Subsecretaria de Vigilância e Monitoramento de Assistência Social, Juiz de Fora: Funalfa, 2012.

IBGE. *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios: síntese de indicadores – 201*. Rio de Janeiro: IBGE, 2016. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv98887.pdf>. Acesso em: 13 mar. 2017.

LEITE, M.C.; Costa, A.C.S.; LEMOS, R.A.; GERHEIM, P.A.S. Amigas da saúde: conversando sobre Infecções Sexualmente Transmissíveis e Métodos Contraceptivos. *Revista Caminho Aberto*, ano 7, n. 12, jan./jun. 2019.

NEVES, K.R. Crescimento e desenvolvimento e seus determinantes ambientais e biológicos. *Jornal de Pediatria*, v. 92, n. 3, p. 241-250, 2016.

A extensão que fizemos, a extensão que faremos - v. 2

NOBLE, K.G. *et al.* Family income, parental education and brain structure in children and adolescents. *Nature Neuroscience*, v. 18, n. 5, p. 773-778, 2015.

WALKER, S.P. *et al.* Inequality in early childhood: risk and protective factors for early child development. *Lancet*, n. 378, p. 1325-38, 2011.

## Prefácio da III Mostra de Ações de Extensão – 2018

Durante o mês de novembro de 2018, a comunidade extensionista da UFJF contou com um importante espaço de diálogo, troca de saberes e socialização das atividades desenvolvidas junto à comunidade externa da Zona da Mata Mineira e do Vale do Rio Doce. Em sua terceira edição, a Mostra de Ações de Extensão da UFJF reuniu a comunidade extensionista dos *campi* de Juiz de Fora e de Governador Valadares, formada por servidores docentes e técnico-administrativos, graduandos, pós-graduandos e representantes de instituições parceiras integrantes dos programas e projetos de extensão da UFJF, bem como membros da comunidade externa beneficiada por essas atividades.

No *campus* Juiz de Fora, o evento, que integrou a III Semana de Ciência, Tecnologia e Sociedade, foi realizado entre os dias 12 e 14 de novembro. Já em Governador Valadares, as atividades foram realizadas no dia 09 de novembro.

Por meio das modalidades: Palestra, *Banner*, Vídeos, Performances e Atendimento ao Público, Apresentações Culturais e Instalações Pedagógicas Extensionistas (uma marca das mostras de extensão do *campus* de Governador Valadares), as equipes dos programas e projetos puderam socializar as atividades desenvolvidas ao longo de 2017 e 2018, com seus principais resultados, dificuldades e desafios para o futuro.

Os trabalhos apresentados nas modalidades *Banner* e Vídeo foram avaliados por pareceristas externos e os coordenadores das ações cujas apresentações foram premiadas foram convidados pela Pró-reitoria de Extensão (PROEX) a submeter propostas de capítulos de livro. Os textos aprovados compõem a coletânea deste *e-book*, apresentando, a seguir, experiências extensionistas, realizadas por diferentes unidades acadêmicas da UFJF, nas 08 (oito) diferentes áreas temáticas estabelecidas pelo Plano Nacional de Extensão Universitária, a saber: Comunicação, Cultura, Direitos Humanos e Justiça, Educação, Meio Ambiente, Saúde, Tecnologia e Produção e Trabalho.

Os relatos são resultados de programas e projetos da instituição, elaborados e desenvolvidos a partir de princípios basilares da Extensão, como a relação dialógica, a construção de um novo conhecimento, fruto da troca de saberes entre a Universidade e diferentes segmentos da Sociedade, a interdisciplinaridade, a indissociabilidade da extensão com o ensino e a pesquisa, a transformação social e a colaboração para o desenvolvimento de políticas públicas.

Vale destacar ainda que esta obra apresenta uma amostra bastante representativa das ações extensionistas realizadas pela UFJF, que em 2018, contou com 534 programas e projetos em seus dois *campi*, com a participação de 795 discentes bolsistas de graduação e cerca de 1700 voluntários graduandos, 140 pós-graduandos e 20 juniores, estes últimos provenientes do ensino médio de escolas públicas.

Diante do apresentado, convidamos o/a leitor/a deste *e-book* a conhecer as ações extensionistas realizadas ao longo de 2017 e 2018 que receberam Premiação ou Menção Honrosa na terceira edição da Mostra de Ações de Extensão da UFJF.

Diogo Mendes Rodrigues<sup>1</sup>  
Ana Livia de Souza Coimbra<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup>Servidor técnico-administrativo em educação, lotado na Faculdade de Farmácia da UFJF. Graduado em Comunicação Social (2009) e Mestre em Gestão e Avaliação da Educação Pública (2019), ambos pela UFJF. Atuou na Proex entre 2010 e 2022, tendo ocupado os cargos de Coordenador de Ações de Extensão (07/2019 a 12/2020) e de Gerente (02/2016 a 04/2019 e 01/2021 a 06/2021).

<sup>2</sup>Professora Titular do Departamento de Política de Ação do Serviço Social da Faculdade de Serviço Social da UFJF. Pró-reitora de Extensão da UFJF desde abril de 2016. Presidente do Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras (FORPROEX) de junho de 2018 a junho de 2019; do FORPROEX regional Sudeste de abril de 2017 a maio de 2018; do Colégio de Extensão (COEX) da Andifes de junho de 2018 a maio de 2019.

## **Competência midiática: a formação do olhar – oficinas de criação no observatório da qualidade no audiovisual**

Gabriela Borges<sup>1</sup>

Vinícius Guida<sup>2</sup>

Gabriel Ribeiro Telles Ferreira<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), com estágios nas Universidades Autônoma de Barcelona, Dublin Trinity College e Algarve e pós-doutorado pela Universidade do Algarve, em Portugal. Professora da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: gabriela.borges@ufjf.br.

<sup>2</sup>Graduação em andamento em Jornalismo. Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: vinicius\_guida@outlook.com.

<sup>3</sup>Graduação em andamento em Rádio, TV e Internet. E-mail: gabrieltellesrf@hotmail.com.

# Competência midiática: a formação do olhar - oficinas de criação no observatório da qualidade no audiovisual

## 1 INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta as ações de formação desenvolvidas pelo projeto “Competência midiática: a formação do olhar”, que recebeu o primeiro lugar na III Mostra de Ações de Extensão organizada pela Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal de Juiz de Fora, em 2018. Este projeto de extensão é parte integrante do projeto de pesquisa Competências midiáticas em cenários brasileiros e euroamericanos desenvolvido pela Rede Alfamed Brasil<sup>1</sup>, entre 2015 e 2019, com financiamento da Fapemig, do CNPQ e da UFJF<sup>2</sup>. Seu objetivo principal centrou-se na realização de um diagnóstico sobre os níveis de competência midiática de cinco públicos distintos: crianças de 9 a 12 anos, jovens de 14 a 16 anos, universitários, professores universitários e profissionais de comunicação. A partir dos resultados aferidos foram desenvolvidas diversas ações de formação a fim de colmatar lacunas encontradas no desenvolvimento da competência midiática destes públicos.

Integrados a este projeto em rede, foram desenvolvidos vários projetos locais a partir do financiamento de bolsas de extensão, pesquisa e treinamento profissional obtido nos editais lançados pela Universidade Federal de Juiz de Fora, entre 2015 e 2020. O primeiro projeto de extensão, “Competências midiáticas nas escolas: o caso de Juiz de Fora”<sup>3</sup>, foi realizado em 2016 na Escola Municipal Antonino Lessa, no bairro Santa Efigênia, e em 2017 no Sistema Degraus de Ensino, no Centro de Juiz de Fora, e no Instituto Federal Sudeste MG – Campus Santos Dumont. O projeto “Competência midiática: a formação do olhar”<sup>4</sup> foi desenvolvido nos anos de 2017 e 2018, na Escola Estadual Francisco Bernardino, no bairro Manoel Honório, na Escola Municipal Padre Wilson, no bairro Igrejinha, ambas em Juiz de Fora, e no Instituto Federal Sudeste MG, no Campus Santos Dumont. Em 2019, teve início a terceira edição do projeto “Competência midiática: a formação do olhar”<sup>5</sup>, bem como o projeto “Transmídia Ambiente: desenvolvimento de competências comunicativas nas escolas”<sup>6</sup>, porém devido à pandemia do Covid-19 as oficinas de criação não puderam ser aplicadas nas escolas. Com isso, foram adaptadas para o formato digital e produzimos materiais textuais, sonoros e audiovisuais para serem disponibilizados nos canais digitais do

---

<sup>1</sup> Rede Interuniversitária Euroamericana de Investigação sobre Competências Midiáticas para a Cidadania é composta por 16 países da América Latina e Europa. No Brasil, a rede é composta pelas universidades UFJF, UEPG, UFSC, UFTM, UNISO e UNB. Disponível em: [www.redalfamed.org](http://www.redalfamed.org). Acesso em: 09 nov. 2021.

<sup>2</sup> Edital MCTI/CNPq/MEC/CAPES Chamada nº 14/2014 Ciências Humanas, Sociais e Sociais Aplicadas (processo nº 449573/2014-1); Edital 01/2015 FAPEMIG Demanda Universal 2015 (processo APQ CHE 002824-15) e Editais PROEX, PROPP e PROGRAD da Universidade Federal de Juiz de Fora.

<sup>3</sup> Este projeto teve como vice-coordenadora a professora Soraya Ferreira Vieira (UFJF).

<sup>4</sup> Este projeto teve como vice-coordenadora a professora Márcia Barbosa da Silva (UEPG).

<sup>5</sup> Esta edição teve como vice-coordenadora a professora Letícia Barbosa Torres Americano (UFJF). Disponível em: <https://bit.ly/3oh2jQB>. Acesso em: 09 nov. 2021.

<sup>6</sup> Disponível em: <https://bit.ly/3oh2jQB>. Acesso em: 09 nov. 2021.

Observatório da Qualidade no Audiovisual, a fim de servirem como referência para os professores do ensino fundamental e médio trabalharem o desenvolvimento da competência midiática.

Apresentamos, neste trabalho, uma reflexão sobre as ações de formação, desenvolvidas por universitários<sup>7</sup> da Faculdade de Comunicação e do Instituto de Artes e Design, com crianças e jovens do ensino fundamental e médio. Como parte das atividades de pesquisa e extensão do Observatório da Qualidade no Audiovisual<sup>8</sup>, foi trabalhada uma formação calcada no desenvolvimento de competências midiáticas dos universitários para, a seguir, estes atuarem como multiplicadores junto aos outros públicos, na oferta de oficinas de criação audiovisual em escolas públicas e privadas de Juiz de Fora e da Zona da Mata Mineira.

Os resultados da pesquisa Competências midiáticas em cenários brasileiros e euroamericanos:

Esta pesquisa<sup>9</sup> permitiu realizar um diagnóstico sobre os níveis de competência midiática dos públicos envolvidos na amostra. Destacamos que a aplicação dos questionários foi realizada no âmbito de atuação das universidades envolvidas, justamente para que pudessem ser elaboradas ações de formação a partir dos resultados encontrados. Apresentamos a seguir alguns dados relativos aos questionários aplicados aos universitários, às crianças de 9 a 12 anos e aos jovens de 14 a 16 anos.

Os resultados da pesquisa Competências midiáticas em cenários brasileiros e euroamericanos:

Esta pesquisa<sup>10</sup> permitiu realizar um diagnóstico sobre os níveis de competência midiática dos públicos envolvidos na amostra. Destacamos que a aplicação dos questionários foi realizada no âmbito de atuação das universidades envolvidas, justamente para que pudessem ser elaboradas ações de formação a partir dos resultados encontrados. Apresentamos a seguir alguns dados relativos aos questionários aplicados aos universitários, às crianças de 9 a 12 anos e aos jovens de 14 a 16 anos.

Em relação aos universitários, a pesquisa foi realizada com 626 estudantes, de instituições públicas e privadas de 15 cidades brasileiras e foi aplicada pelas universidades UFJF, UNISO, UFTM e UEPG. Conforme pontuam Silva, Vieira e Souza (2019), os universitários se auto avaliam com um conhecimento médio (70,1%) e alto (23,5%), em relação às tecnologias da comunicação e informação, e apontam que adquiriram estes conhecimentos de forma autodidata (64,7%) ou com companheiros e amigos (60,9%). A maioria afirmou ter mais conhecimento (grau 4 numa escala de 1 a 4) sobre o Google (62,8%), seguido de Facebook (60,9%), YouTube (50%) e Instagram (47,8%).

---

<sup>7</sup>Alunos de graduação e pós-graduação, bolsistas e voluntários, envolvidos nos projetos ao longo dos anos foram Amanda Cordeiro Padilha, Anna Leão, Camilla Marangon Feitoza, Daniela Santana de Oliveira, Daiana Sigiliano, Davi Barroso, Eutália Ramos, Gabriel Telles, Gustavo Furtuoso, Hsu Ya Ya, Henrique Perissinotto, Juliana Dias, Leandro Carneiro, Luísa Guimarães, Lucas Caetano, Luma Perobeli, Matheus Soares, Renata Dorea, Ricardo Souza e Tatiana Vieira Lucinda.

<sup>8</sup>Para mais informações, consultar <https://bit.ly/3bXF6wP>. Acesso em: 09 nov. 2021.

<sup>9</sup>Para mais informações sobre os resultados da pesquisa, consultar Borges e Silva, 2019.

<sup>10</sup>Para mais informações sobre os resultados da pesquisa, consultar Borges e Silva, 2019.

No que se refere aos conteúdos audiovisuais, os respondentes indicaram ter mais conhecimento (grau 4) sobre o compartilhamento de imagens (67%) e vídeos (57%), do que sobre a criação de vídeos (32%) e a edição de imagens (41%), assinaladas como grau 3. Por outro lado, a criação de páginas (55%), blogs (36%) e canais no YouTube (32%) foram indicados pelos universitários como sendo as produções em que eles se sentem com menos capacidade para criar.

Os resultados apontam que o desenvolvimento da dimensão tecnologia da competência midiática é bastante avançado, pois os universitários sabem manusear as plataformas digitais, porém ainda têm pouco conhecimento no que se refere à criação de conteúdo. Além disso, as dimensões como ideologia e valores, estética e processos de interação ainda precisam ser mais trabalhadas, para que melhorem o nível de competência midiática.

Em relação às crianças de 9 a 12 anos, foram aplicados 502 questionários pelas universidades UFJF, UEPG, UNB, UFSC e UNISO (SILVA *et al.*, 2021) em escolas públicas e privadas de cinco cidades brasileiras. No que se refere à formação em comunicação audiovisual e digital, a maioria dos estudantes assinalou que nunca teve formação (27,74%) e que aprendeu sozinha (28,94%); enquanto a aprendizagem por meio da família (20,56%), da escola (15,57%), com os amigos (5,79%) e em atividades extraescolares (1,40%) foram menos pontuadas. Este resultado aponta que o conhecimento adquirido pelas crianças se encontra fora do ambiente escolar, por meio da aprendizagem informal.

Os resultados relativos ao nível avançado de competência midiática apontam que as dimensões Tecnologia (75,1%), Linguagem (50,6%) e Estética (36,9%) estão bem pontuadas, indicando que as crianças sabem utilizar a tecnologia, mas não têm necessariamente um pensamento crítico e interventivo, nem sabem filtrar e refletir sobre a sua dieta midiática, muito menos interagir de forma apropriada na internet. Por outro lado, as dimensões Processos de produção e difusão (26,9%), Ideologia e valores (12,7%) e Processos de interação (10,4%) encontram-se numa escala menor, indicando que os alunos apresentam um conhecimento bastante básico para o qual será necessário desenvolver ações de formação que possam colmatar estas lacunas.

Com o mesmo objetivo, na pesquisa realizada com os jovens de 14 e 16 anos (BORGES *et al.*, 2020) foram consultados 499 alunos de seis cidades brasileiras pelas universidades UFJF, UEPG, UNB, UFSC e UNISO. Em relação à formação em comunicação audiovisual e digital, a maioria dos estudantes assinalou que era autodidata, tendo aprendido sozinha (39%) ou com a ajuda de colegas e amigos (18,3%) e familiares (18,3%). 15,5% não adquiriram formação, sendo que 7,4% dos estudantes afirmam que aprenderam com a ajuda de professores e 1,4% por meio de workshops. Do mesmo modo que as crianças de 9 a 12 anos, os dados indicam que os jovens aprendem por meio de estratégias de aprendizagem informal, sendo que mais de um terço deles se considera autodidata.

Os resultados em relação ao nível avançado de competência midiática apontam que os jovens utilizam de forma apropriada a tecnologia (58,80%), bem como percebem os elementos estéticos e os significados associados às mensagens midiáticas (66,90%), sabendo interpretar e analisar conteúdos de forma satisfatória (Ideologia e valores, 59,20% e Linguagem, 51,40%). Porém, as dimensões Processos de interação (34,50%) e de Produção e difusão (4,40%), que estão relacionadas com o consumo e a

participação midiática, precisam de ações de formação no sentido de promover a aprendizagem e o desenvolvimento do espírito crítico.

A partir deste diagnóstico elaboramos as ações de formação no Observatório da Qualidade no Audiovisual, integradas nos projetos de extensão, pesquisa e treinamento profissional financiados pela Universidade Federal de Juiz de Fora.

## **2 CONSTRUÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA DAS AÇÕES DE FORMAÇÃO**

O conceito de competência midiática foi proposto por Ferrés e Piscitelli (2015) e foi traduzido pela revista Lumina (PPGCOM/UFJF). A competência midiática envolve o domínio de conhecimentos, habilidades e atitudes dos indivíduos em relação às mensagens midiáticas. Para operacionalizar o uso do conceito, Ferrés e Piscitelli (2015) definiram seis dimensões a partir das quais são elaborados indicadores que propiciam a sua aplicação metodológica. Estes se relacionam tanto ao âmbito de análise, isto é, a forma como as pessoas recebem e interagem com as mensagens, quanto ao âmbito de expressão, que se refere ao modo como elas produzem suas mensagens.

Desta forma, a competência midiática é desenvolvida a partir de uma abordagem ativa e dialógica, levando em consideração a participação do interlocutor nos processos de seleção, interpretação, aceitação ou rejeição, análise crítica e transmissão, entre outros, que estimulam e sustentam a sua produção criativa no ambiente digital. Porém, destacamos que esta participação não se refere apenas aos modos como um indivíduo se expressa criativamente, pois o processo de análise crítica das mensagens também influi no modo como elas são criadas. Os âmbitos da análise crítica e da produção criativa precisam ser entendidos de modo integrado.

A seguir, apresentamos resumidamente cada uma das seis dimensões da competência midiática: Tecnologia, Linguagem, Processos de interação, Processos de produção e difusão, Ideologia e valores e Estética.

A dimensão Tecnologia está relacionada com a capacidade de manusear e transitar pelos ambientes hipermediáticos, transmediáticos e multimodais, bem como com a capacidade de compreender de modo crítico o papel que a tecnologia desempenha na sociedade. O âmbito da expressão relaciona-se à capacidade de adaptar as ferramentas tecnológicas aos objetivos comunicativos na elaboração de textos, imagens e sons a partir do entendimento da construção de representações da realidade por parte dos meios de comunicação.

A dimensão Linguagem da competência midiática refere-se à capacidade de compreender a forma como as mensagens são construídas em diferentes mídias, gerando diferentes produções de sentido. No âmbito da análise relaciona-se com a capacidade de estabelecer relações entre textos, códigos e mídias. O âmbito da expressão refere-se à capacidade de se expressar utilizando diferentes sistemas de representação e estilos em função da situação comunicativa, do conteúdo transmitido e do interlocutor. Além da capacidade de modificar os produtos existentes, conferindo-lhes novos significados, como é o caso dos memes, das referências intertextuais e da mixagem, por exemplo.

A dimensão Processos de interação refere-se às habilidades de seleção, revisão e autoavaliação do consumo midiático, entendendo a importância do contexto a partir da análise baseada em critérios conscientes e racionais. Além disso, refere-se à capacidade de avaliar os efeitos cognitivos das emoções, percebendo como as ideias e

os valores são associados às personagens, às ações e às situações e geram emoções positivas e/ou negativas. O âmbito da expressão está relacionado com a habilidade de atuar colaborativamente e de interagir com pessoas e coletivos diversos em ambientes multiculturais.

A dimensão Processos de produção e difusão relaciona-se com os conhecimentos básicos sobre os sistemas de produção, as técnicas de programação, os mecanismos de difusão, os códigos de regulação e de autorregulação. O âmbito da expressão refere-se ao conhecimento das fases dos processos de produção; à capacidade de elaborar produtos multimodais de maneira colaborativa, produzindo novos significados; compartilhar e disseminar informação através dos meios tradicionais e das redes sociais; manejar a própria identidade *online/offline*; gerir o conceito de autoria; criar redes de colaboração, retro alimentá-las e ter uma atitude comprometida em relação a elas.

A dimensão Ideologia e valores relaciona-se com a capacidade de entender como as representações midiáticas estruturam nossa percepção da realidade; analisar e avaliar a fiabilidade das fontes de informação; habilidade de buscar, organizar, contrastar, priorizar e sintetizar informações de distintos sistemas e contextos. Analisar as identidades virtuais individuais e coletivas e detectar os estereótipos, analisando suas causas e consequências, bem como potenciais mecanismos de manipulação. No âmbito da expressão refere-se à habilidade de elaborar e modificar produtos para questionar valores ou estereótipos presentes nas produções midiáticas bem como contribuir para a melhoria do ambiente social e cultural, atuando de forma comprometida.

A dimensão Estética relaciona-se com a capacidade de compreender os aspectos formais que compõem uma mensagem midiática e reconhecer a qualidade estética. Relacionar as produções midiáticas com outras manifestações artísticas, além de identificar as categorias estéticas básicas, tais como a inovação formal e temática, a originalidade, o estilo, as escolas e tendências. O âmbito da expressão relaciona-se com a capacidade de produzir mensagens compreensíveis, criativas e originais, bem como se apropriar e transformar produções artísticas, visando potencializar a criatividade, a experimentação e a sensibilidade estética.

As ações de formação ofertadas pelos universitários nas escolas se constituem de oficinas de criação audiovisual, que têm o objetivo de desenvolver a competência midiática por meio da análise crítica e da produção criativa de conteúdos audiovisuais. Nesse sentido, elaboramos planos de ensino que englobam a curadoria de conteúdos audiovisuais para serem exibidos aos alunos, apresentação de suas principais características, debate sobre os conceitos apresentados a partir da perspectiva da competência midiática, tendo em conta as referências prévias dos participantes e, por fim, a criação de um produto audiovisual.

As oficinas de criação são desenvolvidas em cinco momentos: experiência, linguagem, confronto, apropriação e apreensão. No primeiro, as atividades são direcionadas para conhecer melhor os participantes e o grupo no qual se inserem, com provocações que buscam compreender os universos midiáticos que compreendem e consomem. Nessa fase, avaliamos as diferentes percepções sobre a mídia apresentadas pelos alunos antes da realização da oficina. Em seguida, são apresentadas as características da linguagem audiovisual para ser debatida ao longo do processo. A partir das experiências prévias e dos novos conhecimentos

apresentados aos participantes, buscamos propiciar o confronto de ideias, apresentando produções instigantes e que incentivam a reflexão crítica. Durante a apropriação, os participantes reúnem todas as discussões realizadas para a concepção criativa de um produto audiovisual. Nesse sentido, é necessário articular os dois âmbitos da competência midiática à medida em que as reflexões sobre a linguagem, os formatos e os diferentes discursos serão aplicados na prática criativa. O último momento, de apreensão, é dedicado a discutir todos os processos realizados durante a oficina, as atividades que tiveram maior impacto, assim como as novas perspectivas que surgiram no grupo.

Após a realização da oficina os monitores avaliam o processo, por meio de suas anotações e percepções e do resultado dos materiais audiovisuais produzidos pelos alunos. Esta prática avaliativa tem se mostrado bastante produtiva para a elaboração e oferta de novas oficinas de criação. Aprendemos ao longo do processo e, a cada edição, novos elementos são adicionados a partir da experiência das oficinas.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A oficina Mas afinal, o que é documentário?, nomeada a partir do livro de mesmo título de Fernão Ramos (2008), está centrada em torno da perspectiva e do modo como diferentes olhares constroem representações diversas de uma realidade apresentada. Utiliza, como ponto de partida, a dimensão Ideologia e valores da competência midiática, mas trabalha, de modo conjunto, com todas elas. A oficina de criação audiovisual foi realizada em escolas das três instâncias públicas de Juiz de Fora e região:<sup>11</sup> Federal, no IF Sudeste - Santos Dumont (MG); Estadual, na E. E. Francisco Bernardino<sup>12</sup> e Municipal, na E. M. Padre Wilson<sup>13</sup>, localizada na Zona Rural da cidade.

Foram realizados quatro encontros com os participantes, em que cada uma das fases da oficina foi desenvolvida, e foi produzido um caderno temático sobre Audiovisual e Competência midiática com referências importantes desenvolvidas ao longo da formação, que foi distribuído aos participantes<sup>14</sup>.

Em cada um dos cenários as abordagens foram adaptadas, levando em consideração as realidades de cada grupo. Por exemplo, no âmbito federal, os alunos tinham maior acesso aos suportes tecnológicos, inclusive dentro do Instituto, como salas de informática que permitiam o processo de edição de imagens. Na Escola Estadual, a oficina foi inserida na programação anual da Semana de Artes, sendo, portanto, uma ação sociocultural recorrente. Em relação à Escola Municipal, localizada no bairro Igrejinha, a oficina integrou um projeto de inclusão social desenvolvido pela ONG Instituto Crescer, com participantes que se encontravam em situações de vulnerabilidade social e tinham pouco acesso aos meios digitais.

No entanto, mesmo diante das adaptações, o escopo geral da oficina manteve-se o mesmo. O curta-metragem Ilha da Flores (Jorge Furtado, 1986) abria o processo de discussão da oficina, a fim de abordar a inter-relação entre ficção-realidade e

---

<sup>11</sup>Depoimento dos alunos disponível em: <https://bit.ly/3di3ZoH>. Acesso em: 09 nov. 2021

<sup>12</sup>Disponível em: [https://youtu.be/cThg\\_qelsJo](https://youtu.be/cThg_qelsJo). Acesso em: 09 nov. 2021

<sup>13</sup>Disponível em: <https://youtu.be/LklnCttZoPU>. Acesso em: 09 nov. 2021

<sup>14</sup>Disponível em: <https://bit.ly/32bxgei>. Acesso em: 09 nov. 2021

produção documental. A narrativa mostra-se importante para o contexto pretendido, já que se trata de uma produção pré-roteirizada, que discute uma realidade específica, com hibridizações que tensionam essa relação entre o real e o ficcional. Além do curta, duas cenas com dois depoimentos do documentário Edifício Master (Eduardo Coutinho, 2002) foram editadas em sequência a fim de propiciar o debate sobre a montagem no cinema documental. O corte<sup>15</sup> consta de duas jovens residentes nesse mesmo edifício no bairro carioca de Copacabana, que engravidaram na adolescência e expõem suas histórias a partir de realidades econômicas completamente diferentes. Após a exibição, abrimos o debate e observamos o impacto da montagem sobre a percepção dos participantes para, em seguida, questioná-los se a ordem de apresentação dos depoimentos influencia no modo como percebem e analisam as histórias.

O documentário *Negritudes Brasileiras* (Natály Nery, 2018) foi apresentado nas duas últimas escolas, pois percebemos que havia muitos estudantes negros e negras e que a internet era seu principal espaço de consumo de conteúdo audiovisual. Como o filme foi produzido para o YouTube consideramos de interesse para debater tanto questões étnico-raciais e, portanto, sociais, quanto de Linguagem e de Processos de produção e difusão.

Os exercícios de produção criativa também variaram entre as escolas. Nas duas primeiras, aplicamos uma dinâmica baseada na proposta do cinema verité e inspirada no filme *Chronique d'un été* (Jean Rouch, 1961). Os participantes foram convidados a abordar professores e alunos com a câmera ligada e a seguinte pergunta: “Você é feliz?”. Na oficina realizada no Instituto, o material foi editado pelos alunos e no caso da Escola Estadual, por falta de equipamentos, foram os próprios monitores que editaram a partir de discussões com o grupo. Na última aplicação da oficina, o exercício foi repensado diante da necessidade de buscar uma identificação dos estudantes com o próprio bairro e sua região. Por isso, eles entrevistaram pessoas mais velhas, a fim de pedir que refletissem sobre as mudanças ocorridas no bairro ao longo dos anos.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As oficinas de criação audiovisual propuseram atividades no sentido de desenvolver a competência midiática tanto dos universitários quanto das crianças e jovens, tentando colmatar lacunas encontradas na pesquisa quantitativa. As dimensões da competência midiática foram trabalhadas de forma integrada, porém sintetizamos a seguir algumas conclusões e pistas que encontramos para serem desenvolvidas em futuras oficinas. A dimensão Tecnologia, no que se refere ao manuseio dos equipamentos técnicos de gravação e edição de vídeo, permeou todo o processo. Embora as oficinas tenham sido diferentes, dependendo dos recursos disponíveis em cada escola, os participantes tanto puderam ter contato com câmeras profissionais, quanto foram incentivados a produzir com os materiais disponíveis como, por exemplo, os celulares.

---

<sup>15</sup>Disponível em: <https://youtu.be/l4h2sOOpZbQ>. Acesso em: 09 nov. 2021.

Nas discussões realizadas no âmbito das dimensões Linguagem e Ideologia e valores, que concernem ao gênero documental e seus modos de narrar, percebemos que, nas três escolas, os alunos percebiam o gênero documental como uma realidade por si só, sem interferência ideológica do realizador. A partir das discussões sobre montagem e sua influência na perspectiva narrativa, os participantes desenvolveram habilidades críticas para repensar o modo como enxergavam o documentário, assim como as nuances que articulam a dimensão Ideologia e Valores. Nesse sentido, observamos como a apresentação de conteúdos diversos, relacionada com discussões sobre a dimensão Linguagem, refletiram diretamente na criticidade dos grupos.

A apropriação das particularidades da Linguagem e da Estética puderam ser percebidas na criação do documentário pelos participantes, tendo apresentado resultados diferenciados. Ressaltamos que todos os grupos conseguiram finalizar o processo criativo, apresentando narrativas claras e distinguíveis como produto final. Houve também a aquisição de habilidades nas dimensões Processos de interação e Processos de produção e difusão, tanto nas ações colaborativas quanto na seleção, ordenação e edição do conteúdo. De modo geral, os participantes perceberam a função de cada um dos recursos técnico- expressivos que constituem uma produção audiovisual, utilizando-os de acordo com suas próprias referências de mundo, destacando assim uma compreensão ampliada da dimensão Estética durante o processo.

Para finalizar, o retorno que temos recebido dos professores e alunos envolvidos nas oficinas tem sido muito positivo e pretendemos levar esta proposta de formação do olhar para outras escolas do município e da região. Além disso, acreditamos também que estamos formando comunicadores atentos à importância de uma intervenção crítica na sociedade, a partir dos saberes adquiridos na universidade.

## REFERÊNCIAS

BORGES, G. *et al.* Prácticas culturales y niveles de competencia mediática de jóvenes brasileños. *Revista ICONO14*, Madrid, v. 18, n. 2, p. 320-352, abr./jul. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3sdaoFH>. Acesso em: 13 out. 2021.

BORGES, G.; SILVA, M. B. (Org.). *Competências midiáticas em cenários brasileiros: interfaces entre comunicação, educação e artes*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3gzCypN>. Acesso em: 13 out. 2021.

FERRÉS, J.; PISCITELLI, A. Competência midiática: proposta articulada de dimensões e indicadores. *Lumina*, Juiz de Fora, v. 9, n. 1, p. 1-16, 2015. Disponível em: <http://bit.ly/3JjnetG>. Acesso em: 11 out. 2021.

SILVA, M. *et al.* Competência midiática em crianças de 9 a 12 anos em cenários brasileiros. *Revista Intercom*, São Paulo, v. 44, n. 1, p. 21-45, 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3oaCX6F>. Acesso em: 26 out. 2021.

A extensão que fizemos, a extensão que faremos - v. 2

SILVA, M. B.; VIEIRA, S. F.; SOUZA, M. V. B. In: BORGES, G.; SILVA, M. B. (Org.). *Competências midiáticas em cenários brasileiros: interfaces entre comunicação, educação e artes*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2019. p. 84-108. Disponível em: <https://bit.ly/3gzCypN>. Acesso em: 13 out. 2021.

## **Moradia Legal no Entorno da UFJF: impactos sociais da regularização imobiliária em favor de famílias de baixa renda**

Raquel Bellini de Oliveira Salles<sup>1</sup>

Aline Araújo Passos<sup>2</sup>

Regina Lúcia Gonçalves Tavares<sup>3</sup>

Natália Chernicharo Guimarães<sup>4</sup>

Victor Marangon da Silva, Érika Christine de Melo Dantas, Anna Clara Gomes Souza Duarte, Marina Sotto Maior de Medeiros, Marcos Felipe Lopes de Almeida, Rafaela Mendonça Costa Simões, Paula Paciullo de Oliveira, Lavínia Siqueira<sup>5</sup>

Jonas Bomtempo<sup>6</sup>

<sup>1</sup>Coordenadora do projeto de extensão “Moradia Legal no Entorno da UFJF” em 2017/2018. Professora de Direito Civil da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Juiz de Fora. Mestre e Doutora em Direito Civil pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Especialista em Direito Civil pela Università di Camerino – Itália. Advogada. E-mail: raquel.bellini@ufjf.edu.br.

<sup>2</sup>Coordenadora do projeto de extensão “Moradia Legal no Entorno da UFJF” em 2017/2018. Professora de Direito Processual Civil e Diretora da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Juiz de Fora. Mestre e Doutora em Direito das Relações Sociais – Direito Processual Civil pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Advogada. E-mail: aline.passos@ufjf.edu.br.

<sup>3</sup>Coordenadora do projeto de extensão “Moradia Legal no Entorno da UFJF” em 2017/2018. Professora de Direito Processual Civil e Diretora da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Juiz de Fora. Mestre e Doutora em Direito das Relações Sociais – Direito Processual Civil pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Advogada. E-mail: aline.passos@ufjf.edu.br.

<sup>4</sup>Coordenadora do projeto de extensão “Moradia Legal no Entorno da UFJF” em 2018/2019. Professora da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Juiz de Fora. Doutoranda, Mestre e Especialista em Direito Processual pela PUC Minas. E-mail: natchernicharo@gmail.com.

<sup>5</sup>Discentes de graduação da Faculdade de Direito da UFJF e extensionistas do projeto “Moradia Legal no Entorno da UFJF” em 2017/2018. E-mail: raquel.bellini@ufjf.edu.br.

<sup>6</sup>Graduado pela Faculdade de Direito da UFJF, participante do PARF – Programa de Apoio ao Recém-Formado desenvolvido no Núcleo de Prática Jurídica da UFJF e colaborador voluntário do projeto “Moradia Legal no Entorno da UFJF” em 2018/2019. E-mail: jonas.bomtempo@ufjf.br.

# Moradia Legal no Entorno da UFJF: impactos sociais da regularização imobiliária em favor de famílias de baixa renda

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por escopo apresentar o Moradia Legal no Entorno da UFJF, projeto de extensão da Faculdade Direito da Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF, premiado com o 1º Lugar na modalidade banner na III Mostra de Ações de Extensão da UFJF realizada em 2018 pela Pró-reitoria de Extensão no âmbito da Semana Nacional de Ciência, Tecnologia e Sociedade. Referido projeto foi coordenado pelas Professoras Raquel Bellini de Oliveira Salles e Aline Araújo Passos em 2017/2018, pelas Professoras Regina Lúcia Gonçalves Tavares e Natália Chernicharo Guimarães em 2018/2019 e pelo Professor Bruno Stigert de Sousa a partir de 2020.

Referido projeto, inserido no Programa Boa-Vizinhança da Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal de Juiz de Fora, significa a abertura de um campo acadêmico por meio do qual permitiu-se a inserção de discentes e professoras(es) da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Juiz de Fora na dinâmica de luta por acesso a direitos, mais intimamente relacionados à questão da moradia de pessoas de baixa renda que residem no perímetro urbano da cidade de Juiz de Fora, MG.

Com vistas a auxiliar a comunidade que ocupa informalmente a área urbana localizada na vizinhança da Universidade, especialmente na ordem de litígios de natureza fundiária, o projeto “Moradia Legal no Entorno da UFJF” busca oferecer assessoria jurídica e judiciária no sentido de promover estratégias de concretização do direito social à moradia, previsto no artigo 7º da Constituição Federal, mediante providências de titulação compatível com que se assegure fundamentalmente a regularização dos imóveis ocupados pela comunidade assistida e, assim, também o direito fundamental de propriedade, previsto no artigo 5º, inciso XXII, da Constituição Federal.

As cidades brasileiras são marcadas pela informalidade, com expressivo índice de irregularidade na ocupação e/ou respectivo registro das propriedades, o que, na grande maioria dos casos, associa-se à utilização dos espaços por pessoas ou famílias de baixa renda que, historicamente, não tiveram acesso às implantações formais de habitação ou à informação, encontrando dificuldades para concretizar legalmente seu direito de propriedade no âmbito da cidade.

Compreende-se o direito social à moradia digna como um direito fundamental completo (Alexy, 2015), subjacente ao princípio estruturante da dignidade humana (Sarlet, 2015), portanto em condição de aplicabilidade direta com eficácia imediata, segundo o que autoriza o artigo 5º, § 1º, da Constituição Federal. Tal significado encontra-se metodologicamente estruturado não só na compreensão da razão ontológica da relevância substancial desse direito (Alexy, 2015), que alinha todo o sistema cujo valor fundante é o da dignidade humana, mas também na interpretação gramatical que toma o artigo 6º em sua posição topológica, após o preâmbulo da Constituição Federal e na esteira da listagem dos princípios fundamentais presentes no artigo 5º (Sarlet, 2012).

Já por moradia digna entende-se aquela que, como direito fundamental que é, realiza-se orientada segundo as diretrizes das 7 dimensões (ONU, 2009) que balizam sua adequação às diferentes necessidades de habitar dignamente: segurança da posse, habitabilidade, disponibilidade de serviços, localização adequada, custo acessível, adequação cultural e acessibilidade.

Segundo dados publicados na síntese de indicadores sociais sobre as condições de vida da população brasileira (IBGE, 2020), no registro da pesquisa referente às inadequações das condições de habitação, 45,2 milhões de pessoas (21,6% da população brasileira), residentes em 14,2 milhões de domicílios, enfrentam algum tipo de restrição ao direito à moradia digna (IBGE, 2020).

A cidade de Juiz de Fora não se põe distante dessa realidade desigual. Como polo regional da Zona da Mata mineira, nos últimos 50 anos Juiz de Fora dobrou o número de sua população, saltando de 238.510 habitantes para 573.285 habitantes (IBGE, 2019), crescimento este que também corresponde a um contingente populacional migrante atraído para os setores de serviço e da indústria, o que impactou fortemente a capacidade do Município de absorver a demanda habitacional decorrente desse aumento demográfico.

Acerca do Plano Municipal de Habitação do Município de Juiz de Fora, ambientado em pesquisas produzidas entre nos anos de 2006 e 2007 pelo Centro de Pesquisas Sociais da Universidade Federal de Juiz de Fora, foi diagnosticado no Município uma demanda habitacional (considerando as variáveis do déficit e da inadequação habitacional) de 23.359 moradias faltantes (Toledo, 2012). No cerne desta realidade tem-se presente um considerável contingente de inadequação domiciliar em Áreas Especiais de Interesse Social. Nestes territórios, 6.999 domicílios aguardavam regularização fundiária, 6.231 precisavam receber investimentos de infraestrutura e 333 tinham indicação de remoção (UFJF, 2007).

Inserindo-se nessas trajetórias comunitárias e nos respectivos procedimentos de reivindicação pelo direito à segurança da posse compatível com um público-alvo que ostenta demanda por moradia, docentes e estudantes envolvidos no projeto desenvolvem junto à comunidade do entorno da UFJF um tipo de *práxis* (Freire, 1987) que possibilita com que a Universidade efetivamente pertença ao seu lugar de inserção, lidando diretamente com as contradições do fenômeno da falta de acesso à moradia e da luta pelo direito de viver adequadamente nas cidades, para orientar a teoria e, por sua vez, reorientar outras práticas.

## 2 METODOLOGIA

Para a consecução de suas atividades o projeto adota uma metodologia que contempla a cronologia necessária ao processamento de demandas de natureza fundiária, em sua maioria consistentes em ações de usucapião, o que requer o atendimento das seguintes etapas: 1) oferecimento de capacitação aos discentes da Faculdade de Direito para conhecimento dos procedimentos necessários ao ajuizamento das demandas compatíveis com a natureza dos litígios enfrentados; 2) elaboração de formulário para eficiente atendimento com vistas a mais objetiva identificação da demanda recebida e dos sujeitos postulantes; 3) organização do trabalho em equipe considerando sua natureza interdisciplinar; 4) desenvolvimento de material para divulgação do projeto junto à comunidade e consequente

encaminhamento para atendimento realizado nas dependências do Núcleo de Prática Jurídica da Faculdade de Direito da UFJF; 5) encaminhamento de casos controvertidos ao Escritório Escola do Núcleo de Prática Jurídica da Faculdade de Direito da UFJF para propositura de ações judiciais que fujam ao escopo do projeto, ou ao Núcleo de Mediação, para tratamento de conflitos decorrentes de relações familiares e de vizinhança; 6) reuniões frequentes para definição de metas e trocas de experiências entre os participantes do projeto; 7) elaboração de relatórios periódicos das atividades realizadas na execução do projeto; 8) publicização à comunidade atendida e à comunidade acadêmica dos resultados obtidos, inclusive mediante a participação em seminários e mostras.

O projeto em comento tem sido capaz de propiciar maior apreensão e compreensão do conteúdo programático de diversas disciplinas, inclusive obrigatórias, contempladas pelo plano pedagógico do curso de Direito, a exemplo do direito constitucional, do direito administrativo, do direito registral e notarial, do direito civil, do direito processual, do direito tributário e do direito ambiental. A interdisciplinaridade também se reforça na medida em que outras áreas de conhecimento além do próprio Direito serão envolvidas, haja vista a necessidade de auxílio de profissionais da Engenharia e/ou Arquitetura, especificamente para a confecção de plantas e outros documentos técnicos comumente exigidos para o ajuizamento de ações de usucapião, a averbação de construções e a obtenção de certidões de “habite-se”. É nesse contexto que o Núcleo de Atendimento Social da Faculdade de Engenharia – NASFE atua como parceiro do projeto, propiciando troca de saberes entre diversas áreas e unidades da Universidade Federal de Juiz de Fora. Ressalta-se ainda a importância de construção de um diálogo com a Pró-Reitora de Extensão e lideranças de bairros para efeito de definir as comunidades que serão diretamente atendidas em suas demandas.

Mostra-se, assim, nítida a natureza multi, inter e transdisciplinar do projeto proposto, bem como seu comprometimento com uma formação em Direito não puramente teórica, mas igualmente prática, não meramente dogmática, mas também crítica, e não estritamente jurídica, mas também humanista e consciente do contexto e da realidade social.

Assim, colocam-se como principais objetivos do projeto propiciar meios para a regularização imobiliária no entorno da Universidade Federal de Juiz de Fora, especialmente em favor de famílias de baixa renda, envolver e integrar a respectiva comunidade, estudantes e docentes de diversos cursos nas atividades propostas e conscientizar a referida comunidade e os discentes envolvidos acerca da importância da regularização imobiliária, de modo a fomentar o fortalecimento de uma cultura jurídica mais atenta em tal sentido.

Os objetivos do projeto evidenciam nítida relação entre ensino, pesquisa e extensão, buscando concretizar o princípio da indissociabilidade entre esses três pilares diretores da Universidade, e, por conseguinte, o imperativo constante do artigo 207 da Constituição Federal. O projeto permite, dentro dos limites de sua atuação e mediante contato direto com a comunidade, a assunção da extensão como uma das dimensões da vida acadêmica, pelo que oportunizando aos discentes a vivência do processo ensino-aprendizagem para além da sala de aula, com a possibilidade de articularem Universidade, sociedade, associações de bairro, numa enriquecedora troca

de conhecimentos e experiências, sempre com o objetivo de fortalecer a cidadania das pessoas envolvidas.

A pesquisa, outrossim, intimamente conexa com o ensino e a extensão, é pressuposta e contínua para a execução do projeto em todas as suas fases. Isso porque a regularização imobiliária demanda conhecimento de diversos ramos do Direito, como já mencionado, cabendo ao extensionista, sob orientação dos coordenadores, identificar a solução jurídica mais adequada para cada situação de irregularidade imobiliária, as exigências legais pertinentes, o correto manejo de variados instrumentos jurídicos, extrajudiciais e judiciais, os posicionamentos doutrinários e jurisprudenciais aplicáveis, os custos envolvidos e, ainda, a viabilidade de novos mecanismos concebidos ou que venham a surgir no ordenamento brasileiro.

Os instrumentos jurídicos e políticos de democratização do acesso ao direito à moradia encontram-se intimamente ligados ao direito à cidade que, no caso atividade de extensão batizada de “Moradia Legal no Entorno da UFJF”, prioriza-se a funcionalização social da propriedade via regularização fundiária de imóveis e da cidade mediante a obtenção de titulação por parte de seus postulantes.

A avaliação dos discentes envolvidos no projeto tem por base a promoção de elementos práticos que evidenciam a captura por parte destes do conhecimento jurídico associado à interação com a comunidade, cooperação no trabalho em equipe, execução de atividades de assistência jurídica e judiciária com apreensão de seus respectivos procedimentos de questões afetas às demandas fundiárias que recorrem ao projeto.

### **3 RESULTADOS E CONSIDERAÇÕES CONCLUSIVAS**

A regularização promovida não apenas promove a segurança jurídica da propriedade do cidadão perante o Estado e a sociedade em geral, mas também viabiliza melhor acesso a serviços públicos, assegura a integridade física e patrimonial dos moradores, haja vista a necessária certificação pela municipalidade das condições de habitabilidade dos imóveis facilita o trânsito jurídico de bens e o exercício de direitos sucessórios e, ainda, favorece a observância da legislação ambiental e tributária, interferindo positivamente na adequação e atualização de cadastros e registros de interesse público e na gestão do território urbano pelo Poder Público.

A iniciativa extensionista promovida no sentido de viabilizar o acesso à justiça pela via de promoção do direito constitucional de propriedade também favorece o exercício da cidadania pela comunidade adjacente à UFJF e reforça o papel da Universidade, especialmente como entidade pública, de retornar à sociedade o investimento realizado em prol da comunidade acadêmica.

Desde o início de sua execução, vem sendo dada aos alunos envolvidos oportunidade de aplicação dos conteúdos teóricos apreendidos em sala de aula, mediante conhecimento da realidade social e interação com a comunidade. Nessa linha, foram realizadas visitas aos bairros Nossa Senhora de Fátima e Jardim Casablanca, atendidos diversos moradores e ajuizadas ações judiciais de usucapião. Foi

também desenvolvida e distribuída à comunidade cartilha informativa sobre a regularização da propriedade imobiliária.<sup>1</sup>

Associado a um referencial teórico capaz de abordar juridicamente a questão da regularização fundiária, permitiu-se a abertura de diferentes possibilidades práticas dentro da temática do direito à cidade, do direito à moradia e do direito à vida urbana, por exemplo, a partir das quais se torna possível acessar a realidade sobre a qual se insere de forma mais crítica e consciente.

Em suma, o “Moradia Legal” vem viabilizando a regularização imobiliária de expressivo número de interessados, em favor de famílias de baixa renda do entorno da UFJF e desempenhando seu propósito de conscientizar a referida comunidade e os discentes envolvidos acerca da importância de processos de territorialização via regularização fundiária, favorecendo a concretização do direito fundamental social à moradia, a segurança jurídica da posse, a organização do espaço urbano, a adequação de cadastros e registros públicos e a eficiência dos serviços públicos essenciais.

## REFERÊNCIAS

ALEXY, Robert; SILVA, Rogério Luiz Nery da. Direitos fundamentais sociais e proporcionalidade. Tradução de Rogério Luiz Nery da Silva. In: ALEXY, Robert; BAEZ, Narciso Leandro Xavier; SILVA, Rogério Luiz Nery da. (Coords.). *Dignidade Humana, Direitos Sociais e Não-Positivismo Inclusivo*. Florianópolis: Qualis, 2015. p. 165-178.

BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília: Senado, 1988.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira: 2020*. Rio de Janeiro: IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais, 2020. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101760.pdf>. Acesso em: 18 jan.2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Estimativas da população residente com data de referência 1º de julho de 2019. Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais. Rio de Janeiro, 01 jul. 2019. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/mg/juiz-de-fora.html>. Acesso em: 03 jan.2021.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). *Fact Sheet nº 21: The right to adequate housing*. Geneva: Office of The High Commissioner for Human Rights (OHCHR), ONU, 2009. Disponível em: <http://www.refworld.org/docid/479477400.html>. Acesso em: 24 jun. 2021.

---

<sup>1</sup> Cartilha “Saiba como regularizar a propriedade de seu imóvel”. Disponível em: <http://www.ufjf.br/direito/files/2017/08/Cartilha-Projeto-Moradia-Legal-2018.pdf>.

SARLET, Ingo Wolfgang. *A eficácia dos direitos fundamentais*. Porto Alegre: Livraria do Advogado Editora, 2012.

TOLEDO, José Augusto Ribeiro. Regularização fundiária – um estudo de caso no Município de Juiz de Fora. In: ZAMBRANO, Letícia Maria de Araújo *et al.* (Orgs.). *Habitação Social em Juiz de Fora: debate e projetos*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2012. p. 123-134.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF). *Proposta de Plano Municipal de Habitação de Juiz de Fora*. Centro de Pesquisas Sociais, Juiz de Fora, set. 2007. Disponível em: <http://www.ufjf.br/nugea/files/2016/06/Texto-Nugea-Lilian-Aparecida5.pdf>. Acesso em: 05 jan.2021.

## **Centro de Referência em Direitos Humanos (CRDH) da UFJF–GV: Direitos Humanos e Justiça 2018**

Tayara Talita Lemos<sup>1</sup>

Críscila Cristina Ramos<sup>2</sup>

Maxwel Soares Oliveira<sup>3</sup>

Kessia Priscila Miranda Ramos<sup>4</sup>

Braulio de Magalhães Santos<sup>5</sup>

Lucas Costa dos Anjos<sup>6</sup>

<sup>1</sup>Doutora em Direito pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG (2017), com residência pós-doutoral em Direito, na UFMG (2018). Professora adjunta no Curso de Direito da Universidade Federal de Juiz de Fora, campus Governador Valadares. E-mail: [tayaralemos@msn.com](mailto:tayaralemos@msn.com).

<sup>2</sup>Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Direito da Universidade Federal Fluminense (PPGSD/UFF). Bacharela em Direito pela Universidade Federal de Juiz de Fora, campus de Governador Valadares (2021). Participou do projeto de extensão Centro de Referência em Direitos Humanos do curso de Direito da UFJF – campus Governador Valadares de 2016 a 2018. E-mail: [criscilaramos@hotmail.com](mailto:criscilaramos@hotmail.com).

<sup>3</sup>Especialista em Direito Empresarial: Estruturas Societárias, Contratos e Compliance pela USP e Direito Civil e Direito do Consumidor pela PUC Minas. Pós-graduando em Direito Civil Constitucional pela UERJ. Bacharel em Direito pela UFJF.–GV. E-mail: [so.maxwel@gmail.com](mailto:so.maxwel@gmail.com).

<sup>4</sup>Mestranda em Direito pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Bacharela em Direito pela Universidade Federal de Juiz de Fora – campus Governador Valadares (UFJF). Pesquisa sobre Direito Digital e Bioética. E-mail: [kessiamramos@gmail.com](mailto:kessiamramos@gmail.com).

<sup>5</sup>Doutorado em Direito Público (PUCMinas), Mestrado em Ciências Sociais – Gestão de Cidades (PUC – Minas) com estágio em Pós-doutorado pelo Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais/ICH (UFJF) – 2019 a 2021. Professor na Universidade Federal de Juiz de Fora – Campus Governador Valadares (UFJF–GV). E-mail: [braulio.magalhaes@ufff.edu.br](mailto:braulio.magalhaes@ufff.edu.br).

<sup>6</sup>Doutor em Direito e em Sciences Juridiques, pelo Programa de Pós-Graduação em Direito da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e pela Université libre de Bruxelles, Bélgica. Pesquisador e professor visitante em estágio pós-doutoral no projeto The New Digital Rule of Law, da École de Droit da Sciences Po, em Paris. Professor Adjunto do Departamento de Direito da Universidade Federal de Juiz de Fora – Campus Governador Valadares (UFJF–GV). E-mail: [lucascostaanjos@gmail.com](mailto:lucascostaanjos@gmail.com).

**Renato Santos Gonçalves<sup>7</sup>**  
**Reinaldo Duque Brasil Landulfo Teixeira<sup>8</sup>**

<sup>7</sup>Doutor em Bioética pela Universidade de Brasília (UnB). Professor Assistente de Direito Processual Penal e Prática Penal na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Campus Governador Valadares. E-mail: renatosg@hotmail.com.

<sup>8</sup>Doutor em Botânica pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). Professor Associado I da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), no Campus Governador Valadares. Coordenador do Núcleo de Agroecologia de Governador Valadares (NAGÔ). Contatos: reinaldo.duque@ufjf.br; rduquebrasil@yahoo.com.br.

# Centro de Referência em Direitos Humanos (CRDH) da UFJF-GV: Direitos Humanos e Justiça 2018

## 1 INTRODUÇÃO

### 1.1 Sobre o Centro de Referência em Direitos Humanos da UFJF-GV (CRDH)

O Centro de Referência em Direitos Humanos da UFJF-GV (CRDH), convertido em programa de extensão em 2018, deu continuidade às ações que iniciou como projeto de extensão, desde 2013. Desse modo, e tendo em vista a ampliação de demandas e metas surgidas, desenvolveu atividades concernentes à sua manutenção e consolidação, como um centro de inserção, de referência e diálogo na temática dos direitos humanos no Médio Rio Doce. O CRDH, desde então, tem trabalhado na prestação de assistência jurídica, social e antropológica; na capacitação de lideranças comunitárias e de conselheiros municipais quanto à atuação de direitos humanos na região; na informação, conscientização, formação e divulgação da importância dos direitos humanos para todos os segmentos da população; no mapeamento da demanda sócio-jurídica por direitos humanos no território, de suas características e de seus desafios e, sobretudo, articulando diversas ações extensionistas na defesa, promoção e implementação desses direitos.

O território de atuação do programa, o Médio Rio Doce, é repleto de conflitos sociais e especificamente Governador Valadares, município onde o *campus* da universidade está situado, ocupa a segunda posição de homicídios em Minas Gerais, entre os 32 municípios com mais de 100 mil habitantes no estado (Atlas da Violência, IPEA, 2019). Em 2002, a taxa de homicídios no município de GV, por grupo de 100 mil habitantes, foi de 34,4. Em 2010, esse número cresceu para 44,4 e na pesquisa de 2017, esse número se elevou para 51 mortes. Em 2019, como referido, consta ainda um alto índice, 42,8, sendo o segundo município com maior taxa em MG.

Além disso, há ampla diversidade de conflitos agrários, sociais e étnicos, colocando também povos indígenas – Krenak e Pataxós, mais diretamente – e pequenos agricultores familiares no cenário de violação de direitos humanos. A luta pela terra é uma marca importante na história da região, que é atravessada pelo latifúndio, pela exploração de pedras preciosas, pela emigração e pelos conflitos que surgem dessas circunstâncias (Borges, 2004; Felipe-Silva, Espindola, Genovez, 2010).

Ainda há outras violações que não necessariamente decorrem desse cenário, mas que com ele dialogam, como violências de gênero, conflitos culturais, violação de direitos da população carcerária, entre outras demandas que invariavelmente chegam até o CRDH. Diante disso, com a consolidação do programa e com a sua ampliação em eixos de atuação, abre-se a possibilidade de enfrentamento de parte desses quadros, de prevenção e solução de diversos desses conflitos, seja por meio de ações preventivas, ou ainda de uma atuação mais propositiva e resolutiva.

Os Centros de Referência em Direitos Humanos, geralmente, atuam como canais de acesso à justiça, de incentivo ao debate sobre a conquista de direitos, de diálogo acerca da cidadania, partindo de ações que visam à humanização, à emancipação, à transformação social.

A consolidação do CRDH no território do Médio Rio Doce está de acordo com as determinações do Plano Nacional de Direitos Humanos 3 (PNDH-3), decreto nº 7037, de 21 de dezembro de 2009, atualizado pelo decreto nº 7177 de 12 de maio de 2010, que tem como diretriz número 17 a promoção de sistema de justiça mais acessível, ágil e efetivo, para o conhecimento, a garantia e a defesa dos direitos (Brasil, 2009). O CRDH, por meio de suas ações, tem conseguido resultados positivos, amenizando os impactos dos conflitos, com prevenção, formação, capacitação, debates, elaboração de documentos, notas técnicas e dossiês, que são entregues aos órgãos competentes, para fins de denúncia e investigações oficiais.

O público alvo da atividade foi se ampliando com o decorrer dos anos e compreende, atualmente, além da comunidade acadêmica (docentes, discentes e técnicos administrativos) da UFJF-GV, comunidades de outras Instituições de Ensino Superior, Organizações Não-Governamentais, escolas municipais e estaduais, estudantes, lideranças comunitárias, grupos comunitários, comunidades rurais, indígenas, quilombolas, coletivos, instituições municipais, como o Conselho Municipal de Promoção e Defesa dos Direitos Humanos, além de outras pessoas e entidades interessadas.

Alguns grupos com os quais o CRDH dialoga podem ser destacados: crianças e adolescentes, estudantes, idosos, população LGBTQ+, comunidades quilombola, indígena, rural, ribeirinhos, pessoas em situação de rua, pessoas com necessidades especiais, vítimas de intolerância religiosa, de preconceito racial, mulheres vítimas de violência e preconceito, trabalho escravo, pessoas em vulnerabilidade social e econômica, agentes públicos, educadores e profissionais do sistema educacional, beneficiários de programas sociais, lideranças em Direitos Humanos e movimentos sociais, egressos do sistema prisional, migrantes, vítimas de conflitos agrários, pessoas em sofrimento psíquico, pessoas encarceradas e seus familiares.

## **1.2 Sobre Direitos Humanos e Centros de Referência em Direitos Humanos: uma perspectiva teórica**

A defesa da efetivação dos direitos humanos sob o paradigma do Estado Democrático de Direito encontra sua justificação no plano teórico da inafastabilidade da garantia de direitos básicos, elementares e condicionantes para a viabilização e concretização dos mais diversos projetos de vida digna almejados pelos povos (Bobbio, 1988; Dworkin, 2005).

Diante da complexidade e diversidade dos segmentos da sociedade, os direitos humanos são concebidos como garantias multiculturais complementares em um paradigma marcado pela crise do Estado-nação frente ao fenômeno da globalização (Santos, 1997). Diante disso, cabe considerarmos os direitos humanos também sob uma perspectiva decolonial, que valorize os “vencidos” em processos civilizatórios e que não ignore seu modo de ver e de entender os seus próprios direitos. Sob o viés decolonial, podemos entender que os direitos humanos passaram a ser construídos para além da ótica universalista – que desconsidera as diferenças culturais e regionais – e da ótica relativista – que pretere a própria existência dos direitos humanos sob uma perspectiva cosmopolita. No CRDH, eles são observados e decodificados, por meio da crítica à ocidentalização das leituras e

da construção dos direitos humanos a partir da troca e da aprendizagem social (Dussel, 2000; Herrera Flores, 2009).

Em consonância com a prescrição dos tratados internacionais e das instituições de defesa dos direitos humanos no plano internacional, todos os países devem desenvolver atividades para prevenir as violações no seu plano interno. Dentre estas atividades, podem ser citadas a formação de Centros de Referência em Direitos Humanos. A partir do PNDH-3, o CRDH da UFJF-GV tem como diretriz de atuação desenvolver as atividades do Objetivo Estratégico I (de forma complementar aos responsáveis pelas ações programáticas), conforme prevê o Plano:

Acesso da população à informação sobre seus direitos e sobre como garanti-los. Ações programáticas:

- a) Difundir o conhecimento sobre os Direitos Humanos e sobre a legislação pertinente com publicações em linguagem e formatos acessíveis.
- b) Fortalecer as redes de canais de denúncia (disque-denúncia) e sua articulação com instituições de Direitos Humanos.
- c) Incentivar a criação de centros integrados de serviços públicos para prestação de atendimento ágil à população, inclusive com unidades itinerantes para obtenção de documentação básica.
- d) Fortalecer o governo eletrônico com a ampliação da disponibilização de informações e serviços para a população via Internet, em formato acessível. (Brasil, 2009)

O CRDH tem também buscado manter relação direta com o ensino e a pesquisa, abarcando ações que possam ser embasadas pelo conjunto de disciplinas constantes no Plano Político Pedagógico do Curso de Direito da UFJF-GV, o que é feito de forma a atender a interdisciplinaridade presente no Curso e nas ações extensionistas a serem desenvolvidas pelo programa, englobando áreas diversas do conhecimento formal, tradicional e alternativo. Assim, mantém pontos de contato com a ciência política, com o direito constitucional, com o direito civil, com o direito penal, com questões teóricas das ciências propedêuticas, com direitos de minorias, com a agroecologia, direito agrário, direito ambiental, botânica, psicologia, antropologia, direitos culturais etc.

Ao permitir o diálogo e interação entre os diversos segmentos da sociedade civil organizada da região com o saber universitário, a partir da pesquisa, estudo, investigação dos conteúdos de direitos humanos e sua aplicação nas ações, o CRDH busca o desenvolvimento pessoal e crítico dos discentes. O ensino e a pesquisa fornecem ao extensionista uma base crítica, científica e metodológica para atuar, criar e transmitir conhecimento à sociedade civil, recebendo dela saberes produzidos pela experiência. Dessa forma, o impacto da experiência extensionista num programa com a temática dos direitos humanos tem a vantagem de preparar não só profissionalmente discentes, mas situá-los diante da complexidade dos conflitos existentes na sociedade, por meio também de atividades interdisciplinares, tendo na equipe docentes de áreas distintas do conhecimento (inclusive de Institutos diferentes), bem como perfis de colaboradores internos e externos que garantem ampla diversidade.

Ao compreender a extensão como um processo de perene articulação entre ensino e pesquisa, visto que o conhecimento acadêmico recebe influxos da sociedade, que, por sua vez, é transformada a partir dessa produção de conhecimento, o CRDH atua em conformidade com o tripé constitucional ensino-pesquisa-extensão indissociavelmente (Brasil, 1988). Essa indissociabilidade é lida de forma articulada, dialogando com as três funções da universidade pública, sem priorizar uma ou outra, já que há intensa permeabilidade entre elas.

Sob a ótica da universidade pública dentro e para além de seus muros, o programa se coloca de modo a compreender a necessidade de formação integral do corpo discente e dessa atuação do corpo técnico e docente. O CRDH insere-se, pois, num projeto de democracia que está situado na velocidade e nas demandas da pós-modernidade, projetada para a região onde ele visa atuar. Entretanto, essa não é uma atuação filantrópica ou de assessoria, mas compreendida como extensão em que todos os agentes sociais são chamados a participar do processo de elaboração dos contextos ético-normativos vigentes no espaço público. Agentes sociais, pessoas que pertencem a movimentos sociais, a associações, grupos da sociedade civil organizada, lideranças comunitárias, pessoas que se enquadram em grupos vulneráveis, tribos indígenas, comunidades quilombolas, comunidades rurais, ONGs, além da própria comunidade acadêmica são chamados a debater e a construir esse processo conjuntamente.

O ensino, desse modo, é tido como processo inserido nessa articulação e não é compreendido como meramente especulativo, no sentido de simplesmente espelhar o conhecimento posto. Conhecimento não é reprodução, mas produção que se dá na experiência articuladora entre pesquisa e extensão, com vistas à modificação social.

## **2 METODOLOGIA**

A metodologia por meio da qual o CRDH atua é participativa e se traduz em práticas de pesquisa-ação (ou pesquisação). Após o estudo das temáticas e mapeamento das demandas, parte-se para uma imersão de campo, em que se dão, normalmente, trocas de experiências e de cooperação com as comunidades com as quais se trabalha, com as organizações da sociedade civil, em tentativas de diálogo com autoridades locais, visando à busca de soluções para os problemas e violações de direitos humanos que se dão no entorno do Médio Rio Doce.

É, geralmente, desenvolvida uma inserção progressiva e contínua no meio social, realizando uma investigação prospectiva sobre a situação da efetivação, esclarecimento e garantia dos direitos humanos nas situações e demandas que são apresentadas. A incursão se dá de forma dialogada, com intuito de conhecer as demandas e a complexidade das relações, quando, então, são analisados os elementos apurados e são traçadas possíveis formas de atuação direcionadas à prevenção e à resolução dos conflitos.

A avaliação dos discentes envolvidos no CRDH se dá continuamente por meio das atividades realizadas, seja na formação dos agentes do centro (estudantes bolsistas e possíveis voluntários), seja nas atividades desempenhadas durante sua participação no projeto.

### 3 RESULTADOS E EXPERIÊNCIAS DESENVOLVIDAS

O CRDH tem paulatinamente se firmado como um canal de comunicação com a comunidade do Médio Rio Doce, especialmente a de Governador Valadares ao longo dos anos. Atualmente, em 2021, trabalha com duas comunidades quilombolas, estabelece parcerias com dezenas de outros projetos e programas da UFJF, oferece capacitação para conselhos municipais e outras entidades, realiza eventos, seminários e oficinas pedagógicas, realiza estudos e notas técnicas acerca de problemas locais e regionais, elabora materiais de formação e capacitação em diversas temáticas transversais aos direitos humanos, além da própria formação continuada de sua equipe<sup>2</sup>.

Especificamente, no ano de 2018, antes do projeto ser convertido em programa, quando da premiação na III Mostra de Extensão da UFJF-GV, foi realizada parceria com os Conselhos Municipais de Governador Valadares e, por meio dela, oferecido curso de capacitação em Direitos Humanos voltado para população idosa e pessoas com deficiência, em um dos Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) de Governador Valadares/MG, formação em direitos humanos para o Conselho de Direitos Humanos do Município, bem como trabalho de pesquisa com a temática "Direito à Terra como um Direito Humano", para além do acompanhamento das atividades dos Conselhos Municipais vinculados à Secretaria de Assistência Social do Município de Governador Valadares.

Ainda naquele ano, em conjunto com o Núcleo de Agroecologia de Governador Valadares – NAGÔ (programa de extensão vinculado à UFJF), o CRDH atuou em prol de demandas da população rural, tecendo uma análise jurídica acerca da situação de violação de direitos da Comunidade do Córrego dos Bernardos (povoado pertencente à Bacia do Rio Doce) por uma mineradora, a partir da qual foi elaborado dossiê e encaminhado ao Ministério Público de Minas Gerais – MPMG, para que o órgão investigasse, se julgasse pertinente, as violações denunciadas pela comunidade. Fruto dessa experiência, foi elaborado o trabalho científico intitulado “Caso da comunidade do Córrego dos Bernardos: violação de direitos humanos pela indústria da mineração”, apresentado no V Seminário Internacional de Direitos Humanos e Empresas, na UFJF, *campus JF*.

Além de visitas à mencionada comunidade, o CRDH, em parceria com o NAGÔ, realizou estudo do caso que envolve a ocupação de área do Parque Estadual Rio Corrente pelo grupo indígena Pataxó, analisando, junto às lideranças, a viabilidade de recategorização do Parque para Reserva de Desenvolvimento Sustentável (RDS), forma que facilitaria a permanência do povo indígena na região. Situada no município de Açucena, a comunidade Pataxó tem enfrentado um grave problema territorial que afeta sua identidade, sua cultura e seus direitos. Residentes em uma área específica no Parque Estadual do Rio Corrente, a tribo vê-se em constante ameaça de deslocamento forçado, uma vez que habitam território destinado à reserva ambiental. O CRDH, entre 2017 e 2018, trabalhou em diálogo com a FUNAI e com setores do Governo Estado de Minas Gerais, estudando possibilidades de recategorização da área em que habitam os

---

<sup>2</sup>Sobre as ações continuadas do CRDH, vide: <https://www.ufjf.br/crdh/>. Acesso em: 8 de nov. 2021.

índios Pataxós, para o que a legislação prevê como reserva de desenvolvimento sustentável (RDS), como mencionado.

Também mereceram a atenção do projeto algumas das questões que afetaram a região após o rompimento da Barragem da empresa Samarco/Vale/BHP Billiton, em 5 de novembro de 2015. Desde então, é sabido que a população do Médio Rio Doce tem enfrentado a mais variada sorte de violações de direitos humanos. Índios Krenak, comunidades rurais, comunidades de bairros nos municípios atingidos e grupos de pessoas individualizados acionaram o CRDH com demandas judiciais ou em busca de outras espécies de atendimentos, seja para parcerias de formação, troca de saberes ou busca de assessoria.

Outra questão que tem sido pauta constante do projeto é a questão agrária e a luta pela terra. Os conflitos sociais gerados pela luta pela terra na região datam da fundação da cidade, na década de 1930, e não se interromperam desde então. O Movimento dos Sem Terra (MST) e o Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA), bem como outros grupos da região se unem ao CRDH com alguma frequência em busca de diálogos e compreensão jurídica sobre o tema (Borges, 2004; Felipe-Silva, Espindola, Genovez, 2010). Essa questão motivou a discussão da temática e a organização da II Jornada Universitária em Defesa da Reforma Agrária, em 2018 (a I Jornada havia sido realizada em 2015). Esse evento foi organizado pelo CRDH, em parceria com mais sete movimentos sociais da região (Movimento de Atingidos por Barragens, MPA, Sindicato de Trabalhadores Rurais, MST, Centro Agroecológico Tamanduá, Povos Krenak, Comissão Pastoral da Terra) e com outros projetos da universidade (como o Núcleo de Agroecologia de Governador Valadares – Nagô).

Fazendo frente a esses desafios, a atuação na dimensão extensionista jurídica e antropológica do Centro de Referência em Direitos Humanos tem como objetivo favorecer o empoderamento dessas comunidades, tendo em vista o reconhecimento de seus direitos tanto à identidade, quanto ao território, bem como o direito à educação, à saúde e à participação democrática na sociedade brasileira, visando sempre à emancipação de discentes, de comunidades, de parceiros e parceiras, docentes, técnicas e técnicos e demais extensionistas que se unem ao programa.

## **4 CONCLUSÃO**

Não apenas em 2018, quando se concentraram os trabalhos relatados nesse ensaio, mas ao longo de quase oito anos de atuação, o CRDH tem demonstrado capacidade de mobilizar a comunidade acadêmica – docentes, discentes e técnicos –, instituições governamentais, não governamentais, bem como a comunidade do Médio Rio Doce, na busca de geração de conhecimento, proposição de políticas públicas e de desenvolvimento de ações de promoção e defesa dos direitos humanos, de modo a efetivar e a catalisar as mais diversas demandas a eles relacionadas no território.

Além disso, tem se preocupado com uma formação integrada e transversal dos e das estudantes, com o envolvimento da comunidade nas pautas, buscando a construção de soluções mais horizontais e mais dialogadas. Com isso, espera-se que o programa possa continuar mediando o desenvolvimento de capacidades de todas as pessoas envolvidas, promovendo a reflexão crítica e o conhecimento da dinâmica dos

direitos humanos, junto à ideia de pertencimento a uma comunidade e do exercício da cidadania, articulando, assim, suas diversas ações extensionistas.

## REFERÊNCIAS

BOBBIO, Norberto. *A era dos direitos*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Campus, 1988.

BORGES, Maria Eliza Linhares. Representações do universo rural e luta pela reforma agrária no Leste de Minas Gerais. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 24, n. 47, 2004, p. 303-326.

BRASIL. Atlas da Violência. *IPEA e Fórum Brasileiro de Segurança Pública*. 2019. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/19/atlas-da-violencia-2019>. Acesso em: 8 nov. 2021.

BRASIL. Ministério da Justiça. Programa Nacional de Direitos Humanos III. *Decreto nº 7037 de 21 de dezembro de 2009*. Brasília: Ministério da Justiça. Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, 2010. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2009/decreto/d7037.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d7037.htm). Acesso em: 8 nov. 2021.

BUERGENTHAL, Thomas. Modern Constitutions and Human Rights Treaties. *Columbia Journal of Transnational Law*, v. 36, Special Double Issue, 1997/1998, p. 211 – 223.

DUSSEL, Enrique. Europa, modernidad y eurocentrismo. *In: LANDER, Edgardo (coord.). La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales, perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: Clacso, 2000.

FELIPE-SILVA, F.M.; ESPINDOLA, H.S.; GENOVEZ, P.F. Memórias da disputa pela terra em Governador Valadares sob os olhares de três atores distintos: pai, mãe e filha. *Anais do X encontro nacional de história oral Testemunhos: história e política da UFPE*, abril, 2010.

HERRERA FLORES, Joaquim. *A (re)invenção dos direitos humanos*. Tradução de Carlos Roberto Diogo Garcia, Antônio Henrique Graciano Suxberger e Jefferson Aparecido Dias. Florianópolis: Fundação Boiteux, 2009.

LAFER, Celso. *A Reconstrução dos Direitos Humanos*. São Paulo: Cia das Letras, 1988.

A extensão que fizemos, a extensão que faremos - v. 2

PEREIRA, Carlos Olavo da Cunha. *Nas terras do rio sem dono*. Rio de Janeiro: Record, 1990.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Por uma concepção multicultural dos direitos humanos. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n. 48, 1997.

## Educando corpo e mente: a dança de salão na promoção da saúde da família

Érica Maria Nascimento Dias<sup>1</sup>

Marcos Vinicius Dias da Silva<sup>2</sup>

Daniel Felipe Borges Osório<sup>3</sup>

Igor Rosa Meurer<sup>4</sup>

Gracielle Landim Pereira<sup>5</sup>

José Sergio Fernandes<sup>6</sup>

<sup>1</sup>Professora do departamento de Ciências Naturais do Colégio de Aplicação João XXIII, da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Mestra em Ciências Biológicas (Comportamento e Biologia Animal) realizado na UFJF. E-mail: erica.maria@ufjf.br; ericamjf@gmail.com.

<sup>2</sup>Possui graduação em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Juiz de Fora (2010), mestrado em Ciências Biológicas (Zoologia) pela Universidade Federal de Juiz de Fora (2014) e doutorado em Biodiversidade e Conservação da Natureza pela Universidade Federal de Juiz de Fora (2021). E-mail: silva.mvds@gmail.com.

<sup>3</sup>Graduação em Sistemas de Informação pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Brasil (2014)  
Assistente de Tecnologia da Informação da Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: danielfbosorio@gmail.com.

<sup>4</sup>Doutor em Saúde pela Universidade Federal de Juiz de Fora (2020). Atualmente realiza pós-doutorado em Ciências Biológicas (Área de Concentração: Imunologia e Doenças Infecto-Parasitárias) na Universidade Federal de Juiz de Fora. Atualmente trabalha no Hospital Universitário da Universidade Federal de Juiz de Fora / Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares (HU-UFJF/Ebserh). E-mail: igor\_meurer@hotmail.com.

<sup>5</sup>Possui graduação pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (2004) e Pós graduação MPA em Gestão Pública e Gerência de Cidades pela Uninter (2010). Assistente em administração da Universidade Federal de Juiz de Fora (desde setembro/2008). E-mail: graciellelandim@yahoo.com.br.

<sup>6</sup>Colaborador técnico da ação. E-mail: jsergiof2008@gmail.com.

# Educando corpo e mente: a dança de salão na promoção da saúde da família

## 1 INTRODUÇÃO

A educação popular compreende que a identidade cultural é a base do processo educativo e que o respeito ao saber popular implica necessariamente no respeito ao contexto cultural (Freire, 1975). Atividades que envolvem o reconhecimento da subjetividade do ser humano e o estímulo à consciência do corpo e seu movimento, além de serem importantes ferramentas de resgate à cultura, contribuem para a promoção da saúde, já que buscam um estado de equilíbrio físico, psíquico, social e nas relações entre o ser humano e o meio ambiente (Merleau-Ponty, 1949; Bolsanello; 2005). De acordo com Vieira (2015), a Educação somática é tratada como um campo interdisciplinar que se interessa pela consciência do corpo e seu movimento e que se propõe a uma descoberta pessoal de seus próprios movimentos, de suas próprias sensações. A função de um processo educativo em saúde é, sem dúvidas, preparar o homem para a preservação de seu bem-estar biológico, psíquico e social. Falar de um processo educativo é refletir sobre mudanças de atitude; assim, entendemos que ao desenvolver práticas educativas estamos promovendo a saúde com jovens, adultos e idosos.

Nesse contexto, consideramos que a dança como recurso pedagógico possibilita uma interlocução do sujeito com seu corpo e que a dança de salão, especificamente, promove socialização, pois permite encontros, conversas em comum e integração entre os participantes. A dança é uma forma de linguagem desde o começo dos tempos. É tão remota como a própria vida humana, porquanto que teve origem na pré-história, quando o ser humano não possuía linguagem verbal e se utilizava desta para se comunicar e conviver em comunidade. Segundo Batista *et al.* (2015), a atividade de dançar propicia oportunidade de se trabalhar educação popular em saúde, na qual o conhecimento e o desejo de transformar a realidade são construídos coletivamente. Miller (2014), retomando o termo “dança-educação”, anteriormente abordado por Freire (2001), destaca a importância do ensino da dança, sendo uma experiência que possibilita ao alunado novas formas de expressão e comunicação, levando-os à descoberta e reconhecimento de si. Desse modo, consideramos que a educação para saúde possibilita formação de atitudes e valores que levam o sujeito a um comportamento em benefício de sua saúde e da saúde dos outros.

Diversos estudos apontam benefícios proporcionados pela prática de dançar. A dança de salão, segundo Fonseca (2008), afasta o indivíduo das preocupações cotidianas, pois a concentração no ato de dançar faz com que o dançarino se entregue ao ritmo e movimento do seu corpo. Questões como a timidez e dificuldade de sociabilização podem ser superadas ao som da música e no ritmo de cada indivíduo, pois a dança exige comunhão e respeito com o outro (Fonseca *et al.*, 2012).

Cavalcanti *et al.* (2012) cita uma série de benefícios associados à prática da dança, como: melhora na postura, equilíbrio, percepção de si e do outro, nas relações interpessoais e capacidade de trabalhar em grupo. Phoebe W. *et al.* (2017)

demonstraram que a dança é um método promissor para melhorar a saúde física de adultos mais velhos, em que obtiveram resultados positivos ao analisar flexibilidade, força e resistência muscular, equilíbrio, resistência cardiovascular e função cognitiva. Machado *et al.* (2012) também concluíram que a dança pode ser um instrumento para a melhoria e manutenção da qualidade de vida nos quatro domínios (físico, psicológico, social e ambiental).

Segundo Passarinho e Liberalli (2013), a dança contribui nos aspectos motivacionais e físicos, com ênfase no relacionamento, na descoberta de sentimentos e na satisfação com o corpo. Toneli (2007) acrescenta que os benefícios físicos, psicológicos e sociais associados à prática da dança de salão, quando levados às organizações, podem contribuir para a conquista da qualidade de vida no trabalho. Assim, entendemos que a dança de salão traz grandes benefícios para o ambiente de trabalho, no sentido em que alivia as tensões, propicia melhoria na qualidade de vida, maior integração entre os trabalhadores e conseqüentemente mais motivação para a realização das atividades cotidianas.

As atividades de cunho extensionista desenvolvidas no âmbito do projeto *Educando corpo e mente* balizaram-se pelo entendimento da indissociabilidade entre pesquisa, ensino e extensão. Nesse contexto, a partir do entendimento que espaços não formais podem gerar a produção de conhecimento principalmente quando construídos coletivamente, o projeto em questão envolveu a oferta de atividades formativas interdisciplinares relacionadas à consciência corporal, por meio da prática da dança de salão. Assim, o projeto foi idealizado de forma a promover uma relação dialógica e formativa entre todos os atores envolvidos, além de contribuir na formação dos graduandos bolsistas e voluntários. Além disso, pretendeu-se verificar, por meio de uma pesquisa sistemática, a resposta dos praticantes às atividades vivenciadas no programa e seus efeitos sobre a qualidade de vida e atividade profissional. Dessa forma, o projeto foi idealizado com a expectativa de envolver os servidores da UFJF (docentes e técnico-administrativos) e alunos em um espaço de bem-estar, convivência e aprendizado.

Portanto, o projeto teve como objetivo principal propiciar a alunos e servidores da UFJF um espaço de convivência, aprendizado e promoção de saúde física e mental, por meio da prática de dança de salão. Nesse sentido, os objetivos específicos do projeto foram: 1. Promover uma aproximação entre os diferentes agentes pertencentes à comunidade acadêmica (técnico-administrativos, docentes e alunos da UFJF), num ambiente saudável de descontração e troca de experiências; 2. Por meio da dança, estimular cada participante a vencer dificuldades, transpor seus bloqueios e acreditar em si mesmo, proporcionando motivação para o desenvolvimento de suas atividades cotidianas; 3. Apresentar aos participantes a cultura da dança de salão, suas técnicas de base e os ritmos mais populares, tais como bolero, samba, soltinho e forró, abordando temas como postura, condução, percepção rítmica e execução dos passos, além do comportamento social com ênfase nas atitudes pessoais, abordagem da outra pessoa e relação harmoniosa com o grupo; 5. Contribuir para o desenvolvimento acadêmico dos graduandos que atuaram como bolsistas e voluntários do projeto; 6. Verificar as percepções dos participantes a partir da vivência da dança de salão sobre o bem-estar, a interação social e a motivação para a realização das atividades cotidianas.

## **2 METODOLOGIA**

O projeto foi conduzido no Restaurante Universitário (RU – Centro) onde as aulas de dança eram ministradas duas vezes por semana, no período noturno, com duração de uma hora e meia cada aula, num período de 24 meses. O projeto contou com o apoio da Pró-reitoria de Gestão de Pessoas e com o apoio do Sindicato dos Trabalhadores Técnicos-administrativos em Educação (SINTUFEJUF). O público-alvo do projeto contemplou alunos e servidores da UFJF (técnicos-administrativos e docentes da instituição), de todas as idades e de ambos os sexos. Os instrutores que ministraram as aulas, além de serem servidores e alunos da UFJF, possuíam experiência na prática e no ensino da dança de salão participaram de cursos, oficinas e eventos na área.

Durante as aulas a ênfase era dada não só à técnica e à cultura da dança de salão, mas também à postura corporal e social que se deve ter diante de cada ritmo aprendido. As aulas foram programadas de acordo com as técnicas de base da dança de salão e os ritmos mais populares, tais como bolero, samba, soltinho, forró, salsa, tango e zouk, levando sempre em consideração o interesse demonstrado pelos participantes quanto ao ritmo e à musicalidade.

O desenvolvimento do programa foi avaliado por meio de reuniões periódicas com a equipe de instrutores e a realização de entrevistas junto aos participantes com a finalidade de verificar as suas percepções sobre as atividades vivenciadas no projeto e a influência dessas atividades sobre sua qualidade de vida.

Realizou-se avaliação contínua e sistemática do projeto por meio de reuniões periódicas entre a coordenação e a equipe de instrutores, visando o monitoramento das estratégias de ensino bem como o planejamento das atividades. O projeto também oportunizou a manifestação dos participantes quanto ao projeto executado, por meio da aplicação de questionários, visando o levantamento de opiniões relativas à coerência das atividades desenvolvidas, benefícios e identificação de oportunidades de melhoria. Estimulou-se ainda a participação da equipe em eventos com foco na extensão universitária.

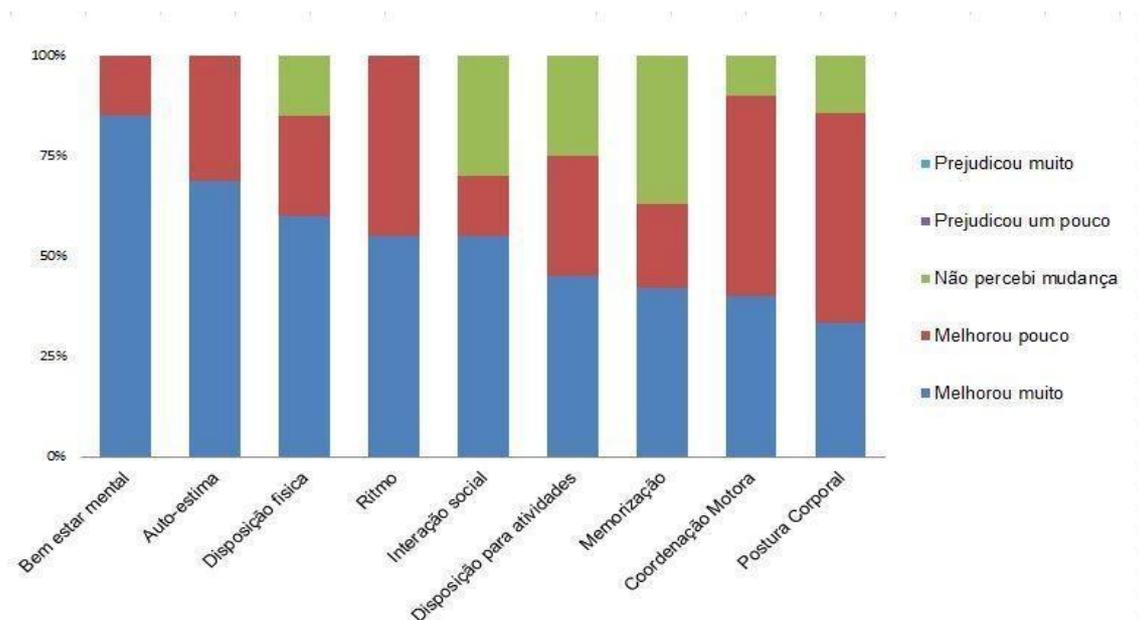
## **3 RESULTADOS**

A partir da realização de entrevistas junto aos participantes, os dados levantados compuseram uma pesquisa relacionada às atividades vivenciadas pelos participantes no programa e sua contribuição sobre aspectos como consciência corporal e promoção de saúde. Considerando uma amostra constituída por 21 participantes selecionados aleatoriamente, constatou-se que a maior parte era composta por indivíduos do sexo feminino (61,9%, n=13), enquanto os participantes do sexo masculino correspondiam a 38,9% (n= 8). A média de idade do grupo foi de 49,21 anos, sendo a amostra composta por alunos de idade mínima de 18 anos e idade máxima de 80 anos. Quando questionados se os participantes já fizeram aula de dança de salão antes do projeto, a maioria afirmou que não praticava dança de salão antes do projeto (52,14%, n=12).

Com relação à análise da influência da prática da dança de salão sobre a qualidade de vida, nenhum dos entrevistados relatou algum tipo de prejuízo trago após a prática de dança de salão e mais de 75 % dos entrevistados relataram que melhorou muito o bem-estar mental, mais de 50% relataram que melhorou muito a

autoestima, disposição física, ritmo, interação social e disposição para outras atividades. Quando perguntados sobre a coordenação motora e a postura corporal, a maioria respondeu que melhorou pouco e com relação à memorização, a maioria respondeu que melhorou muito ou que não percebeu mudança e uma menor parcela relatou que melhorou pouco. Os resultados da avaliação dos benefícios da prática de dança estão dispostos na figura 1.

**Figura 1** – Benefícios relatados pelos participantes do projeto *Educando corpo e mente*



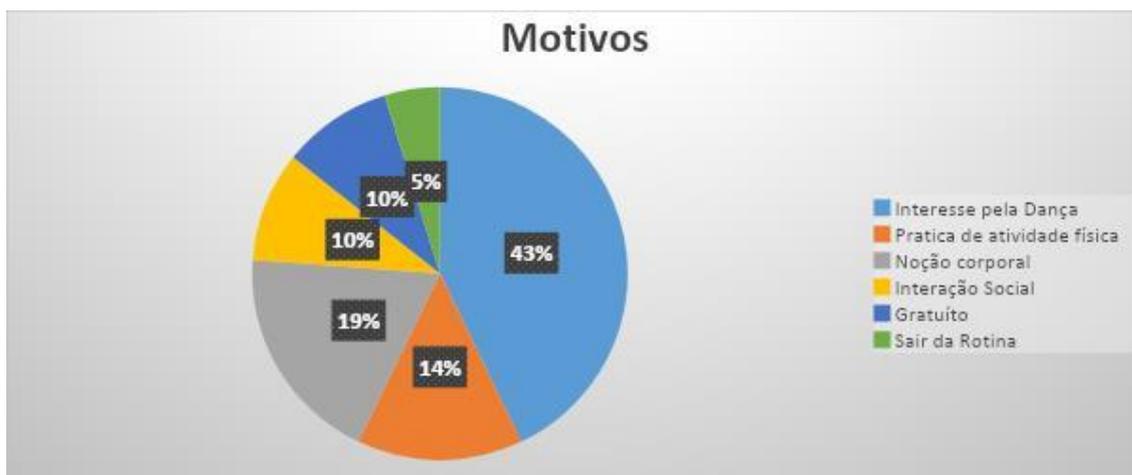
Fonte: Equipe do projeto.

Foram direcionadas perguntas discursivas aos participantes, sendo abordado: o motivo que os levou a participar do projeto; o que a dança de salão representava para os participantes; a percepção da dança na promoção da saúde; e a influência da dança de salão na interação social.

Quando questionados sobre os motivos que levaram a participar da dança de salão 43% (n= 9) dos participantes relataram que gostariam de aprender a dançar. Neste aspecto, foram relatados: *“Por vontade de conhecer a dança de salão”*, *“Por gostar muito de dançar”*, *“Por interesse e por me achar desengonçado”*.

Dentre os motivos, também cabe destacar a oportunidade de praticar uma atividade física, relatada por 14% dos entrevistados (n=3), e consciência corporal, citada por 19% (n=4). Os fatores interação social e o fato de as aulas serem gratuitas foram os motivos relatados por 9% e 10% dos participantes respectivamente, enquanto 5% relataram ser um meio de sair da rotina. Entre os depoimentos relacionados a esta questão podemos destacar: *“Relaxamento mental, aprender alguns ritmos, conhecer pessoas”*, *“Eu vim, pois, pela minha idade, precisamos fazer movimentos. E por termos que aprender os passos, sua coordenação melhora”*, *“Como eu moro sozinha e eu tenho um quadro de depressão, eu tenho que estar movimentando minha mente e meu corpo”*. Estes resultados estão apresentados na figura 2.

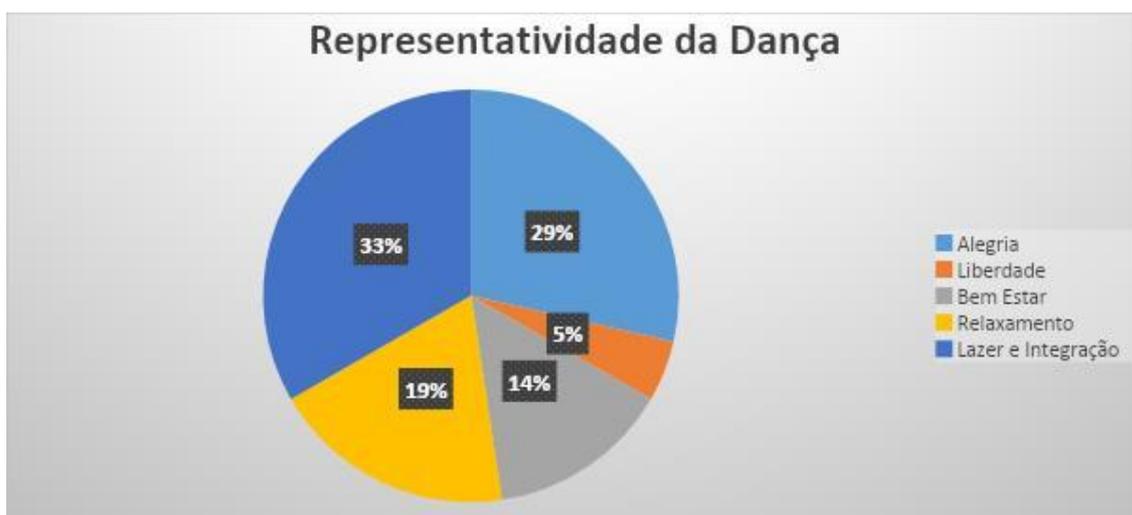
**Figura 2** - Quais os motivos que levaram você a participar do projeto?



Fonte: Equipe do projeto.

A segunda pergunta foi a respeito do que a dança representava para os participantes, 33% relataram alegria, conforme os depoimentos: *“A dança representa alegria, porque quando eu estou dançando estou sempre alegre, sempre feliz”, “A dança é tudo, é alegria! Eu não vejo a hora de chegar na segunda e quarta feira pra eu vir dançar”*. Dos entrevistados, 29% relataram que é um “momento de diversão e integração”, 19% e 14% relataram um momento de relaxamento e bem-estar, respectivamente e 5 % relataram um sentimento de liberdade. Outros relatos sobre esta questão são: *“Está me animando, me deixa mais alegre, calmo e tranquilo”, “Alegria de vida, higiene mental, terapia”, “Eu dançava desde pequena então ela me faz reviver o passado, ela me faz ficar feliz”*.

**Figura 3** – O que a dança representa para você?



Fonte: Equipe do projeto.

Com relação à terceira pergunta, sobre como a dança interfere na promoção da saúde, todos os entrevistados relataram uma interferência positiva seja na saúde mental, e/ou motora e/ou social. Entre os relatos, podemos citar: *“Questão mental, ao*

*praticar a dança esquece de tudo, das preocupações e se concentra na atividade”. Melhorou minha saúde mental, meu relaxamento, minha disposição física e isso impacta na promoção da saúde. Melhorou meu ritmo, estou mais disposta que antes”.* Os dados obtidos corroboram com Stevens-Ratchford (2016), que demonstrou que as atividades de dança de salão demonstraram alto grau de satisfação e realização, além de forte motivação para participar de atividades de dança de salão que envolviam esforços para aprender e superar desafios e resultavam em maior engajamento geral com a vida.

Na última pergunta, os entrevistados foram indagados se houve alguma mudança no relacionamento com outras pessoas e se fez novas amizades. Dos 20 participantes que responderam a esta questão, 50% (n=10) relataram que houve maior facilidade de lidar com outras pessoas, 20% (n=4) não repararam a mudança. Relataram diminuição da timidez 15% dos respondentes e outros 15% citaram que desenvolveram maior compreensão e paciência com as pessoas. Estes resultados estão apresentados na figura 4. Todos os entrevistados relataram que fizeram novas amizades, conforme os depoimentos: *“Tive mais facilidade para fazer amizades” “Fiz novas amizades”, Fiz muitas novas amizades, tanto que saímos e dançamos fora daqui e é foi divertido, “Faz bem, é um momento de entreter e se interagir com outras pessoas”.*

**Figura 4** – Você percebeu alguma mudança no seu relacionamento com as outras pessoas? Com sua família? Fez novas amizades?



Fonte: Equipe do projeto.

## 4 CONCLUSÕES

A partir das atividades desenvolvidas no projeto “Educando corpo e mente”, concluímos que a prática da dança de salão promove benefícios individuais com relação à consciência corporal e bem-estar físico e mental, favorece a interação social e interfere positivamente na qualidade de vida dos praticantes e na motivação para a realização das atividades cotidianas. Verificou-se a relevância deste projeto como ação extensionista no âmbito da UFJF no que tange à educação popular e promoção de saúde em todos os seus aspectos.

## REFERÊNCIAS

BATISTA, N.N.L.A.L. *et al.* Trabalhando a educação popular em saúde com a dança. *Revista Eletrônica Gestão & Saúde*, v. 6 (Supl. 1), p. 817-23, 2015.

BOLSANELLO, D. Educação somática: o corpo enquanto experiência. *Motriz*, Rio Claro, v. 11 n. 2 p. 99-106, 2005.

CAVALCANTI, L.B.C.; LIBERALI, R.; MUTARELLI, M.C.; NETTO, M.I.A. Dança a dois na percepção da comunicação corporal: visão do aluno. *Revista Brasileira de Prescrição e Fisiologia do Exercício*, v. 6, n. 32, p. 133-140, 2012.

FONSECA, C.C. *Esquema Corporal, Imagem Corporal e Aspectos Motivacionais na Dança de Salão*. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, 2008.

FONSECA, C.C.; VECCHI, R.L.; GAMA, E.F. A influência da dança de salão na percepção corporal. *Motriz*, v. 18, n. 1, p. 200-207, 2012.

FREIRE P. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

FREIRE, I.M. Dança-Educação: O Corpo e o Movimento no Espaço do Conhecimento. *Cedes*, n.53, 2001.

MACHADO, Z., SANTOS, G.R., GUIMARÃES, A.C.A., FERNANDES, S. SOARES, A. Qualidade de vida e dança de salão. *Revista Brasileira de Atividades Físicas e Saúde*. v. 17, n. 1, p. 39-45, 2012.

MERLEAU-PONTY, M. *Phénoménologie de la perception*. Paris: Éditions du Seuil, 1949.

MILLER, J. O corpo presente: uma experiência sobre dança-educação. *Educação Temática Digital*, v. 16, n. 1, p. 100-114. 2014.

PASSARINHO, C.; LIBERALI, R. Influência da dança para a melhoria da qualidade de vida no aspecto motivacional e físico – revisão sistemática. *Repertório*, n. 21, p. 209-216, 2013.

PHOEBE, W.H., KATHRYN, L.B. The Effectiveness of Dance Interventions to Improve Older Adults' Health: A Systematic Literature Review. *Revista Alternative therapies in health and medicine*, v. 5, n. 21, p. 64–70, 2017.

STEVENS-RATCHFORD, R.G. Ballroom Dance: Linking Serious Leisure to Successful Aging. *The International Journal of Aging and Human Development*, v. 83, n. 03, p. 1–19, 2016.

A extensão que fizemos, a extensão que faremos - v. 2

TONELI, P.D. *Dança de salão: instrumento para a qualidade de vida no trabalho*. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Administração) – Instituto Municipal de Ensino Superior de Assis, Assis, 2007.

VIEIRA SOUZA, M. Abordagens Somáticas do Corpo na Dança Revista Brasileira. *Estudos da Presença*, Porto Alegre, v. 5, n. 1, p. 127-147, 2015.

## ANEXOS

### Sequência 1 – Fotos das atividades de prática de dança de salão realizadas no Restaurante Universitário (Centro) da UFJF



Fonte: Equipe do projeto.

**Sequência 2** – Fotos da apresentação da equipe em evento na praça cívica da UFJF



**Fonte:** Equipe do projeto.

# Grupos lúdicos em pediatria: o brincar como enfrentamento da hospitalização

Fabiane Rossi dos Santos Grincenkov<sup>1</sup>  
Fernanda Buzzinari Ribeiro de Sá<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Professora Adjunta do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Mestre e Doutora em Saúde pela UFJF. E-mail: fabiane.rossi@ufjf.edu.br.

<sup>2</sup>Psicóloga efetiva do Hospital Universitário-Universidade Federal de Juiz de Fora. Mestre em Psicologia - Processos Psicossociais e da Saúde pela Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: f.buzzinari@bol.com.br.

# Grupos lúdicos em pediatria: o brincar como enfrentamento da hospitalização

## 1 INTRODUÇÃO

A Psicologia Pediátrica surgiu em 1968, quando pesquisadores e profissionais que atuavam no cuidado de crianças, adolescentes e suas famílias, identificaram a necessidade de avaliar e intervir junto a este público, criando a Divisão 54 da Associação Americana de Psicologia. A Psicologia Pediátrica consiste na aplicação dos conhecimentos da Psicologia da Saúde para a criança, adolescente e suas famílias, sendo considerada uma subárea da Psicologia da saúde que abrange o atendimento clínico, a pesquisa e o ensino (Castro, 2007).

Ao se pensar na infância, espera-se que a criança viva situações de saúde para crescer e desenvolver-se, porém, quando esta é acometida pelo adoecimento, pode ter grande parte de seu comportamento modificado. Sua reação diante dessa experiência desconhecida, que é a doença, pode lhe trazer sentimentos de culpa, medo, angústia, depressão e apatia, ameaçando toda sua rotina de vida. A hospitalização passa a permear todo seu processo de crescimento e desenvolvimento, modificando o cotidiano, separando-a do convívio de seus familiares e ambiente. A criança, além da patologia física, sofre os efeitos da própria hospitalização, momento que pode deixar marcas importantes em sua saúde mental (Ribeiro e Angelo, 2005).

O diagnóstico de uma doença na infância exige não somente a determinação da natureza da doença, mas também o acesso às expectativas, crenças e explicações sobre seus sintomas e significado, sendo esta muitas vezes vista pela criança como punição à desobediência. A hospitalização passa a ser vista como ameaçadora e causadora de ansiedade. Em geral observa-se que quanto menor é a criança, mais exposta estará a desenvolver ansiedade, pois tem maior dificuldade de compreender o que significa estar doente e hospitalizada. (Crepaldi, Hackbarth, 2002). Entre os principais estressores da hospitalização infantil destacam-se a doença, a dor, o ambiente hospitalar pouco familiar, a exposição a procedimentos médicos invasivos, a separação dos pais, o estresse dos acompanhantes, a ruptura da rotina de vida e adaptação a uma nova rotina imposta e desconhecida; a perda da autonomia, controle e competência pessoal, a incerteza sobre a conduta mais apropriada, e a morte (Motta e Enumo, 2002).

Neste cenário é fundamental que medidas de intervenção psicológica sejam incluídas na assistência à criança hospitalizada, visando amenizar os riscos ao seu desenvolvimento, permitindo que a mesma e sua família mobilizem recursos para um enfrentamento que contribua também com o tratamento de saúde. Destaca-se a importância de uma avaliação psicológica prévia para se adequar aos procedimentos e técnicas psicológicas disponíveis ao contexto hospitalar (Motta e Enumo, 2010).

Algumas propostas de intervenções com crianças têm se destacado, visando minimizar ou reverter os eventuais problemas emocionais, como programas a serem desenvolvidos com crianças e suas famílias no ambiente hospitalar. Evidências mostram que tais intervenções podem ajudar tanto as crianças como as famílias a lidar com as consequências psicológicas e sociais associadas ao adoecimento, trazendo contribuições como a melhoria da qualidade da interação destas crianças com os

vários contextos em que vive – família, escola, equipe médica, como também para o próprio tratamento da doença, através de respostas mais positivas frente às demandas clínicas da doença. (Castro e Piccinini, 2002).

Entre as estratégias utilizadas para redução do estresse induzido pela hospitalização, componentes lúdicos têm sido considerados estímulos para uma adaptação positiva. A estratégia lúdica consiste na utilização de jogos, brinquedos, desenhos e livros de histórias, com um objetivo específico. A utilização de jogos e brinquedos é bastante reforçadora para a criança e o brinquedo fornece à mesma um ambiente planejado no qual é possível a aprendizagem de habilidades. Além disso, o brinquedo auxilia no desenvolvimento social, emocional e intelectual da criança. O uso da fantasia e da brincadeira permite à criança encontrar alternativas de comportamentos, inicialmente para os personagens de suas brincadeiras e depois para as situações de sua vida. Por meio de metáforas, comportamentos e sentimentos são, assim, evocados, e podem ser trabalhados (Gadelha e Menezes, 2004).

A oferta de materiais hospitalares de brinquedo pode ser um recurso para que a criança possa expressar seus temores e ansiedades frente aos instrumentos que serão utilizados com ela. A atividade lúdica pode ser uma estratégia por meio da qual a criança pode obter certo controle sobre a situação a ser enfrentada, sendo assim, a oportunidade de brincar no hospital tem efeitos positivos como recrear, amenizar o sofrimento hospitalar, favorecer a comunicação e a expressão dos sentimentos das crianças, entre outros. (Motta e Enumo, 2002). Freud (1969 [1920]) já apontava que a criança pode manifestar seus conflitos, e, desse modo, reorganizar suas angústias, submetendo seus medos e problemas internos às representações. Afirmou também que a criança brinca para tentar lidar com a própria angústia, o que demanda um exaustivo trabalho de elaboração e criação internas. O brincar é sempre terapêutico e saudável, se estabelece no que Winnicott (1975) chamou de espaço potencial, onde a criança pode ser criativa, espontânea e sentir-se segura, e acontece baseado na confiança em elementos ambientais, sendo possível supor que assim se dê o brincar entre cada criança.

Por meio do jogo a criança expressa sua forma de compreender o mundo, como se desenvolve e aprende, elaborando seu luto e experiência pessoal. O jogo terapêutico é diferente de outros tipos de jogos, sendo facilitado por um terapeuta treinado e especializado, que aborda os medos e também o bem-estar psicossocial da criança. No contexto hospitalar o uso de brincadeiras de médico pode recriar as percepções das crianças sobre suas experiências, favorecendo sua comunicação. O uso de desenhos faz com que a criança possa ilustrar seus medos, preocupações e fantasias, o que reforça a importância das atividades lúdicas nos centros hospitalares infantis (Castro, 2007).

No ambiente hospitalar, instituir espaços para o brincar e deixar que a criança se aproprie deles é respeitar sua fala e sua expressão. Sustentar esses espaços, com essa proposta, é dever ético da equipe de saúde. O hospital abriga uma diversidade de saberes e de práxis, desde o mais tradicional saber e ensino médicos, até as novas apostas e propostas de trabalho interdisciplinar. O reconhecimento da criança como sujeito se impõe a toda a equipe como forma de não correr o risco de se medicalizar, disciplinar e/ou controlar o referido espaço. As atividades lúdicas direcionadas a crianças no ambiente hospitalar atuam como catalisadoras no processo de sua recuperação e adaptação, representando estratégia de confronto das condições

adversas da hospitalização. O ato de brincar permite à criança se relacionar melhor com o cotidiano de sua internação e resgatar as brincadeiras que realizava em seu ambiente familiar, antes da hospitalização. O ambiente hospitalar torna-se mais humanizado, o que favorece a qualidade de vida de crianças e familiares, influenciando assim na sua recuperação (Borges *et al.*, 2008).

Diante desta realidade o projeto “Grupos lúdicos em Pediatria: O brincar como enfrentamento da hospitalização” tem como objetivo possibilitar a crianças hospitalizadas um espaço de elaboração do processo de internação por meio da atividade lúdica. Além disso, visa proporcionar maior interação social e estabelecimento de vínculos entre crianças submetidas à hospitalização, fornecer aos acadêmicos envolvidos no projeto maior articulação teórico-prático acerca da intervenção da Psicologia na Pediatria, além de desenvolver nos discentes competências e habilidades voltadas não somente à intervenção psicológica, mas ao diálogo interprofissional com as demais áreas que compõem as equipes de saúde.

## 2 METODOLOGIA

O projeto teve início no ano de 2015, visando integrar as ações realizadas pelo Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Juiz de Fora e o Hospital Universitário. Esta parceria já firmada por meio da realização de estágios em Psicologia Hospitalar e da Saúde e também pelas Residências Multiprofissionais em Atenção Hospitalar e em Saúde do Adulto, foi, assim, ampliada para as ações de extensão. A equipe do projeto é composta por uma professora do curso de Psicologia da Universidade Federal de Juiz de Fora, uma psicóloga responsável pelo Setor de Pediatria do Hospital Universitário, além de um(a) bolsista e um(a) voluntário(a) vinculados à graduação em Psicologia da instituição. O projeto conta também com a colaboração de um residente de Psicologia vinculado ao Setor de Pediatria.

Estão incluídas entre as ações do projeto a realização de grupos lúdicos direcionados a crianças e adolescentes com idade entre 01 (um) a 15 (quinze) anos, internados no Setor de Pediatria do Hospital Universitário da Universidade Federal de Juiz de Fora. As atividades são realizadas diariamente, com a duração de duas horas. Os grupos são realizados de segunda a sexta-feira, das 13 às 15 horas. As crianças são convidadas a participar dos grupos de maneira livre e espontânea, a partir de acolhimento realizado ao leito das enfermarias. Pais ou responsáveis são comunicados sobre a proposta e motivados quanto à participação das crianças.

No que tange à formação acadêmica, as supervisões das atividades dos discentes envolvidos no projeto acontecem semanalmente, visando a discussão e supervisão da prática, bem como o aperfeiçoamento das atividades, sob a condução da psicóloga responsável pela Pediatria e orientação da docente responsável pelo projeto. Também são discutidas e planejadas as ações formativas complementares destinadas aos alunos (grupos de estudos, seminários, entre outros), bem como as medidas necessárias para o aprimoramento das rotinas.

O projeto de extensão enquadra-se na ênfase do curso de Psicologia da Universidade Federal de Juiz de Fora destinada à Psicologia, Processos de Prevenção, Promoção da Saúde e Social-Comunitária, visando o desenvolvimento de diversas competências e habilidades, especialmente direcionadas à atenção à saúde; no desenvolvimento de ações de prevenção, promoção, proteção e reabilitação da saúde

psicológica e psicossocial, tanto em nível individual quanto coletivo. O mesmo abrange a tríade ensino/pesquisa/extensão por se caracterizar como um espaço de aprendizagem de questões que envolvem a prática clínica com crianças, o que pode acarretar, a partir de seu desenvolvimento, o fomento de pesquisas direcionadas à importância do recurso lúdico como uma estratégia de enfrentamento de crianças hospitalizadas. Como extensão denota sua relevância na oferta de um trabalho clínico especializado direcionado a população, especialmente aos usuários do hospital escolhido como cenário do projeto. Além disso, o projeto favorece, por meio da realização da intervenção psicológica junto a seu público-alvo, a inclusão de grupos que, muitas vezes, possuem acesso restrito à oferta de um serviço especializado em Psicologia.

### 3 RESULTADOS

Na realização dos grupos, a escolha dos instrumentos terapêuticos se dá segundo a preferência dos participantes, sendo realizadas brincadeiras, jogos educativos, desenho, pintura, leitura de histórias, filmes, entre outras atividades lúdicas. Todos os recursos lúdicos utilizados envolvem situações relacionadas à temática do adoecimento e da internação, visando o foco da intervenção direcionada ao enfrentamento desta vivência e fazem parte do acervo de materiais disponíveis na brinquedoteca do Serviço de Psicologia/Pediatria. Tais atividades são desenvolvidas em grupos, podendo também ser esporadicamente realizadas individualmente, de acordo com a opção e a interação de cada criança.

**Figura 1** – Registro de espaço de atividades I



**Fonte:** Pediatria HU UFJF.

**Figura 2 – Registro de atividades**



**Fonte:** Pediatria HU UFJF.

As atividades objetivam trabalhar com as crianças, não se restringindo somente a este público, uma vez que os grupos também podem ser um espaço para que os pais possam resgatar a rotina doméstica do contato com os filhos, relação esta muitas vezes interrompida pelo contexto hospitalar. Portanto, a partir das atividades lúdicas, são observadas demandas das crianças e dos pais e, segundo a peculiaridade de cada caso observado, são feitas intervenções, encaminhamentos para equipe multiprofissional ou esclarecimentos mediados pela Psicologia entre pais, crianças e profissionais de saúde.

**Figura 3 – Registro de espaço de atividades II**



**Fonte:** Pediatria HU UFJF

Intervenções junto à equipe de saúde também são realizadas, visando o diálogo interdisciplinar acerca da condução de situações específicas de cada criança,

destacando-se o grupo como um espaço de observação de demandas não somente psicológicas, mas que envolvem todo o contexto social e orgânico.

Ampliando suas possibilidades de atuação, a equipe do projeto desenvolve também atividades interprofissionais com a equipe de saúde da Pediatria, por meio de treinamentos direcionados aos residentes em Pediatria sobre temáticas relacionadas à Psicologia Pediátrica. Além disso, o projeto desenvolve também diversos materiais psicoeducativos, como vídeos e cartilhas, direcionados a pais/mães, crianças e profissionais de saúde, com temas como enurese, encoprese, desfralde, morte na infância, Síndrome de Munchausen, comunicação de más notícias, entre outros.

O projeto oferece também um espaço de acolhimento em grupo para pais/mães de crianças que possuem condições crônicas de saúde, visando ser um espaço de escuta das dificuldades inerentes ao cuidado com as mesmas.

Além disso, optou-se também pelo desenvolvimento de um protocolo de avaliação psicológica direcionado a crianças hospitalizadas, com o estabelecimento de uma rotina de avaliações, por meio de instrumentos validados para o público infantil, para que o rastreio precoce de problemas emocionais associados à hospitalização possa ser realizado e conseqüentemente efetivados os tratamentos necessários.

Para acompanhamento dos efeitos do projeto para o público-alvo são realizadas avaliações sistemáticas junto aos responsáveis pelas crianças participantes do projeto acerca da importância da realização dos grupos na adaptação ao tratamento. Foi desenvolvido pelos profissionais responsáveis um instrumento de avaliação da satisfação de pais/mães acerca das atividades do projeto, que tem sido utilizado como parâmetro de análise.

Para acompanhamento dos efeitos do projeto na formação dos discentes envolvidos, além das supervisões semanais e discussão teórica de temas relacionados à Psicologia Pediátrica, é realizado um portfólio reflexivo visando uma autoavaliação formativa contextualizada, participativa e reflexiva.

As ações do projeto, por meio do modelo de intervenção lúdica, têm sido apresentado pela equipe em diversos eventos científicos na área de Psicologia Hospitalar e da Saúde. No ano de 2018, o projeto recebeu a Menção Honrosa na categoria vídeos em evento promovido pela Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal de Juiz de Fora. Visando ampliar as ações para além do conhecimento dos usuários do Hospital Universitário sobre o projeto, a equipe participou da iniciativa “UFJF na Praça”, realizada em 2019, com apresentação à comunidade das atividades realizadas.

## **4 CONCLUSÕES**

O projeto tem se mostrado bastante efetivo no que diz respeito à ampliação da oferta de intervenções psicológicas junto a crianças hospitalizadas. Proporciona um importante diálogo entre a Psicologia e os demais profissionais que compõem a equipe de saúde, favorecendo o aprendizado de habilidades importantes aos discentes envolvidos para a atuação em Pediatria.

Com a realização dos grupos lúdicos observa-se maior interação social entre crianças e adolescentes internados, maior motivação para participação em atividades que não sejam realizadas nos leitos, o que pode interferir de forma significativa na redução dos sintomas depressivos decorrentes da hospitalização.

Destaca-se como limitações do projeto a necessidade de realização de estudos que avaliem a eficácia desta modalidade de intervenção. Entre os principais desafios estão a inserção de discentes de áreas afins, promovendo um caráter interprofissional ao projeto, bem como a inserção de práticas remotas, por meio de intervenções online, a serem utilizadas em situações nas quais a intervenção presencial não se faz possível.

Para além das dificuldades e desafios futuros, a concretização de um espaço de acolhimento e de escuta das angústias de crianças e suas famílias, por meio da atividade lúdica, se destaca como um recurso de suma importância e uma ferramenta necessária aos profissionais que se destinam à prática da Psicologia Pediátrica.

## REFERÊNCIAS

BORGES, E.P.; NASCIMENTO, M.D.S.B.; SILVA, S.M.M. Benefícios das atividades lúdicas na recuperação de crianças com câncer. *Boletim Academia Paulista de Psicologia*, v. 28, n. 02, p. 211-221, 2008.

CASTRO, E.K.; PICCININI, C.A. Implicações da doença orgânica crônica na infância para as relações familiares: algumas questões teóricas. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 15, n. 3, p. 625-635, 2002.

CASTRO, E. K Psicologia pediátrica: a atenção à criança e ao adolescente com problemas de saúde. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 27, n. 3, p. 396-405, 2007.

CREPALDI, M.A.; HACKBARTH, I.D. Aspectos psicológicos de crianças hospitalizadas em situação pré-cirúrgica. *Temas em Psicologia da SBP*, v. 10, n. 2, p. 99-112, 2002.

FREUD, S. Além do princípio do prazer. In: FREUD, S. *Obras completas de Sigmund Freud*. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1969 [1920].

GADELHA, Y.A; MENEZES, I.N. Estratégias lúdicas na relação terapêutica com crianças na terapia comportamental. *Universitas Ciências da Saúde*, v. 2, n. 1, p. 1-151, 2004.

MOTTA. A.B.; ENUMO, S.R.F. Brincar no hospital: Estratégia de enfrentamento da hospitalização infantil. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 9, n. 1, p. 19-28, 2004.

MOTTA. A.B.; ENUMO, S.R.F. Câncer infantil: uma proposta de avaliação das estratégias de enfrentamento da hospitalização. *Estudos de Psicologia*, Campinas, v. 21, n. 3, p. 193-202, 2002.

MOTTA. A.B.; ENUMO, S.R.F. Intervenção psicológica lúdica para o enfrentamento da hospitalização em crianças com câncer. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 26, n. 3, p. 445-454, 2010.

RIBEIRO, C.A.; ANGELO, M. O significado da hospitalização para a criança pré-escolar: um modelo teórico. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, v. 39, n. 4, p. 391-400, 2005.

WINNICOTT, D.W. O brincar & a realidade. Tradução de José Octávio de Aguiar Abreu e Vanede Nobre. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

# A interface entre a extensão e a educação em saúde com escolares e seus responsáveis

Amanda Moreira da Silva<sup>1</sup>

Emmanuel José Silva de Jesus<sup>2</sup>

Larissa Aparecida Gonçalves Marinho<sup>3</sup>

Mylena de Oliveira Botelho<sup>4</sup>

Nayane Galdino Moreira<sup>5</sup>

Yuri Neves Arantes Paulino<sup>6</sup>

Elita Scio<sup>7</sup>

<sup>1</sup>Acadêmica do curso de Enfermagem da Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: amandams.moreira@gmail.com.

<sup>2</sup>Acadêmico do curso de Enfermagem da Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: emmanuel\_596@outlook.com.

<sup>3</sup>Acadêmica do curso de Enfermagem da Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: larissa.lagm@gmail.com.

<sup>4</sup>Acadêmica do curso de Enfermagem da Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: mylenajfb@gmail.com.

<sup>5</sup>Acadêmica do curso de Enfermagem da Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: nayane.galdino@estudante.ufjf.br.

<sup>6</sup>Acadêmico do curso de Enfermagem da Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: yurineves90@gmail.com.

<sup>7</sup>Professora titular do Departamento de Bioquímica do Instituto de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Juiz de Fora e coordenadora dos projetos Brincando e Aprendendo Saúde (BAS) e Atuação da Enfermagem nas Práticas de Promoção e Manutenção da Saúde (AEPPMS). E-mail: elita.scio@ufjf.edu.br.

# A interface entre a extensão e a educação em saúde com escolares e seus responsáveis

## 1 INTRODUÇÃO

Uma das principais profissões da área da saúde é a enfermagem, que possui, dentre as suas várias competências, a educação em saúde, integrando assim parte do cuidado voltado ao indivíduo, família e comunidade em todos os níveis de atenção (Lima, 2006). Com o objetivo de promover a saúde, esse modelo educacional torna-se importante ao possibilitar a apropriação de saberes, embasando o autocuidado (Macedo e Bedrikow, 2019). Observa-se isso também no contexto escolar, no qual a educação em saúde realizada pela enfermagem dentro deste ambiente é considerada de total relevância, pois utiliza-se uma abordagem dialógico-reflexiva a fim de construir ideais e/ou saberes para a vida (Assunção *et al.*, 2020).

Assim, para lidar com o público escolar, torna-se de grande importância o trabalho através de metodologias ativas, lúdicas e criativas, pois há estimulação da sociabilidade, troca de experiências e compreensão da realidade de cada indivíduo (Macedo e Bedrikow, 2019). Neste sentido, os projetos de extensão das universidades são relevantes para, principalmente, criar uma relação com a comunidade em que está inserida, valorizando-a e, através de algumas intervenções, transformando-a. Assim, é interessante que as ações de extensão universitária tenham como pilar a educação em saúde e que sejam capazes de problematizar sobre as demandas apresentadas pela sociedade, num trabalho recíproco (Macedo e Bedrikow, 2019). Neste artigo constam informações sobre os projetos *Brincando e Aprendendo Saúde (BAS)* e *Atuação da Enfermagem nas Práticas de Promoção e Manutenção da Saúde (AEPPMS)*, que atuam na área de educação em saúde com foco em crianças e seus responsáveis, e também exemplos de atividades ocorridas no mesmo ano.

## 2 OBJETIVOS

Os projetos *Brincando e Aprendendo Saúde (BAS)* e o *Atuação da Enfermagem nas Práticas de Promoção e Manutenção da Saúde (AEPPMS)* têm por objetivo promover a saúde como forma de garantir a qualidade de vida.

## 3 METODOLOGIA

O BAS juntamente com o AEPPMS são projetos conectados, que exercem práticas de educação em saúde com crianças e seus responsáveis respectivamente. No ano de 2017, as atividades ocorreram na Escola Municipal Dr. Adhemar Rezende de Andrade, preferencialmente na última quarta e sexta-feira de cada mês, com crianças entre 6 e 8 anos. As atividades desenvolvidas com os responsáveis desses escolares aconteceram nos momentos de reunião de pais na mesma instituição. Houve também

atividades na Pastoral da Criança do bairro Aeroporto no último sábado do mês, com as crianças e seus responsáveis.

As atividades têm duração média de 30 minutos, iniciando-se com uma problematização sobre a temática do dia, buscando salientar o conhecimento prévio das crianças. Posteriormente, ocorre a troca de conhecimentos entre o público e os acadêmicos por meio de embasamento teórico prévio dos temas solicitados. Em seguida, há dinâmicas que são realizadas juntamente com as crianças, finalizando com um teatro de fantoches. Os temas são selecionados antecipadamente de acordo com a demanda informada aos integrantes pelos profissionais responsáveis pela escola e pela pastoral, após, a temática é embasada cientificamente, através de livros, plataformas digitais, artigos científicos e outros. A seguir é elaborado o roteiro para o nosso teatro que, em 2017, contava com dois fantoches, o Chico e a Maricota. Há também a elaboração da atividade para fixação do tema, que é mantida com materiais fornecidos através do repasse financeiro advindo da Pró-reitoria de Extensão (PROEX).

Durante o período de execução do projeto no ano de 2017 ocorreram muitas trocas de conhecimentos, experiências e vivências entre as crianças, pais e integrantes do projeto. Entre o portfólio utilizado para atender os usuários naquele ano estão, “Alimentação Saudável – importância das frutas”, “União”, “Higiene Corporal, alimentar e combate ao piolho”, “Alimentação saudável – Pirâmide Alimentar”, “Trabalho em Equipe” e “Feliz Natal!”.

Há como exemplo a atividade de “Alimentação saudável – importância das frutas”, que foi ofertada para as crianças na escola, a abordagem com os alunos iniciou-se com uma roda de conversa onde eram passados de mão em mão frutas, como maçã, laranja, kiwi, banana, pêra e mamão, assim as crianças poderiam sentir textura, formato, cheiro, coloração e conhecer um pouco da variedade de frutas que podem estar no seu cardápio diário. Posteriormente algumas crianças se voluntariaram para a segunda dinâmica, que correu com a venda nos olhos, desta forma não enxergavam a fruta que estava na sua frente, o objetivo era identificar cada uma das frutas apenas pelo olfato e o tato, em seguida, ocorreu o questionamento sobre quem consumia frutas diariamente e apenas 30% dos escolares responderam que “sim”. Para finalizar a atividade, foram distribuídas saladas de frutas para os participantes com o objetivo de mostrar o sabor das frutas que continham na dinâmica e despertar a curiosidade em mais frutas. Assim, as crianças foram sensibilizadas sobre a importância do consumo das frutas e os seus benefícios.

Outro exemplo foi a atividade sobre “União”, que foi ofertada na Pastoral da Criança, com a presença de crianças e pais. Para iniciar a abordagem ocorreu uma troca de conhecimentos sobre a temática, onde foi salientado a importância da união familiar para um bom convívio domiciliar e social, após a problematização foi efetuada a leitura da história das formigas que explica a importância da união, o impacto que pode causar na sociedade e sua ação de transformação no bem-estar social. Posteriormente, foi realizada uma dinâmica na qual as crianças eram divididas em dois grupos, o primeiro foi vendado e desafiado a passar por um circuito com vários obstáculos, e o segundo ficou sem as vendas, auxiliando o primeiro nos desafios, mas, para isso acontecer, precisavam confiar uns nos outros. O objetivo da atividade era trabalhar a necessidade da união e da confiança entre as crianças, além de sensibilizar sobre a importância do trabalho em equipe. Para finalizar foi efetuada o teatro de fantoches com o Chico e a Maricota sobre a temática abordada, durante todo o

processo da atividade ocorreu a interação entre os alunos, pais e integrantes do projeto.

## 4 CONCLUSÃO

Sendo assim, Paulo Freire, como patrono da educação e em seus dois primeiros escritos, contrapunha-se à educação tradicional, ao qual citava a educação popular como uma prática libertadora através de um movimento de construção compartilhada de conhecimentos com a participação dos educandos em práticas emancipatórias sobre a realidade social, objetivando a superação de problemas dentro das suas realidades.

Nesse sentido, juntamente com o ensino e a pesquisa, a extensão faz parte dos três pilares da atuação da universidade pública. Através desse cenário, os projetos de extensão possuem papéis valiosos para a sociedade ao promover a disseminação do conhecimento para além da universidade, estreitando laços com o meio social e, conseqüentemente, transformando-o.

Dessa forma, os projetos BAS e AEPPMS atuam na prática de educação em saúde com escolares e responsáveis, ajudando a construir uma relação de diálogo entre o ambiente acadêmico e a comunidade. Especificamente no ano de 2017, as atividades do projeto envolveram uma diversidade de temas que foram trabalhados com base na metodologia emancipatória e lúdica dos ensinamentos de Paulo Freire, fortalecendo assim o autoconhecimento em saúde e estimulando a independência do sujeito no processo do autocuidado.

## REFERÊNCIAS

ASSUNÇÃO, Marhla Laiane de Brito. SILVA, Camila Tahis dos Santos. ALVES, Christiane Almeida de Macedo. ESPÍNDOLA, Mariana Mercês Mesquita. Educação em saúde: a atuação da enfermagem no ambiente escolar. *Revista de Enfermagem UFPE Online*, v. 14. 2020. Disponível em: DOI: <https://doi.org/10.5205/1981-8963.2020.243745>. Acesso em: 23 de janeiro de 2018.

LIMA, M. *O que é enfermagem*. 3 ed. São Paulo: Brasiliense; 2006.

MACEDO, Darlyane Antunes; BEDRIKOW, Rubens. Projetos de extensão do Curso de Bacharelado em Enfermagem de uma universidade pública brasileira. *Rev Saúde em Redes*.n. 5, v. 3, p. 117-127. 2019. Disponível em: DOI: <https://doi.org/10.18310/2446-4813.2019v5n3p117-127>. Acesso em: 18 de janeiro de 2018.

# Clínica de Adolescentes: relato de experiência em odontohebiatria

Yuri de Lima Medeiros<sup>1</sup>

Amanda de Holanda Cavalcanti Soares Perpétuo<sup>2</sup>

Amanda Guimarães de Melo Almeida<sup>3</sup>

Ana Flávia de Oliveira Assis<sup>4</sup>

Beatriz Reis Moreira<sup>5</sup>

Bruna Sbampato Makla<sup>6</sup>

Danielle Fernandes Lopes<sup>7</sup>

Guilherme Thomaz Verly da Silva<sup>8</sup>

<sup>1</sup>Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Diagnóstico Bucal, Radiologia Odontológica e Imaginologia, na área de concentração de Estomatologia, Patologia e Odontologia Hospitalar, da Faculdade de Odontologia da Universidade de São Paulo (FOUSP). Graduado em Odontologia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: yuridlmedeiros@gmail.com.

<sup>2</sup>Graduanda do curso de Odontologia pela UFJF. E-mail: amandadeholandac@gmail.com.

<sup>3</sup>Graduada em Odontologia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: amandagmalmeida@gmail.com.

<sup>4</sup>Graduada em Odontologia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: anaflaviaassis9@gmail.com.

<sup>5</sup>Graduada em Odontologia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: biareism@gmail.com.

<sup>6</sup>Graduada em Odontologia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: brunasbam@gmail.com.

<sup>7</sup>Graduada em Odontologia. Residente da segunda etapa em Pediatria Oncológica no Hospital de Amor de Barretos. E-mail: danielleferlopes@hotmail.com.

<sup>8</sup>Graduado em Odontologia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Residente do Programa de Qualificação da Atenção Primária / Aperfeiçoamento em Odontologia Clínica para Atenção Primária à Saúde – ICEPI. E-mail: guilhermet.verly@hotmail.com.

**João Paulo Santana da Silva<sup>9</sup>**  
**Larissa Pavan de Deus<sup>10</sup>**  
**Luan Viana Faria<sup>11</sup>**  
**Luara de Souza Silva<sup>12</sup>**  
**Breno Nogueira Silva<sup>13</sup>**  
**Gracieli Prado Elias<sup>14</sup>**  
**Elton Geraldo de Oliveira Góis<sup>15</sup>**

<sup>9</sup> Graduado em Odontologia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Residente em Saúde do Adolescente pela Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). E-mail: silvajpsodonto@gmail.com.

<sup>10</sup> Graduação em Odontologia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: larissapdeus@gmail.com.

<sup>11</sup> Graduado em Odontologia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Mestrando em Odontologia (Periodontia) pela Faculdade de Odontologia de Araraquara – FOAr/UNESP com período sanduíche na Johannes Gutenberg-Universität Mainz/Alemanha. E-mail: luanvfaria13@hotmail.com.

<sup>12</sup> Graduada em Odontologia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Especializanda em Prótese Dentária pela Faculdade São Leopoldo Mandic, Campinas – São Paulo. E-mail: luarasousas@gmail.com.

<sup>13</sup> Doutor em Clínica Odontológica com área de concentração em Cirurgia e Traumatologia Buco-Maxilo-Facial da Faculdade de Piracicaba – UNICAMP (2017). Professor Adjunto do conjunto de disciplinas Cirurgia Maxilofacial e Anestesiologia da Faculdade de Odontologia da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: brenonsrj@terra.com.br.

<sup>14</sup> Doutora em Odontopediatria pela Universidade Estadual Paulista (UNESP-2006), com estágio de Pós-Doutorado em Odontopediatria pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG-2008). Professora de Odontopediatria e Psicologia aplicada à Odontologia da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: gracielifped@hotmail.com.

<sup>15</sup> Doutor em em Odontologia, área de concentração em Odontopediatria, pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professor da Faculdade de Odontologia da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: eltongeraldogois@yahoo.com.br.

# Clínica de Adolescentes: relato de experiência em odontohebiatria

## 1 INTRODUÇÃO

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (1995), a adolescência compreende a faixa etária entre 10 e 19 anos de idade. É a fase de transição entre a infância e a vida adulta, iniciada na puberdade e caracterizada pelas alterações no desenvolvimento físico, social e psicológico (Cordeiro *et al.*, 2008). Os adolescentes se mostram mais vulneráveis aos fatores psicossociais e estilo de vida adotado, podendo influenciar em seus hábitos e atitudes em saúde (Cunha *et al.*, 2020). Assim, os hábitos pouco saudáveis durante a juventude podem incidir diretamente no aumento dos riscos para doenças na vida adulta, incluindo os distúrbios e lesões bucais (Fägerstad, Windahl e Arnrup, 2016).

Dentre as alterações mais comuns, podemos citar a má oclusão, doença periodontal, cárie dentária, respiração bucal, halitose, distúrbios temporomandibulares e bruxismo, lesões relacionadas ao uso de piercings orais e periorais, transtornos alimentares, etilismo e tabagismo (Gonzaga *et al.*, 2015; Silva Júnior *et al.*, 2016). Nesse contexto, destaca-se a área de Odontohebiatria, responsável por inserir o adolescente em um programa educativo, preventivo e curativo em Odontologia, contribuindo para a melhora da autoestima e qualidade de vida desses indivíduos (Brondani *et al.*, 2018; Saiani *et al.*, 2008).

As Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de Odontologia, reformuladas e aprovadas em 2018, constituem o eixo orientador na elaboração das grades curriculares implementadas pelas Instituições de Ensino Superior. Dentre os conteúdos essenciais para o curso de graduação em Odontologia, descritos nessas diretrizes, estão os tópicos em Odontologia Pediátrica, onde serão ministrados conhecimentos de patologia, clínica odontopediátrica e de medidas ortodônticas preventivas. No entanto, não é especificado os aspectos referentes à inclusão da Odontohebiatria, carga horária e ementa da oferta da disciplina (Brasil, 2018).

Nesse sentido, a extensão universitária se destaca como uma ferramenta importante na formação teórico-prática em Odontologia, uma vez que possibilita extrapolar a vivência acadêmica encontrada nas clínicas odontológicas curriculares (Moraes *et al.*, 2016). Além disso, esse tipo de atividade permite o desenvolvimento humano e social do discente, pois o extensionista pode colaborar com a comunidade, resultando em melhor entendimento do processo saúde-doença, vivência da experiência do cuidado integral do adolescente e da humanização da profissão (Borato *et al.*, 2018).

Sendo assim, o objetivo do presente estudo é descrever a experiência das ações desempenhadas pelos participantes do projeto de extensão “Clínica de Adolescentes”, desenvolvidas na Faculdade de Odontologia da Universidade Federal de Juiz de Fora (FO/UFJF), nos últimos 21 anos.

## 2 METODOLOGIA

Trata-se de um relato de experiência do projeto “Clínica de Adolescentes”, regularmente cadastrado na Pró-Reitoria de Extensão (PROEX) da Universidade Federal de Juiz de Fora. O público-alvo é composto por indivíduos entre 10 e 20 anos, oriundos do Departamento de Saúde da Criança e do Adolescente (DSCA) e encaminhados através do formulário do SUS de referência/contrarreferência pelas diversas Unidades Básicas de Saúde do município de Juiz de Fora e de cidades vizinhas, além dos encaminhamentos oriundos das clínicas das disciplinas da FO/UFJF. Este relato se baseia na descrição e análise documental e midiática das ações desenvolvidas pelos participantes do projeto, entre o período de 1999 a 2020. De modo a facilitar a exposição e discussão, as atividades foram agrupadas entre os 3 eixos formadores do tripé universitário: ensino, pesquisa e extensão.

## 3 DESENVOLVIMENTO E DISCUSSÕES

A Clínica de Adolescentes foi criada, em 1999, pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Luzia da Glória Corrêa Coelho, com a intenção de promover o atendimento odontológico aos adolescentes, visando a saúde integral dentro de um contexto social, valorizando os conceitos estéticos e cosméticos tão importantes nessa faixa etária. Além disso, permite ao aluno a oportunidade de reconhecer e lidar com diversos comportamentos adolescentes, obtendo assim um melhor relacionamento entre profissional e paciente.

Atualmente, o projeto é composto por um coordenador e uma vice-coordenadora, um colaborador docente e 12 integrantes discentes. Ademais, promove o atendimento de cerca de 40 a 100 pacientes por período letivo. As atividades estruturadas foram descritas a seguir:

### *Atividades de Ensino*

1. Reuniões teóricas, seminários e palestras do projeto abordam temas sobre saúde bucal em Odontohebiatria, mudanças na adolescência, drogas, métodos contraceptivos, iniciação sexual, gravidez e relacionamento familiar e social.
2. Discussão dos casos clínicos atípicos encontrados durante o atendimento odontológico.
3. Preparo de material educativo e preventivo pelos alunos, por meio da confecção de cartilhas e cartazes, adequando-as às necessidades da população-alvo.
4. Confecção de relatórios individuais e fichas dos pacientes, especificando as atividades executadas dentro do protocolo a ser seguido.
5. Postagens de conteúdos informativos nas redes sociais do projeto.

### *Atividades de Pesquisa*

1. Levantamento de dados sobre traumatismo dentário em adolescentes, com finalidade de estabelecer protocolos clínicos e criar o Centro de Referência para Atendimento de Traumatismos Dentários na Adolescência.

2. Levantamento dos dados epidemiológicos dos pacientes atendidos no projeto, com objetivo de realizar um estudo de prevalência das condições bucais em adolescentes da Zona da Mata Mineira.
3. Confecção de resumos a serem discutidos em eventos científicos, nas modalidades painel e apresentação oral.
4. Confecção de artigos científicos para submissão em periódicos nacionais e internacionais de Odontologia.

#### *Atividades de Extensão*

1. Atendimento odontológico integrado supervisionado dos adolescentes (Figura 01), detectando a necessidade de tratamento odontológico, viabilizando a resolução dos problemas bucais existentes. O aluno receberá orientação dos professores que constantemente observarão o desenvolvimento e tratamento de cada paciente, onde serão desenvolvidas técnicas atuais, com materiais de primeira geração.
2. Dentre os procedimentos clínicos executados no projeto, podemos citar as próteses fixas metal *free*, próteses fixas em metalocerâmica para reposição de elementos perdidos por trauma, próteses adesivas, coroas totais, cirurgias periodontais, cirurgia oral menor, restaurações estéticas em dentes anteriores e posteriores, facetas estéticas, tratamentos endodônticos, tratamentos ortodônticos preventivo e interceptativo, tratamentos restauradores atraumáticos, adequações do meio bucal, selamentos, profilaxias, aplicações tópicas de flúor, orientações quanto a higiene bucal e dieta cariogênica.
3. Participação em ações sociais e multiprofissionais sobre saúde do adolescente.

**Figura 1** – A Prof.<sup>a</sup> Luzia Coelho (touca azul) e participantes do projeto, em 2011, durante o atendimento clínico



**Fonte:** arquivo pessoal.

Por meio da observação dessa tríade, percebe-se que a extensão universitária se configura como um espaço potencializador de conhecimento, por meio da diversificação de cenários e metodologias de aprendizagem, que favorece a efetiva integração entre o ensino, pesquisa e extensão (Borato *et al.*, 2018; Moraes *et al.*, 2016). Em relação à vertente de atenção odontológica, o projeto merece destaque especial, pois ainda hoje, a assistência odontológica durante o período da adolescência é uma temática considerada desafiadora, devido às necessidades específicas em

relação à linguagem e as modificações comportamentais e um tratamento voltado aos seus anseios estéticos (Saiani *et al.*, 2008).

Assim, ao longo dos 21 anos de experiência, analisamos a trajetória das ações odontológicas desenvolvidas com o paciente hebiátrico e percebemos que o projeto trouxe grandes impactos na população envolvida. Esse resultado positivo pode ser observado pela constante procura pela Clínica de Adolescentes da FO/UFJF, firmando-se como um centro de referência, além do interesse e responsabilidade demonstrado pelos profissionais e acadêmicos envolvidos.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que, além de prestar serviços aos residentes da macrorregião de Juiz de Fora, o projeto contribui no aperfeiçoamento da formação dos discentes de Odontologia, ampliando sua visão no atendimento aos adolescentes. O projeto de extensão representa, dessa forma, uma possibilidade na qual o graduando pode colaborar com a comunidade, humanizar o conhecimento e transpor as barreiras existentes entre ele e o ambiente universitário, interferindo diretamente na perspectiva da realidade profissional.

#### REFERÊNCIAS

BORATO, Amanda *et al.* Valoração das práticas de ensino, pesquisa e extensão entre concluintes de Odontologia. *Revista da ABENO*, Brasília, v. 18, n. 1, p. 103-115, 2018. Disponível em: <https://revabeno.emnuvens.com.br/revabeno/article/view/424>. Acesso em: 29 nov. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. *Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Odontologia*. Brasília: Diário Oficial da União, 2018. 5p. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES032002.pdf>. Acesso em: 29 nov. 2020.

BRONDANI, Bruna *et al.* The effect of dental treatment on oral health-related quality of life in adolescents. *Clinical Oral Investigations*, Berlin, v. 22, n. 6, p. 2291-2297, July 2018. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s00784-017-2328-3>. Acesso em: 28 nov. 2020.

CORDEIRO, A.B.N.F. *et al.* Odontohebiatria em saúde pública. *Adolescência e Saúde*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 3, p. 6-12, jul./set. 2008. Disponível em: [http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe\\_artigo.asp?id=44](http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe_artigo.asp?id=44). Acesso em: 28 nov. 2020.

CUNHA, I.P. *et al.* Self-perceived dental treatment need among adolescents: A hierarchical analysis. *Community Dentistry and Oral Epidemiology*, Copenhagen, v. 48,

n. 2, p. 130-136, apr. 2020. Disponível em:  
<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/cdoe.12510>. Acesso em: 29 nov. 2020.

FÄGERSTAD, A; WINDAHL, J.; ARNRUP, K. Understanding avoidance and non-attendance among adolescents in dental care - an integrative review. *Community Dental Health*, London, v. 33, n. 3, p. 195-207, sept. 2016. Disponível em:  
<https://www.cdjournal.org/issues/33-3-september-2016/727-understanding-avoidance-and-non-attendance-among-adolescents-in-dental-care-an-integrative-review>. Acesso em: 28 nov. 2020.

GONZAGA, Miliane G. *et al.* Problemas bucais relacionados ao sistema estomatognático em adolescentes: experiência extensionista. *Revista Ciência em Extensão*, São Paulo, v. 11, n. 3, p. 94-102, 2015. Disponível em:  
[https://ojs.unesp.br/index.php/revista\\_proex/article/view/1092/1171](https://ojs.unesp.br/index.php/revista_proex/article/view/1092/1171). Acesso em: 28 nov. 2020.

MORAES, Sandra L.D. *et al.* Impacto de uma experiência extensionista na formação universitária. *Revista de Cirurgia e Traumatologia Buco-maxilo-facial*, Camaragibe, v. 16, n. 1, p. 39-44, jan./mar. 2016. Disponível em:  
<http://revodontobvsalud.org/pdf/rctbmf/v16n1/a06v16n1.pdf>. Acesso em: 29 nov. 2020.

SAIANI, Regina A.S. *et al.* Odontohebiatria: uma nova especialidade na odontologia. *Revista de Odontologia da Universidade Cidade de São Paulo*, v. 20, n. 1, p. 60-65, jan./abr. 2008. Disponível em:  
<http://publicacoes.unicid.edu.br/index.php/revistadaodontologia/article/view/609>. Acesso em: 28 nov. 2020.

SILVA JÚNIOR, I.F. *et al.* Saúde Bucal do Adolescente: Revisão de Literatura. *Adolescência e Saúde*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, p. 95-103, ago./set. 2016. Disponível em: [http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe\\_artigo.asp?id=574](http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe_artigo.asp?id=574). Acesso em: 28 nov. 2020.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. *Physical status: the use and interpretation of anthropometry: report of a WHO expert committee*. Geneva: WHO, 1995. 452p. Disponível em: [https://www.who.int/childgrowth/publications/physical\\_status/en/](https://www.who.int/childgrowth/publications/physical_status/en/). Acesso em: 29 nov. 2020.

## Prefácio da IV Mostra de Ações de Extensão – 2019

Entre 21 e 25 de outubro do ano de 2019, a comunidade acadêmica da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) teve a oportunidade de participar da IV Mostra de Ações de Extensão da UFJF, que compôs a programação da VI Semana de Ciência, Tecnologia e Sociedade. Nesses cinco dias, foram propiciados espaços acadêmicos e de sociabilidade para a divulgação dos programas e projetos de extensão desenvolvidos no âmbito dos dois *campi* da UFJF, bem como para o diálogo, a interação e a troca de experiências entre as equipes de ações de extensão.

Na quarta edição da mostra, assim como nas edições anteriores, o envolvimento, o comprometimento de todos os membros da equipe no planejamento, preparação e execução foi de suma importância para o sucesso do evento. E o engajamento da comunidade universitária, que acolheu o evento e participou ativamente da Mostra foi um fator decisivo para que os objetivos desta ação fossem alcançados.

Em 2019, a Mostra contou com apresentações das ações desenvolvidas entre os anos de 2018 e 2019, com o objetivo de refletir acerca do perfil da extensão universitária e seu dinamismo característico.

No *campus* de Juiz de Fora, a participação pôde ser feita por uma das modalidades a seguir, a partir da escolha das equipes: “Rodas de Conversa” e “Elaboração e Envio de Vídeo”. Já no *campus* de Governador Valadares, a comunidade acadêmica teve cinco opções de modalidades distintas para apresentação de resultados de suas ações: “apresentação de banners”, “oficinas”, “instalações pedagógicas”, “rodas de conversas” e “apresentações culturais”.

A IV Mostra contou com um aumento significativo de adesão dos projetos na inscrição e participação nas modalidades ofertadas, consolidando-se como um momento ímpar para a comunidade acadêmica interagir e estabelecer diálogos sobre as atividades de extensão desenvolvidas. Este engajamento da comunidade refletiu a crescente importância da política de extensão da UFJF.

Nesse sentido, faz-se necessário destacar que o ano de 2019 foi marcado pela ampliação dos Editais da PROEX com a finalidade de incentivar novos programas e projetos voltados a atender demandas da sociedade, incentivando e promovendo uma maior interação da Universidade com o público externo beneficiado.

No fim daquele ano, a PROEX contava com 538 programas e projetos de extensão em vigor, sendo 499 projetos e 39 programas que envolveram a participação e o fortalecimento da formação de 866 bolsistas e 1.850 voluntários de graduação e 164 voluntários de pós-graduação.

Deste universo de ações de extensão, foram convidados a compor o presente compilado os primeiros e segundos lugares de ambos os *campi*, que obtiveram o título de “premiação” e “menção honrosa” respectivamente, com base na avaliação conduzida para as diferentes modalidades e em cada uma das oito áreas temáticas, conforme definição do Plano Nacional de Extensão Universitária, a saber: Comunicação, Cultura, Direitos Humanos e Justiça, Educação, Meio Ambiente, Saúde, Tecnologia e Produção e Trabalho, Tecnologia.

O presente volume traz textos que apresentam os resultados dos programas e projetos premiados durante a IV Mostra e refletem a preocupação e a dedicação da UFJF em garantir uma educação pública, gratuita, de qualidade e socialmente referenciada, ao dialogar com os demais segmentos da sociedade para os quais convidamos à leitura.

Rafaela Andrade Savino de Oliveira Peters<sup>1</sup>  
Ana Livia de Souza Coimbra<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup>Mestra em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Graduada em Pedagogia pela UFJF. Técnica Administrativa na Universidade Federal de Juiz de Fora, atuando na gerência da Pró-Reitoria de Extensão. Coordenadora de Ações de Extensão da PROEX (12/2018 a 06/2019).

<sup>2</sup> Professora Titular do Departamento de Política de Ação do Serviço Social da Faculdade de Serviço Social da UFJF. Pró-reitora de Extensão da UFJF desde abril de 2016. Presidente do Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras (FORPROEX) de junho de 2018 a junho de 2019; do FORPROEX regional Sudeste de abril de 2017 a maio de 2018; do Colégio de Extensão (COEX) da Andifes de junho de 2018 a maio de 2019.

# O Teatro como Celebração da Extensão

Márcia Cristina Vieira Falabella<sup>1</sup>

Marise Pimentel Mendes<sup>2</sup>

José Luiz Ribeiro<sup>3</sup>

Thaís Milena Adão<sup>4</sup>

Açucena Maria Arbex Nascimento<sup>5</sup>

Débora Silva de Lamas<sup>6</sup>

<sup>1</sup>Graduanda de Farmácia pela Universidade Federal de Juiz de Fora – Campus de Governador Valadares (UFJF-GV). Bolsista da ação de extensão. E-mail: [alainedeoliveira.farma@gmail.com](mailto:alainedeoliveira.farma@gmail.com).

<sup>2</sup>Doutora em Letras (Ciência da Literatura) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professora associada da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: [marise.mendes@ufjf.edu.br](mailto:marise.mendes@ufjf.edu.br).

<sup>3</sup>Doutor em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professor associado II da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Parceiro Externo – CET – Grupo Divulgação. E-mail: [zelumol@gmail.com](mailto:zelumol@gmail.com).

<sup>4</sup>Graduanda no curso Interdisciplinar de Artes e Design na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Escola de Espectador. E-mail: [thaymilena@live.com](mailto:thaymilena@live.com).

<sup>5</sup>Bacharelado em Rádio, TV e Internet. Escola de Espectador. E-mail: [arbex93@gmail.com](mailto:arbex93@gmail.com).

<sup>6</sup>Workshop de Interpretação para a Terceira Idade. E-mail: [marcinhafalabella@gmail.com](mailto:marcinhafalabella@gmail.com).

# O teatro como celebração da extensão

## 1 INTRODUÇÃO

Os Projetos de Extensão desenvolvidos pela parceria Faculdade de Comunicação/Fórum da Cultura/Pró-Reitoria de Extensão (UFJF) e o Centro de Estudos Teatrais – Grupo Divulgação nascem, praticamente, com o início da Extensão Universitária. E, em muitos momentos, foram contemplados pela excelência do trabalho desenvolvido. Dois deles receberam destaque na IV Mostra de Extensão da UFJF, em 2019: *Escola de Espectador* e *Workshop de Interpretação para a Terceira Idade*. O teatro se faz um campo potente para a realização da extensão universitária.

### 1.1 Teatro e extensão no jogo da cena

A palavra *extensão* traz poeticamente, no desvelamento do seu significado, um sentido de ampliação, amplificação, difusão, desdobramento, multiplicação, propagação, prolongamento... e por aí vai. No âmbito da universidade, ela assume, portanto, esse compromisso de ir além da ação interna de formação profissional, no que diz respeito à teoria, à prática, à ética, à ação social. A extensão universitária, indissociável do ensino e da pesquisa, são ações interdisciplinares que celebram os campos da educação, da cultura, da política, da ciência, cumprindo um papel transformador na convergência da instituição com a sociedade, para além dos muros do saber e indo ao encontro de outras possibilidades do saber.

O teatro é, em essência, uma ação de extensão, porque é sempre uma atividade que só é plena e se completa diante de um público, unindo espaços de natureza e papéis diferenciados, num mesmo propósito. E é maravilhosa a imagem que nos traz Ariane Mnouchkine, diretora da companhia francesa o Théâtre du Soleil, ao dizer que, durante algumas horas, esse encontro de pessoas é verdadeiramente uma utopia – pessoas que respiram juntas, não se matam, não brigam todo o tempo, se olham e são capazes de estabelecer um tipo de encontro pleno (tradução nossa, Bagnera, 2014).

Portanto, o teatro é sempre uma via de mão dupla e complementar. Esses vasos comunicantes, entre palco e plateia, universidade e sociedade, enaltecem o primeiro princípio da extensão universitária que é a interação dialógica. Um espetáculo teatral ou um curso de formação cênica e interpretação, através de uma vivência comunitária, estabelecem um espaço participativo e democrático, que trabalha com a sensibilização do indivíduo (ação fundamental em tempos de obesidade tecnológica), a ampliação de conhecimento, participação artística e acirramento de sua visão crítica diante do mundo.

Outro pilar da extensão é a interdisciplinaridade. Nesse sentido, o teatro é uma arte plurissignificativa que existe através da interação dos vários campos de expressão. O primeiro deles é pensar o teatro como comunicação. Comunicação interpessoal em que as habilidades expressivas de cada indivíduo são exploradas, seja enquanto atores representando seus papéis, seja enquanto público assistindo a um espetáculo. Dramaturgia, cenografia, figurino, sonoplastia, iluminação são espaços de conhecimento que também se relacionam nessa prática. O que nos insere no terceiro

alicerce da extensão que é a sua indissociabilidade com o ensino e a pesquisa, no que diz respeito à formação de pessoas e também ao levantamento e à geração de conhecimento.

Para a formação de atores, existe, por um lado, uma pesquisa que se fundamenta no conhecimento já construído em teorias e práticas já existentes ao longo dos séculos, e, por outro, há uma busca específica que acontece a partir de cada produção. Uma peça teatral abre um horizonte imenso de investigação, desde o autor, o tempo em que se passa a trama, as personagens que contam essa história, a estética pretendida, o tipo de atuação etc. E isso é só o começo. Sem contar as metodologias que nascem desse processo sempre em construção e que trabalham sensibilizações. Assim, aqui se faz uma referência às competências necessárias para essa vivência extensionista, bem como uma amplificação dos espaços de saber que extrapolam a estrutura da sala de aula para encontrar literalmente outros palcos. Tudo isso incide diretamente na qualidade de formação do discente bolsista que atua nesses projetos e que também é uma diretriz primordial da extensão.

## **2 CET – GRUPO DIVULGAÇÃO, A EXTENSÃO COMO EXERCÍCIO**

O Centro de Estudos Teatrais - Grupo Divulgação nasce no ambiente universitário. Um grupo de estudantes da antiga FAFLE – Faculdade de Filosofia e Letras, inicialmente, queria apenas estudar teatro. Essa arte que dialoga com a filosofia, com as letras, com o jornalismo, com tantos saberes. Enxergavam ali um campo de aprendizado e ampliação da formação em cada carreira escolhida. Logo veio o desejo do palco para transformar em prática a teoria assimilada e as peças estudadas. E um dos pontos que impulsionou a ação daqueles jovens idealistas, que viviam toda a agitação política daqueles anos de chumbo, era a chance de dividir com o público aquilo que os arrebatou: a poesia e os grandes textos da dramaturgia universal. A *guerrilha* daquele momento para esses estudantes era conquistar um público local, com o qual pudessem contagiar e compartilhar a força desse encantamento. Daí, vem o nome da companhia – Grupo Divulgação. O desafio era divulgar cultura, sobretudo, para quem não tinha acesso a essa arte.

Assim começa uma trajetória que, em 2021, completou 55 anos de caminhada artística, interrompida apenas por conta da pandemia. São mais de 120 montagens com o núcleo principal, sem contar os espetáculos realizados também com os núcleos de adolescentes e terceira idade. O lema norteador de todo o trabalho da companhia, durante esses anos, *“Mede-se a cultura de um povo pelo teatro”* – foi inspirado em García Lorca e seu grupo La Barraca e suas ideias de teatro popular. Integrados numa mesma equação, estão a cultura, o povo e o teatro. E acrescenta-se a esse pensamento a crença defendida pelo ator e diretor francês Jean Vilar, de que o teatro deveria ser um alimento também indispensável à vida como o pão e o vinho. Um serviço público “como o gás, a água e a eletricidade” (tradução nossa, Vilar, 1986, p.173).

Nessa perspectiva, a arte teatral como um instrumento transformador de uma comunidade foi, aos poucos, ganhando contornos mais definitivos para os caminhos da companhia, sobretudo, quando o Grupo Divulgação participou da Barca da Cultura, em 1974.

A Barca da Cultura foi uma ação idealizada por Paschoal Carlos Magno, que percorreu, durante 45 dias, 55 cidades, de Pirapora a Petrolina, subindo o Rio São Francisco com a barca “Juarez Távora”, que contava com uma tripulação de 100 passageiros, entre estudantes, técnicos, produtores, assistentes, jornalistas, professores e artistas de várias áreas do Brasil. O intuito era levar às populações ribeirinhas e do interior das regiões percorridas espetáculos de teatro, folclore, canto, música e balé, além de oficinas de arte e distribuição de livros. Ao lado do Grupo Divulgação, participaram dessa aventura o *Ballet Stagium* e a Orquestra Jovem do Theatro Municipal de São Paulo, o Grupo Folclórico do Conservatório Nacional de Música do Rio de Janeiro, o Coral de Câmara da Universidade de Ponta Grossa, o Teatro do Estudante do Paraná, a soprano Maria Domícia e o violinista clássico Francisco Araújo.

Esse projeto de caráter cultural, social e político, multidisciplinar em essência, visando a difusão cultural e atingindo regiões e comunidades menos favorecidas, deu ao Grupo Divulgação uma nova perspectiva e um novo fôlego. Assim, após essa experiência impactante, o grupo começa a se apresentar também em vários bairros menos favorecidos da cidade de Juiz de Fora. Os espetáculos eram feitos em diversos espaços como praças, escolas, pátios de igrejas etc. Depois de um determinado momento, o grupo, que já tinha como casa o Fórum da Cultura da UFJF, onde também realiza suas apresentações regulares, desde 1972, resolve inverter a rota: ao invés de levar o teatro até as pessoas, traz essas pessoas até o teatro. E dá, assim, a esse público, de baixa renda e nenhuma oportunidade, a possibilidade da experiência estética do teatro de maneira integralizada. De acordo com José Luiz Ribeiro, diretor e um dos fundadores do Grupo Divulgação:

Deixamos de fazer um teatro de rua, uma vez que virou moda. Se todo mundo já estava fazendo, qual a necessidade de nós fazermos também? Através dessa outra vertente podíamos nos dedicar a um aprimoramento estético, de linguagem e, principalmente, acostumar o público a ir ao teatro, porque seria uma forma de dar continuidade a um trabalho, substituindo aquele evento, que aparecia como um circo, por uma atividade rotineira, com continuidade. (Falabella, 2004, p. 97)

Esse pensamento vai ao encontro do que Jean Vilar colocou em prática no *Théâtre National Populaire* (T.N.P.), no período de 1951 a 1963, na França, estabelecendo uma *política de público* baseada sobre três pilares: a afirmação do teatro como serviço público, a invenção do público como categoria de ação e a elaboração de uma série de procedimentos e dispositivos que visavam integralizar público e cena. A partir dessa concepção, o teatro deixava de ser um privilégio de classes sociais mais favorecidas. E um dos aspectos desenvolvidos por essa política era dar ao público popular espetáculos de qualidade e montagens de textos clássicos e contemporâneos.

## 2.1 Escola de espectador, o teatro feito para a comunidade

A partir dessa conjunção de fatores, em 1985, José Luiz Ribeiro e Reginaldo Arcuri, então Superintendente da Funalfa, (Fundação Alfredo Ferreira Lage, da Prefeitura de Juiz de Fora), criaram em parceria os programas *O povo vai ao teatro* e *A escola vai ao teatro*. A prefeitura fornecia o transporte para que os estudantes de escolas públicas, municipais e estaduais, e comunidades carentes da cidade e região fossem gratuitamente ao teatro, nas apresentações de espetáculos do Grupo Divulgação. Seguindo os preceitos do T.N.P., o Grupo Divulgação, que ao longo de sua trajetória se preocupou em construir um repertório de qualidade, inaugurou o projeto com a montagem de *Fausto*, de Goethe, numa versão livre assinada por José Luiz Ribeiro. Em três semanas de apresentações, o espetáculo, com o projeto, atingiu 3 mil espectadores, um número extremamente significativo para a época e para um teatro que naquele momento contava com 249 lugares.

Assim, os projetos de popularização do teatro promoveram uma ampliação significativa do público da companhia. Dessa maneira, o Grupo Divulgação foi extensionista antes da própria extensão chegar à universidade de forma estruturada e institucionalizada, o que aconteceu na UFJF em 1988. No início da década de 90, o Grupo Divulgação inaugurou uma nova parceria com a Universidade. Nessa época, José Luiz Ribeiro e Maria Lúcia Campanha da Rocha Ribeiro eram professores na Faculdade de Comunicação. E o grupo contava entre seus integrantes com professores, servidores e estudantes da UFJF. Assim, algumas ações de extensão começaram a ser efetivadas a partir dessa cooperação estabelecida entre as duas instituições: *Escola de Espectador*, *CET – Cursos e Oficinas*, englobando o Seminário anual *Os Caminhos do Teatro* e o *Workshop de Interpretação para a Terceira Idade*.

A *Escola de Espectador* nasce da fusão entre os dois projetos: *A Escola vai ao teatro* e *O povo vai ao teatro*, mantendo a mesma estrutura e filosofia de integrar comunidade e cultura através do teatro. São três produções anuais – um espetáculo para as crianças (com apresentações aos sábados e domingos) e dois para o público adulto (de quarta à sexta-feira pelo projeto). O palco se mostra como um espaço revelador dos principais problemas da atualidade, e, através das peças apresentadas, é possível discutir a realidade e a sociedade de maneira crítica, permitindo aos participantes construir sua cidadania através desse contato com a arte teatral, tanto para o público infantil, quanto para o público adulto.

Nesse sentido, *A escada de Jacó* (1995), de José Luiz Ribeiro, por exemplo, evitou que uma família colocasse a mãe numa clínica para idosos. *Era sempre 1º de abril* (1990), também de José Luiz, foi uma catarse para um público que viu sua poupança ser confiscada pelo governo Collor. Debates calorosos eram realizados após as apresentações. *O conto da morcegada* (2014), do mesmo autor, buscava conscientizar as crianças para os problemas ecológicos, a necessidade dos morcegos para o equilíbrio ambiental, uma vez que estavam sendo rechaçados em algumas regiões do país. Cada peça, a seu modo e a seu tempo, provoca uma reflexão e uma ação. Esses são apenas alguns exemplos de como a cidadania pode ser celebrada através da cena, pela comunhão do palco e da plateia.

Em mais de três décadas de atuação, são mais de 200 instituições atendidas pelo projeto, entre escolas da rede pública, comunidades carentes, associações religiosas, grupos sociais da cidade e região, que vão gratuitamente ao teatro. Os

bolsistas entram em contato com os responsáveis de cada escola ou comunidade e recebem esses espectadores nos dias de apresentações. Sua atuação é capital para o projeto. Desenvolvem características de comunicação interpessoal e agregam todo conhecimento cultural que o projeto celebra. Ao chegarem ao Fórum da Cultura da UFJF, os espectadores passam também por outros instrumentos culturais da casa como o Museu de Cultura Popular e a Galeria de Arte, numa vivência integralizada.

O impacto dos espetáculos junto ao público do projeto vai muito além dos aplausos. O conteúdo das peças provoca, por exemplo, o enriquecimento de práticas pedagógicas com produção de textos ou desenhos sobre o tema abordado, discussões em sala de aula, sugestão de montagens teatrais na própria escola. Cria-se também o hábito de frequentar teatro além dos dias reservados ao projeto. Muitos espectadores retornam aos espetáculos do Grupo Divulgação sem ser com suas escolas ou comunidades. Nos primeiros anos, constatou-se um aumento significativo de pessoas negras na plateia de sábado e domingo, em temporadas para público adulto, algo que era incomum naquele tempo. Há uma fidelização de espectadores que cresceram assistindo aos espetáculos do grupo e agora retornam com seus filhos e mesmo netos. Outra constatação foi a ampliação do interesse de estudantes por atividades teatrais nas suas próprias escolas e mesmo fora dela. Alguns espectadores que integravam o projeto chegaram, inclusive, a integrar o elenco do Grupo Divulgação.

Hoje, a *Escola de Espectador* tem como desafio trazer ao teatro um público cada vez mais seduzido pelas tecnologias e por todo um conjunto de oportunidades de diversão oferecidas em outro palco, a internet. Também alguns educadores já não cumprem o mesmo papel participativo e parceiro de antes. Muitos não demonstram comprometimento em formar cidadãos, outros desconhecem a potencialidade pedagógica do teatro. Sem contar o receio da violência. Muitas vezes, os professores acham arriscado sair da escola com um grupo de alunos. É um outro panorama, mas, ainda assim, o Grupo Divulgação acredita no teatro transformador, capaz de emocionar e fazer refletir ao mesmo tempo.

Outras adversidades se interpõem à continuidade do projeto após a pandemia. Uma violenta ferida social, econômica, psicológica e emocional se abriu e não sabemos exatamente quais serão as consequências. Os espectadores, reclusos em seus lares, como fortalezas de defesa da própria vida, usufruíram das possibilidades da diversão via internet. Como será o seu retorno presencial, com todas as limitações de distanciamento, uso de máscara e transporte? Sem contar, que há ainda muita ignorância em torno dessa doença. Outro fator preocupante é a questão do transporte. Anteriormente, o público do projeto ia gratuitamente ao teatro, contando com ônibus cedidos pela prefeitura da cidade. Com o retorno não se tem um prognóstico de que esse serviço será mantido. Antes da pandemia, já era problemático.

O aspecto econômico se revela como um grande desafio. O Grupo Divulgação sempre teve como modo de produção o trabalho voluntário, o que significa que, em nenhum momento, os membros da companhia receberam para atuar ou participar de suas peças. O grupo é uma entidade sem fins lucrativos. Ingressos das apresentações, taxa de inscrição e mensalidades de seus cursos, sempre com valores populares, eram a fonte de renda que permitia à companhia produzir seus espetáculos e realizar a extensão. Hoje, a partir de novas regras institucionais, essas ações não são mais permitidas, uma vez que o grupo ocupa um espaço da universidade e está

impossibilitado de qualquer cobrança. Como viabilizar espetáculos que envolvem produção de figurinos e adereços, cenários, iluminação, às vezes trilha sonora produzida originalmente para cada produção, cartaz, programa e tantas outras despesas que envolvem a criação de um espetáculo? Nem sempre é possível realizar uma peça com o acervo conservado em todos esses anos de trabalho. Esse é mais um desafio para o projeto.

### **3 DA TAQUICARDIA À CENA, O TEATRO NA TERCEIRA IDADE**

Outro projeto, também premiado na Mostra de Extensão, foi o *Workshop de Interpretação para a Terceira Idade*. Na verdade, todas essas ações extensionistas são articuladas a partir do encontro do CET – Grupo Divulgação, com a Faculdade de Comunicação e a Extensão da UFJF. Esse trabalho teve início em 1994, como resultado de um desdobramento da experiência anterior do professor e diretor José Luiz Ribeiro, ao ministrar um curso de teatro como parte da programação do Polo Interdisciplinar de Ensino, Pesquisa e Extensão sobre o Processo de Envelhecimento da Universidade Federal de Juiz de Fora. A turma ficou tão apaixonada que pediu ao professor que tivesse uma continuidade.

A partir daí, o Núcleo de Terceira Idade do Grupo Divulgação foi criado e com ele o projeto *Workshop de Interpretação para a Terceira Idade*, com uma prática teatral efetivada em dois encontros semanais, que culminam na criação de espetáculos cênicos. São cerca de 25 a 30 integrantes. Alguns estão desde o começo do projeto. O propósito é alterar a postura de vida do idoso, ampliando sua capacidade mnemônica, recuperando sua autoestima e sua autonomia, seu poder expressivo exercitado através do movimento, do gesto e da voz, e da prática de leitura. Os participantes têm aulas de interpretação, memorização, improvisação e estudo de textos. O objetivo final é a experiência de atuação no palco e o enfrentamento do público em pequenas temporadas realizadas em julho e dezembro. Assim, além de contribuir para o bem-estar, o teatro também aumenta os estímulos aos neurônios, que passam a ficar mais ativos.

Há que se destacar que, além dos inúmeros benefícios para o dia a dia, a atividade cênica também amplia o convívio social, o que contribui para diminuir consideravelmente as chances de uma depressão nessa fase da vida. Sem contar todo o aprendizado de uma linguagem artística e o conhecimento adquirido através de textos poéticos e dramáticos, acrescidos de discussão de temas atuais. Desde o seu início, esse projeto já realizou 35 montagens. Normalmente, faz-se uma única apresentação coral no meio do ano e, ao final do segundo semestre, uma curta temporada de um espetáculo dramatizado, contabilizando de 3 a 5 récitas abertas ao público. A experiência de pisar no palco, vivenciar uma personagem e dividir isso com a plateia é algo revolucionário e revigorante na vida de qualquer indivíduo.

De acordo com José Luiz Ribeiro, um dos benefícios que o idoso conquista ao fazer parte desse Workshop é a possibilidade de restauração do envolvimento social numa sociedade cada vez mais teologizada: “O teatro é um instrumento de transformação social que permite, a quem o pratica, uma revisão constante de sua natureza e uma visão renovadora do mundo. Para quem se prepara para viver grandes

emoções, ainda que tardiamente, o teatro é o portal do prazer, da festa e da alegria” (Ribeiro, 2009, p. 142).

De acordo com Ribeiro, nos últimos anos houve uma ampliação do mercado, buscando o idoso como um consumidor em potencial que participa de excursões, faz aulas de dança de salão, pilates e hidroginástica, participa de bingos beneficentes, faz todo tipo de curso etc. “Dentro dessa gama de ofertas, o teatro se apresenta como uma atividade saudável que amplia a potencialidade da qualidade de vida, restaura o fazer da cidadania e alimenta o campo emocional com atividades físicas, ações emotivas, desenvolvimento da personalidade e exercício da memória” (Ribeiro, 2009, p. 133). Há que se destacar também que, para as mulheres, participar desse núcleo é uma libertação. A maioria delas pertenciam à geração que passava do mando do pai para o mando do marido. No teatro elas vivenciam uma espécie de emancipação; uma atividade que fazem não para a família, mas para seu bem-estar pessoal.

Muitos integrantes também estão aposentados ou solitários ou ainda apresentam certas patologias. E encontram na atividade teatral uma possibilidade de felicidade. Dessa forma, o projeto dá a seus participantes um protagonismo que muda a imagem estereotipada do idoso como os avós que ficam apenas em casa cumprindo atividades domésticas e cuidando dos netos. É um caminho de redescoberta através da arte, desbloqueando emoções e ressignificando problemas do dia a dia.

Importante assinalar que o trabalho realizado ao longo de todos esses anos foi pioneiro no que se refere ao teatro na Terceira Idade. E a metodologia construída por José Luiz Ribeiro integra o livro *Cartografias do ensino do teatro*. São práticas e reflexões que permitiram trilhar um caminho próprio e legitimaram a terceira idade no campo cênico-pedagógico.

Em 2019, o grupo realizou seu trabalho comemorativo de 25 anos de atividades com o espetáculo *Bodas de Prata*, texto e direção de José Luiz Ribeiro, recontando essa trajetória. Em 2021, o projeto ganhou um novo formato em virtude da pandemia. Longe do ideal da celebração do convívio e da presença como estatuto básico da existência do teatro, buscamos o espaço do palco virtual para não interromper essa trajetória. Mais que isso, essa mudança teve como objetivo dar aos integrantes do Workshop de Interpretação para a Terceira Idade um respiro, um alento e uma esperança diante do momento crítico que estamos atravessando. E ainda fortalecer as ações da própria universidade como espaço público a serviço de sua comunidade, apoiados no tripé que sempre foi norteador desse projeto: o ensino, a pesquisa e a extensão. Um dos resultados foi a produção de um trabalho audiovisual que o grupo elaborou para integrar o evento *Rosas de outubro – encha seu peito de coragem*, realizado na última semana de outubro de 2021, numa ação de um outro projeto de Extensão da UFJF, *DE PEITO ABERTO: programa de prevenção e acompanhamento integrado no câncer de mama*. Interessante assinalar que, para muitos integrantes, é a possibilidade de aprendizado também do uso da tecnologia.

Por fim, na ótica do bolsista, vale assinalar que a participação neste projeto permite ao acadêmico, além de atuar em práticas de comunicação, como por exemplo, filmagens e edição de material produzido junto ao núcleo, ter uma experiência efetiva junto às pessoas da terceira idade, possibilitando uma troca de vivências e saberes entre gerações, estabelecendo o enriquecimento dos participantes, através de ações interpessoais de comunicação. Na maioria das vezes, o que testemunhamos é um

encontro afetivo que equilibra a cadeia das idades – juventude e velhice na mesma roda da vida.

Dessa forma, o teatro se faz presente como extensão universitária na UFJF e cumpre seu papel.

## REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, Iêda (org.). *José Luiz Ribeiro: 50 anos de teatro*. São Paulo: Motirô, 2013.

BAGNERA, Diego. *Los deseos de Ariane Mnouchkine*. Disponível em: <http://diegobagnera.com/exhibit/los-deseos-de-ariane-mnouchkine-para-2014/>. Acesso em: 03 de março de 2020.

BARBA, Eugenio. *Além das ilhas flutuantes*. Campinas: HUCITEC/Ed. Unicamp, 1991.

BOAL, Augusto. *Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

BRECHT, Bertolt. *Estudos sobre teatro*. Lisboa: Portugalia, 1957.

BRECHT, Bertolt. *Teatro Dialético: Ensaios*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

FALABELLA, Márcia. *Grupo Divulgação: o teatro como devoção*. Juiz de Fora: FUNALFA Edições, 2004.

FALABELLA, Márcia. *Théâtre du Soleil e Grupo Divulgação: a aventura teatral possível = Le Théâtre du Soleil et Grupo Divulgação: l'aventure théâtrale possible*. 1. ed. Juiz de Fora: Título independente, 2015. v. 1. 106p.

MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

RIBEIRO, José Luiz. O teatro na Terceira Idade. In: FLORENTINO, Adilson; TELLES, Narciso (orgs). *Cartografias do ensino do teatro*. Uberlândia: EDUFU, 2009. p. 133-144. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/29513/4/CartografiasEnsinoTeatro%20%281%29.pdf>. Acesso em: 05 de março de 2020.

RIBEIRO, José Luiz. *Da taquicardia à poesia*. Tese (Doutorado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 2001.

RICHARDS, Thomas. *Travailler avec Grotowski sur les actions physiques*. France: Actes Sud, 1995.

STANISLAVSKI, Constantin. *A preparação do ator*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

A extensão que fizemos, a extensão que faremos - v. 2

STANISLAVSKI, Constantin. *A construção da personagem*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.

STANISLAVSKI, Constantin. *A criação do papel*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.

VILAR, Jean. *Le théâtre, service public*. Paris: Éditions Gallimard, 1986.

# A produção da cartilha “Planejamento Territorial e Patrimônio Cultural”: notas da experiência

Matheus Felipe Giello Dias<sup>1</sup>

William da Silva Ferreira<sup>2</sup>

Paula Alvarenga Botelho<sup>3</sup>

Ricardo Ferreira Lopes<sup>4</sup>

Ana Aparecida Barbosa Pereira<sup>5</sup>

<sup>1</sup>Graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Bolsista da ação de extensão. E-mail: giello.matheus@arquitetura.ufjf.br.

<sup>2</sup>Graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: williamsilvabone@hotmail.com.

<sup>3</sup>Graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: paulaabotelho@hotmail.com.

<sup>4</sup>Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Coordenador da ação de extensão. E-mail: ricardof.lopes@yahoo.com.br.

<sup>5</sup>Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Vice-coordenadora da ação de extensão. E-mail: arqanabarbosa@gmail.com.

# A produção da cartilha “Planejamento Territorial e Patrimônio Cultural”: notas da experiência

## 1 INTRODUÇÃO

O objetivo principal deste trabalho é descrever a experiência da equipe no fazer extensionista do projeto *Atelier Livre: produções de ‘imagens-outras’*, que contemplou as ações da produção de ilustrações e do planejamento gráfico da cartilha *Planejamento Territorial e Patrimônio Cultural* (Gawryszewski, 2020). Assim, pretende-se transmitir a experiência dos membros do projeto, contribuindo de forma relevante para sua área de atuação.

Com vigência no ano de 2019, o propósito inicial do Projeto Atelier Livre<sup>1</sup> foi a articulação de atividades de ensino e pesquisa com diversas demandas da sociedade, envolvendo um conjunto de ações no âmbito da representação gráfica, com ênfase nos meios de expressão de “imagens-outras”. A primeira e principal tarefa foi produzir uma série de ilustrações de referenciais marcantes da paisagem urbana juizforana para uma cartilha elaborada a partir de estudos do Grupo Técnico de trabalhos em Patrimônio Cultural, liderado pelo arquiteto Paulo Gawryszewski, com a colaboração da arquiteta Daniela Ferreira de Rezende, em parceria com a Prof.<sup>a</sup> Ana Aparecida Barbosa Pereira (DPHT/FAU/UFJF). A proposta de cartilha foi desenvolvida, originalmente, na revisão do Plano Diretor Participativo do Município de Juiz de Fora (PJF), com a colaboração entre a UFJF com o Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB-MG), Departamento de Minas Gerais, núcleo Juiz de Fora. O referido GT buscou compreender os conjuntos históricos estabelecidos pela Área de Diretrizes Especiais (ADE – Cultura), que carregam em si valores relevantes pela capacidade de proporcionar bem estar e qualidade de vida aos habitantes da cidade (PJF, 2000; 2004).

As áreas de atuação no Ensino e Pesquisa dos membros do projeto *Atelier Livre* abarcam temas relacionados à cidade e ao território, tais como na representação do meio urbano, na cultura, na preservação do patrimônio e da paisagem, entre outros temas. A produção de material em formato de cartilha contribui no debate da preservação do patrimônio cultural, auxiliando o município a torná-las práticas e viáveis dentro do planejamento territorial (Gawryszewski, 2020). A reconstituição de cenas marcantes da cidade de Juiz de Fora destaca a importância da iconografia enquanto fonte de pesquisa e informações relevantes, além de auxiliar pesquisadores nas produções historiográficas.

Realizar uma pesquisa histórica, a partir das fontes visuais e expressões artísticas, ou cenas condicionadas na mente, faz com que os estudiosos redimensionem todo o objeto de sua investigação, procurando não se deter somente na realidade colocada de forma predefinida pelo artista (Paiva, 2002). As ilustrações da cidade permitem identificar os elementos, os quais compõem o ambiente natural construído. Já no âmbito dos estudos da paisagem urbana, alguns referenciais teóricos

---

<sup>1</sup>Edital 03/2018 – PROEX/UFJF.

fundamentaram a demanda do projeto *Atelier Livre*. Conforme Lynch (2010), cada indivíduo tem determinadas associações com partes da cidade e a imagem, que esse cidadão faz da urbe, está impregnada de memórias e significados. Cullen (2006) revela que unidades urbanas podem evocar e adquirir um grande poder de atração visual, portanto os aspectos psicológicos dos ambientes urbanos também podem evocar diferentes apreensões. E ainda, Cauquelim (2007) destaca que a paisagem urbana tem sua construção marcada pela moldura e enquadramento individual, o que permite diferentes suportes de diálogo para utilização do desenho como linguagem de comunicação sobre a paisagem.

A problemática em questão pautava-se na viabilização de um projeto que se implementou em meio a algumas adversidades, sobre as quais destacam-se: (i) como realizar ações de relevância para a sociedade, de maneira a apresentar, no âmbito social, um produto de acesso à informação para a população? (ii) o emprego da ilustração tradicional de imagens estáticas da paisagem urbana frente aos novos recursos digitais disponíveis poderia inviabilizar o trabalho pretendido? E, por fim, (iii) como realizar ilustrações artísticas de qualidade, com recursos financeiros escassos? Vale lembrar que as universidades públicas, nesses últimos anos, sofrem com o corte e o contingenciamento de verbas e o cenário de incertezas e angústias ameaçavam a concretização dos objetivos propostos para o projeto. Tais questões levantadas serão discutidas nas seções a seguir.

## 2 METODOLOGIA

O processo seletivo de bolsista e voluntários do projeto *Atelier Livre*, no ano de 2018 contou com as seguintes etapas: (i) entrevista; (ii) análise de portfólio, em que foram apresentadas noções de planejamento e composição visual; (iii) prova prática, em que os candidatos apresentaram suas competências em variadas técnicas de ilustração tradicional.

O projeto teve início em março de 2019, com duração de um ano. Buscou-se seguir à risca o cronograma de atividades. Inicialmente, para assegurar a identidade visual era necessária a criação de uma logomarca. Essa foi a primeira tarefa do grupo. Com base nas ideias iniciais do coordenador, o bolsista Matheus Giello desenvolveu estudos, os quais contaram com o suporte técnico da voluntária Paula Alvarenga.

Em seguida, iniciou-se a parceria institucional com o IAB-JF, coordenado pelo arquiteto Paulo Gawryszewski com a colaboração da arquiteta Daniela de Rezende, os quais já possuíam a estrutura da cartilha fruto do trabalho do GT Patrimônio, um desdobramento do desenvolvimento do Plano Diretor Participativo da Prefeitura de Juiz de Fora (PDP/PJF). No entanto, ainda faltavam o planejamento, a diagramação e a arte final das imagens. Nessa fase, após muitas reuniões, inclusive assessorada pela vice-coordenadora Prof.<sup>a</sup> Ana Barbosa, discutiu-se a programação visual da cartilha e a disposição dos seus conteúdos.

A seleção e análise iconográfica e cartográfica dos referenciais históricos, também haviam sido elencadas pelo GT Patrimônio, cabendo ao Projeto *Atelier Livre*, a ilustração das iconografias do processo histórico da cidade de Juiz de Fora mais significativas para fornecer o material visual da cartilha. O bolsista e os voluntários ficaram responsáveis por desenvolver ilustrações adotando a técnica de bico-de-pena

e tinta nanquim, enquanto o coordenador Prof<sup>o</sup>. Ricardo Lopes ficou responsável pela pintura de aquarelas coloridas e aguadas monocromáticas.

A última etapa foi o auxílio no planejamento visual-gráfico da cartilha. A diagramação da cartilha ficou a cargo do bolsista com o assessoramento técnico da voluntária. Foram empregados os *softwares* de edição de imagem *Photoshop*<sup>®</sup> e *Illustrator*<sup>®</sup> e de diagramação *Adobe InDesign*<sup>®</sup>, com base no esboço realizado em *CorelDraw*<sup>®</sup>, desenvolvido anteriormente pelo GT Patrimônio. Por fim, realizou-se uma apresentação virtual, pela qual apreciou-se o protótipo impresso e a versão digital do produto. Esse encontro contou com a participação de todos os envolvidos na concepção e o desenvolvimento da cartilha. Avaliou-se a pertinência do escopo das ilustrações com o corpo do texto já redigido, bem como a diagramação das imagens e o planejamento dos elementos do documento, para a posterior publicação em meio digital.

### 3 DESENVOLVIMENTO E DISCUSSÕES

Conforme explicitado na introdução, os desafios encontrados para se garantir a integralidade com a proposta original, assim como a meta de acesso à informação de relevância para a sociedade, exigiu da equipe e do parceiro institucional alguns esforços em se buscar alternativas e soluções dentro de uma realidade marcada por recursos muito limitados.

Nos dias atuais, as formas de se representar as imagens têm sido predominantemente desenvolvidas por meio das tecnologias digitais. Essas tecnologias vêm acentuando o desenvolvimento crescente de diferentes ferramentas, que podem ser incorporadas ao seu processo de produção, sendo capazes de produzir representações com alto grau de complexidade, marcando uma ruptura com as imagens estáticas das técnicas tradicionais (Malini, 2007). Dessa forma, questionou-se a possibilidade do emprego da ilustração manual, bem como o custo com materiais artísticos de qualidade para viabilizar a proposta.

Em contraponto, a ilustração manual de ambientes urbanos e da paisagem, pode ser vista com olhos de quem aprecia o fazer artístico. Criar vida em perspectiva a partir de mapas e fotografias é um trabalho que exige maestria e arte em doses muito precisas (PCRJ, 1995). A vocação artística para o desenho e a experiência dos discentes era uma qualidade fundamental nos candidatos e o diferencial requerido para a equipe do projeto, pois exigia-se tais competências para a execução do trabalho. Nesse sentido, a elaboração de um projeto que lida com ações ligadas à representação gráfica tradicional, embora siga em separado da tendência em se aplicar instrumentos gráficos digitais e as tecnologias multimídia no processo criativo, fez-se primordial em busca de uma identidade própria e de uma linguagem peculiar ao projeto gráfico. Permitiu-se diferentes suportes de diálogo para utilização do desenho como linguagem de comunicação sobre a paisagem urbana, independentemente do método artístico adotado.

No tocante aos recursos, cabe mencionar que os discentes selecionados cursaram as disciplinas artísticas do Curso de Arquitetura e Urbanismo ministradas pelo coordenador do projeto. Tais como *AUR078 Expressão Manual Artística I*; *AUR082 Expressão Manual Artística II* e *AUR125 Croquis Urbanos*, garantindo que os mesmos, sob consentimento próprio, utilizassem seus materiais artísticos, viabilizando o custo

de compra de materiais extras. O coordenador do projeto ficou a cargo da compra de alguns materiais de reposição empregados, também com recursos próprios. Mas para superar as limitações financeiras, também foram reaproveitados alguns materiais disponíveis, tais como aquarelas, pincéis e papéis especiais. A estrutura física da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo também foi utilizada, especialmente as pranchetas de desenho e os computadores disponíveis no Grupo de Pesquisa DOMVS (Laboratório de Investigação em Arquitetura e Urbanismo).

A tentativa de publicação da cartilha em meio físico também foi um obstáculo, visto que o arquiteto Paulo Gawryszewski buscou o financiamento da obra por meio da Lei *Murilo Mendes* e do Edital de Patrocínio do Conselho de Arquitetura e Urbanismo de Minas Gerais (CAU-MG). Embora não se tenha obtido êxito nos dois editais, a solução encontrada pelo parceiro institucional foi editar a cartilha em formato virtual na plataforma *ISSUU*, disponível em: [https://issuu.com/grupogtprofile/docs/cartilha\\_gt\\_-\\_e-book\\_02](https://issuu.com/grupogtprofile/docs/cartilha_gt_-_e-book_02).

O apoio à equipe da parceria institucional nas ações de elaboração e planejamento visual-gráfico e de seleção iconográfica para a composição da cartilha, rendeu uma rica fonte de pesquisa iconográfica histórica, contribuindo com um banco de imagens armazenado virtualmente no *Google Drive*®, ficando a disposição para trabalhos posteriores do projeto *Atelier Livre*, ainda em vigência e em fase de pesquisa. A obtenção de tais referências, corroboram com a afirmação de Paiva (2002) sobre o emprego de fontes visuais e expressões artísticas à futuros pesquisadores, os quais tornam essas imagens passíveis de serem filtradas e empregadas como fontes historiográficas.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mesmo diante das adversidades, o impacto acadêmico e profissional na formação do corpo de bolsista/voluntários do Projeto *Atelier Livre*, resultou no aprimoramento nas ações de pesquisa, bem como na aplicação do saber teórico produzido no curso de Arquitetura e Urbanismo. A participação discente permitiu o desenvolvimento do senso de responsabilidade, dever e profissionalismo, permitindo uma experiência prática, especialmente com recursos digitais de edição de imagens e diagramação gráfica.

Com o intuito de estreitar a relação entre a comunidade acadêmica da UFJF e a população, o Projeto *Atelier Livre* participou do evento *UFJF na Praça*, iniciativa ocorrida na Praça Doutor João Penido (Praça da Estação), em junho de 2019. Por iniciativa própria do grupo, ainda em 2019, foram realizados mais dois eventos em espaços públicos, nomeadamente: *Oficina Croquis Urbanos: Atelier Livre na Represa do São Pedro* (CACAU-FAU/UFJF) e *Caravana do Patrimônio* (Polén: movimento de intercâmbio cultural - FUNALFA/PJF).

As áreas de atuação no Ensino e Pesquisa dos membros envolvidos tocam temas relacionados à cidade e ao território, quer seja na representação do meio urbano, na cultura, na preservação do patrimônio e da paisagem, entre outros temas. O conhecimento adquirido na produção de material em formato de cartilha tem trazido ao debate social questões e diretrizes estabelecidas pelo Plano Diretor Participativo de Juiz de Fora, referente à preservação do patrimônio cultural, auxiliando o município a torná-las práticas e viáveis dentro do planejamento territorial.

Isso contribui de “forma sustentável para o desenvolvimento e aprofundamento de questionamentos referentes aos desafios inerentes à dinâmica da cidade”, corroborando com o que Gawryszewski *et al.* (2020, p. 8) estimaram para a cartilha proposta.

Ao identificar as intermitências do desenho como entendimento a cristalizar instantes, as arquiteturas e os artefatos e, no seu conjunto, as cidades – refazendo-as e reimaginando-as, assim, repensando-as. O material iconográfico artístico produzido na cartilha pelo projeto *Atelier Livre* tem permitido à sociedade um harmonioso acesso a dados e imagens-outras, que a auxiliem na reflexão sobre as transformações, pelas quais a cidade vem passando ao longo do tempo, assim como a ampliação da percepção da arte, enquanto mecanismo de interlocução com sociedade, em uma perspectiva poética e subjetiva da produção do conhecimento.

## REFERÊNCIAS

CAUQUELIN, Anne. *A invenção da paisagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

CULLEN, Gordon. *Paisagem Urbana*. Tradução de Isabel Correia e Carlos de Macedo. Lisboa: Edições 70, 2006.

GAWRYSZEWSKI, Paulo (Org.). *Planejamento Territorial e Patrimônio Cultural: Estudo sobre as Áreas de Diretrizes Especiais de Cultura*. Juiz de Fora: IAB-JF, 2020. Disponível em: [https://issuu.com/grupogtprofile/docs/cartilha\\_gt\\_-\\_e-book\\_02](https://issuu.com/grupogtprofile/docs/cartilha_gt_-_e-book_02). Acesso em: 16 jan. 2021.

LYNCH, Kevin. *A imagem da cidade*. Tradução de Jefferson Luiz Camargo. ed. 1. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MALINI, Fabio. *O comunismo das redes: sistema midiático p2p, colaboração em rede e novas políticas de comunicação na internet*. 2007. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2007.

PAIVA, Eduardo França. *História & Imagens*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

PREFEITURA DE JUIZ DE FORA. *Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano de Juiz de Fora*. Juiz de Fora (MG): FUNALFA Edições, 2004.

PREFEITURA DE JUIZ DE FORA. *Relatório Final do Plano Estratégico da Cidade de Juiz de Fora*. Juiz de Fora: Prefeitura de Juiz de Fora, 2000.

PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO. Secretaria Municipal de Cultura. *A Arte de Ilustrar a Arquitetura*. v.1. Rio de Janeiro: Fraiha Editora, 1995.

## **Promoção de habilidades metacognitivas de aprendizagem e orientação de estudos em adolescentes da Educação de Jovens e Adultos – EJA**

João Victor Ribeiro Toledo<sup>1</sup>  
Késia Mayra Rodrigues Ignácio<sup>2</sup>  
Marisa Cosenza Rodrigues<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Psicólogo pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: ribeirotoledoju@gmail.com.

<sup>2</sup>Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: kesiaarodrigues@gmail.com.

<sup>3</sup>Doutora em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas). Professora titular da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: rodriguesma@terra.com.br.

# Promoção de habilidades metacognitivas de aprendizagem e orientação de estudos em adolescentes da Educação de Jovens e Adultos – EJA

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho constituiu um desdobramento do projeto de extensão da UFJF, intitulado: Projeto SEAPE (Serviço de Atendimento em Psicologia Escolar/Educacional). Teve como objetivo promover estratégias metacognitivas de aprendizagem, orientação de estudos e discussão sobre as relações entre adolescência, contexto social e escolarização na Educação de Jovens e Adultos - EJA, sendo realizado inicialmente no ano de 2018.

Sabe-se que a maioria dos alunos que ingressam na EJA apresentam no seu repertório escolar a ocorrência de repetências, questões indisciplinadas, baixo desempenho e evasão escolar. Além disso, a EJA atende, principalmente, a população mais carente da sociedade, que se viu alijada do processo formal de educação por múltiplas causas, sendo a maioria explicável por meio do contexto histórico, como salienta Oliveira (2019). Outro fator que direcionou a escolha dessa modalidade é que o fenômeno da juvenilização vem sendo um desafio enfrentado pela EJA na atualidade. Teixeira (2018) destaca o crescente perfil juvenil dos alunos, em grande parte adolescentes, excluídos da escola regular. Os índices da juvenilização da EJA tem preocupado o cenário brasileiro, visto que além de refletirem o fracasso da escola regular trazem para o interior da EJA alunos que possuem uma demanda particular e por vezes distinta das experiências dos adultos.

Nessa direção, o projeto envolveu participantes que passavam pela adolescência, sendo uma fase complexa e dinâmica na vida dos sujeitos, envolvendo mudanças nos aspectos físico, psíquico, social e comportamental. Sabe-se que tais mudanças repercutem diretamente na evolução da personalidade e atuação pessoal na sociedade, que podem estar influenciadas pelo fator sociocultural. Este momento de grandes mudanças e incertezas em relação ao futuro necessita ser alvo de ações que busquem proporcionar um espaço de fala e orientação (Valle & Mattos, 2011).

A EJA caracteriza-se como uma modalidade de ensino que objetiva garantir a oportunidade de estudos a pessoas jovens e adultas que não conseguiram frequentar a escola na idade convencional. Busca, nesse sentido, oferecer igualdade de oportunidades de educação, permitindo ainda a permanência desses estudantes no mercado de trabalho. A proposta de escolarização envolve tanto o ensino formal de conteúdos acadêmicos quanto a educação voltada para os valores sociais, culturais e políticos, abarcando diversos desafios em sua práxis (Di Pierro & Haddad, 2015). Dentre esses desafios, destaca-se, por exemplo, a necessidade da promoção de habilidades metacognitivas de estudo e discussões acerca do processo de ensino-aprendizagem e convivência social na escola.

Por outro lado, no âmbito da aprendizagem acadêmica, a Orientação de Estudos destaca-se como um recurso de expressiva eficácia na medida em que envolve o manejo de técnicas e métodos de ensino que favorecem uma melhor apropriação dos conhecimentos lecionados nas aulas. Ao lançar mão de estratégias de organização

e hábitos de estudo, os adolescentes conseguem estabelecer horários fixos de estudos extraclasse e atitudes mais proativas frente às aulas. Dentre os aspectos abordados nessa perspectiva, tem-se a ampla influência da memória, atenção e motivação, bem como técnicas mais apropriadas de leitura (Carvalho, 2012; Silva & Rodrigues, 2014).

De maneira integrada à Orientação de Estudos, as estratégias de leitura metacognitivas, compostas pelos comportamentos e pensamentos que influenciam a aquisição de informações lidas também promovem habilidades de consciência sobre o nível de compreensão e relação de conteúdos. Como salientam Cantalice e Oliveira (2009) e Andrade *et al.* (2020), abarca esforços intencionais e conscientes para aprendizado e utilização de conhecimentos, podendo promover o planejamento, monitoramento e regulação do pensamento e produção conceitual envolvidos na cena educacional. Nessa direção, Rodrigues, Alves, Almeida e Silva (2014) identificaram efeitos positivos de um programa interventivo para promoção de habilidades metacognitivas em universitários, o que pode reforçar também a eficácia dessa proposta no cenário da educação de jovens e adultos.

Pensar a educação como um direito, e seu potencial de transformação sócio-política, implica em considerar que a EJA também é campo estratégico para estimular debates e atitudes em torno do aprendizado e seus impasses e possibilidades (Freire & Carneiro, 2016). Dessa forma, como já evidenciado por Oliveira (2019), a EJA atende as maiores vítimas de vulnerabilidades sociais, sendo os seus alunos atravessados por violações que podem influenciar na história de permanência e pertencimento escolar. Faz-se necessário sinalizar outro aspecto importante: a grande prevalência de negros inseridos nesse espaço. Dados nacionais do INEP (2019) mostram que pretos e pardos predominam nos dois níveis de ensino no EJA. No fundamental, o grupo representa 75,8% dos estudantes, enquanto, no nível médio, 67,8%, o que indica uma atenção quanto às fronteiras raciais que circulam neste cenário.

O presente relato de experiência refletiu uma proposta para o espaço juvenil da EJA enquanto lugar de um trabalho possível para o desenvolvimento de habilidades metacognitivas e endereçamentos sobre a localização desses sujeitos entre os âmbitos acadêmico, comunitário e profissional. Sendo o objetivo da intervenção a sensibilização de alunos da EJA quanto à necessidade de ter uma melhor orientação quanto aos estudos com estratégias mais eficazes, bem como quanto à habilidade de leitura que pode ser beneficiada mediante recursos cognitivos e metacognitivos.

## **2 METODOLOGIA**

O projeto contou com a participação de 18 adolescentes, com média de 16 anos de idade, matriculados nas turmas de primeiro e segundo ano da EJA de uma escola pública municipal de Juiz de Fora. Destes, 11 alunos se identificaram com o gênero masculino e 7 com o gênero feminino. Foram realizados 8 encontros semanais, com média de 1 hora de duração na própria escola em horários variados para não concentrar todas as reuniões em um turno só. Dentre os materiais utilizados, optou-se pela escolha de dinâmicas interativas, jogos, vídeos e recursos gráficos que propiciaram a participação ativa dos jovens e a circulação da palavra. Estas técnicas foram aplicadas pelos dois bolsistas de extensão do projeto e sempre acordadas anteriormente com os membros do grupo, na busca por uma linearidade comunicativa que pudesse dar abertura para trocas e apontamentos dentro da proposta de cada

encontro. Ademais, aplicou-se um questionário inicial para sondar os hábitos de estudos e um questionário final para avaliação do possível impacto da intervenção, além da elaboração de um diário de campo com registros do que foi observado ao longo do desenvolvimento do projeto.

Além das intervenções com os alunos, foram estabelecidos diálogos e orientações com a diretora e coordenadora da escola. Estes encontros aconteceram ao longo do projeto e partiram tanto de uma necessidade identificada nos encontros, quanto pela demanda das gestoras que puderam se apropriar da proposta e voltar seu olhar para o potencial socioeducativo dos adolescentes inseridos no EJA. Após a escola aprovar a realização da proposta com este público, o trabalho focalizou a promoção das habilidades metacognitivas e orientação de estudos/adolescência, contando com a seguinte estrutura:

1° Encontro – Apresentação, elaboração do contrato com acordos grupais, dinâmica de interação e questionário inicial.

2° Encontro – Debate sobre processo de escolarização, a EJA, a adolescência e a motivação.

3° Encontro – Informações e sensibilização sobre motivação, memória e atenção, bem como mudanças em torno da adolescência.

4° Encontro – Implementação de recursos visando os hábitos de estudos em sala e em casa e construção da rotina diária.

5° Encontro – Construção do horário de estudos, promoção de estratégias de aprendizagem e apresentação de vídeo das mudanças físicas, psíquicas e sociais da adolescência.

6° Encontro – Trabalho com foco nas estratégias metacognitivas de leitura e reflexão dos impactos das mudanças na adolescência.

7° Encontro – Trabalho com foco nas estratégias metacognitivas de aprendizagem, produção de resumos e reflexões sobre desafios da adolescência na fase adulta.

8° Encontro – Fechamento do projeto, retomada dos temas, discussão de perspectivas positivas de futuro e questionário final, elaborado pela própria equipe do projeto.

### **3 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

O questionário inicial, realizado no primeiro encontro do projeto, indicou que a maioria dos adolescentes não possuía hábitos de estudos eficazes, tendo em vista suas práticas de estudar com o celular ao lado, não revisar os conteúdos em casa, não elaborar resumos ou grifar os textos durante a leitura. A maioria não estudava em um lugar silencioso e muitos revelaram a ausência desse ambiente, quando discutido esses resultados no grupo. Os indicadores obtidos convergem com aqueles de outros projetos em que se observa uma grande desmotivação em ir para a escola, bem como

pouca consciência do processo educativo como mecanismo promotor de cidadania e civilidade (Bzuneck, Megliato & Rufini, 2013; Carvalho & Joly, 2008). Transcorrido a realização da intervenção, o questionário final, aplicado no último encontro com o grupo, sugere uma maior sensibilização por parte da maioria dos alunos sobre a importância de estudos extraclasse, elaboração de resumos e relação entre a memória, atenção e motivação para o processo de aprendizagem. Todos os participantes afirmaram a necessidade de estudar em um lugar silencioso, 58% dos participantes se sentiram mais atentos e motivados com os estudos após a intervenção e, 83% dos participantes afirmaram que a EJA é uma alternativa viável para a promoção de um futuro mais positivo. Esses indicadores favoráveis quanto à melhoria das estratégias cognitivas e metacognitivas de aprendizagem focalizadas no projeto convergem com resultados de pesquisa com intervenção realizados no contexto nacional (Andrade *et al.*, 2020; Rodrigues *et al.*, 2014) bem como quanto ao manejo da orientação e hábitos de estudo abordados com os alunos participantes (Silva & Rodrigues, 2014). Os estudos aqui referidos também reforçam a relevância do psicólogo escolar e educacional no sentido de empreender esforços extensionistas para minimizar o risco de evasão escolar e maximizar a motivação dos alunos quanto ao processo de aprendizagem e escolarização.

De maneira complementar, observou-se pelas falas de vários adolescentes que houve uma conscientização quanto ao papel social da escola e sua relação com a comunidade, ponto importante pois a grande maioria era pertencente ao bairro e trazia um histórico de violações durante os encontros. Foram registradas no diário de campo relatos, como: “Eu quero terminar os estudos, trabalhar como enfermeira, casar e ter uma família...” ou “A EJA pode dar uma boa oportunidade de trabalho”. Tais depoimentos revelam que para além da parte educacional, os alunos conseguiram vislumbrar uma perspectiva de futuro para outros âmbitos da vida, como os emocionais e familiares, além de demarcar a EJA como uma possibilidade para uma inserção econômica. Além disso, salienta-se a participação ativa, comprometimento e fala dos adolescentes, registrados no diário de campo, os quais demonstram uma apropriação dos conteúdos, bem como sensibilização e conscientização sobre a importância da escola e da EJA para o mundo do trabalho e da inserção social.

O *feedback* tanto da diretora quanto da coordenadora da escola também indicaram, uma clara responsabilização da escola quanto ao processo de aprendizagem e sociabilidade desses alunos. Pode-se considerar a partir dos relatos das gestoras e dos indicadores positivos do projeto que a intervenção viabilizou uma maior sensibilização discente quanto às estratégias de aprendizagem focalizadas e a possibilidade de repensar o perfil dos estudantes da EJA e suas direções no rumo da trajetória escolar, pessoal e coletiva. Destaca-se que a EJA abrange principalmente os jovens com faixa etária teoricamente superior à considerada adequada ao Ensino Fundamental, isto é, dos 6 aos 14 anos. A maioria dos participantes do projeto, foram considerados “inadequados” à realidade do ensino regular, muitas vezes devido à idade ou problemas de comportamento, foram retirados do turno diurno ou desejavam migrar para a EJA na esperança de acelerar os estudos. Os dados nacionais do INEP (2019), apontam que os estudantes com menos de 30 anos representam 62,2% das matrículas da educação de jovens e adultos. Nesta faixa etária, 57,1% dos estudantes é do sexo masculino. Em consonância com a discussão de Teixeira (2018), a EJA, por sua vez, aceita essa demanda, mas vive o desafio da juvenilização e da luta

contra a ideia de ser caracterizada como correção de fluxo. Torna-se necessário romper com questionamentos sobre o fracasso escolar que estigmatizam os sujeitos e proliferam significantes de individualização e marginalização, responsabilizando cada elemento composto nesta equação escolar e política. Através dos encontros, muitos alunos relataram experiências de violência, assassinatos, mortes, encarceramento de seus familiares, gravidez indesejada e na adolescência. Tais relatos foram também, na medida do possível, alvo de reflexão, reconhecimento e reposicionamento quanto ao lugar da escola para os sujeitos.

#### **4 CONCLUSÃO**

O relato de experiência ressalta a importância de programas de intervenção para potencializar a apreensão de conhecimentos e estratégias de estudos dos alunos por meio do ensino de estratégias cognitivas e metacognitivas de aprendizagem e de hábitos de estudos mais eficazes. O projeto, por um lado, atende a uma demanda apontada em vários estudos que é a necessidade de repensar sobre o alunado jovem da EJA, as possibilidades e limites de trabalho do psicólogo escolar/educacional, por outro, converge com as diretrizes do Programa de Extensão da Universidade Federal de Juiz de Fora que visa beneficiar a sociedade por meio da realização de projetos que almejam, dentre outros objetivos, garantir direitos e maximizar a qualificação de ensino e aprendizado desse público.

#### **REFERÊNCIAS**

ANDRADE, Alana Augusta Concesso de *et al.* Promoção de estratégias de aprendizagem em estudantes de psicologia. *Psicologia Escolar e Educacional*, n. 24, 2020.

BZUNECK, José Aloyseo; MEGLIATO, Jucyla Guimarães Peres; RUFINI, Sueli Édi. Envolvimento de adolescentes em tarefas escolares de casa: un abordaje centrado en la persona. *Psicologia Escolar e Educacional*, v. 17, n. 1, 2013, p. 151-161.

CANTALICE, Lucicleide Maria de; OLIVEIRA, Katya Luciane de. Estratégias de leitura e compreensão textual em universitários. *Psicologia escolar e Educacional*, v. 13, n. 2, 2009, p. 227-234.

CARVALHO, Patrícia da Silva. *Hábitos de estudo e sua influência no rendimento escolar*. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Fernando Pessoa. Porto, 2012.

CARVALHO, M. R.; JOLY, M. C. Avaliando as estratégias metacognitivas de leitura no ensino fundamental. In: *Actas da XII Conferência Internacional de Avaliação Psicológica: Formas e Contextos*. 2008. p. 1-11.

DI PIERRO, Maria Clara & HADDAD, Sérgio. Transformações nas políticas de educação de jovens e adultos no Brasil no início do terceiro milênio: uma análise das agendas

nacional e internacional. *Cad. Cedes*, Campinas, v. 35, n. 96, p. 197-217, maio-ago.2015.

FREIRE, Poliana Cristina Mendonça; CARNEIRO, Maria Esperança Fernandes. Reflexões sobre a educação de jovens e adultos: contradições e possibilidades. *Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica*, v. 1, n. 10, 2016, p. 34-43.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). *Sinopse Estatística da Educação Básica - 2019*. Brasília, 2019. Disponível em: [http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset\\_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/matriculadas-na-educacao-de-jovens-e-adultos-cai-3-3-milhoes-de-estudantes-na-eja-em-2019/21206](http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/matriculadas-na-educacao-de-jovens-e-adultos-cai-3-3-milhoes-de-estudantes-na-eja-em-2019/21206). Acesso em: 15 mar. 2020.

OLIVEIRA, Ricardo Silva de. *Relações étnico-raciais na perspectiva da educação de jovens e adultos: um estudo do ciclo 05 "c" da Eja na UFPB*. 2019.

RODRIGUES, Marisa Cosenza *et al.* Intervenção em habilidades cognitivas e metacognitivas de leitura em alunos do Programa de Educação Tutorial – PET. *Psicologia: Teoria e Prática*, v. 16, n. 1, 2014, p. 181-190.

SILVA, Renata de Lourdes Miguel da; RODRIGUES, Marisa Cosenza. Atendimento à queixa escolar: experiência do projeto Seape no Centro de Psicologia Aplicada da UFJF. *Psicologia em Revista*, v. 20, n. 3, 2014, p. 479-493.

TEIXEIRA, Eliana de Oliveira. A fabricação do jovem da EJA: reflexões sobre juvenilização e diversidade étnico-racial. *Revista Educação em Debate*, Fortaleza, ano 40, n. 75, 2018.

VALLE, Luiza Elena L.; MATTOS, Maria José Viana Marinho de. *Adolescência: as contradições da idade*. *Revista Psicopedagogia*, São Paulo, v. 28, n. 87., 2011.

## **Reflexões sobre o ensinar a ginástica artística como proposta extensionista**

Camila Soares do Valle<sup>1</sup>

Caroline Eiter de Castro<sup>2</sup>

Roseana Mendes<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Graduação em Educação Física. Bolsista do Projeto de Extensão Iniciação à Ginástica Artística-CAp João XXIII. E-mail: camilasvalle@yahoo.com.br.

<sup>2</sup>Graduação em Educação Física. Bolsista do Projeto de Extensão Iniciação à Ginástica Artística-CAp João XXIII. E-mail: carolec207@gmail.com.

<sup>3</sup>Colégio de Aplicação João XXIII. Coordenadora do Projeto de Extensão Iniciação à Ginástica Artística. Email: roseana.mendes@ufjf.br.

# Reflexões sobre o ensinar a ginástica artística como proposta extensionista

## 1 INTRODUÇÃO

Ensinar a Ginástica Artística<sup>1</sup> desenvolvendo um esporte diferenciado, que integra e associa múltiplas aprendizagens, na linha de extensão educação, esporte e lazer, é o foco deste projeto, o qual nos propõe a este relato de experiência, que vem sendo desenvolvido desde 1995. Nesses anos de projeto de extensão muitas crianças e adolescentes tiveram a oportunidade de conhecer a Ginástica Artística, como prática esportiva, que educa e integra. Além dos conhecimentos inerentes ao esporte e a promoção da saúde, tiveram ainda a oportunidade de desenvolvimento da formação e fortalecimento de cidadania, participação social e inclusão. Considerando a repercussão dos Jogos Olímpicos, sediado no Brasil, em 2016, foi crescente o interesse das crianças e jovens pela prática da Ginástica Artística. Uma modalidade, a qual atrai pela plasticidade dos movimentos e pelas possibilidades de diferentes vivências corporais. Embora tenhamos um grande número de atletas da seleção nacional, com resultados expressivos como o Campeão Mundial de argolas Arthur Zanetti, a Ginástica Artística ainda possui dificuldades para sua prática, como espaços e materiais adequados, bem como profissionais capacitados para atuar na área. Na cidade de Juiz de Fora, essa modalidade está carente de espaços para seu desenvolvimento, e em virtude disso o Colégio de Aplicação João XXIII/UFJF tornou-se um espaço de referência da modalidade, como um dos poucos lugares, que, atualmente, desenvolve a Ginástica Artística na cidade. Embora a escola disponha de estrutura para desenvolver sistematicamente, a vivência da base dessa modalidade esportiva, ainda são muitos os desafios para melhorar a cada dia o desenvolvimento desse esporte, tão plástico e belo.

A Ginástica Artística permite que crianças e jovens apropriem-se de movimentos inabituais, os quais motivam e revelam atividades corporais por meio do movimento gímnico. Uma prática esportiva, que educa e integra, oportuniza conhecimentos inerentes ao esporte e a promoção da saúde, a formação e fortalecimento de cidadania, participação social e inclusão. Enquanto modalidade esportiva apresenta-se com o potencial de proporcionar experiências desportivas desafiadoras, envolvendo seus praticantes, o desenvolvimento do controle do próprio corpo faz da Ginástica Artística uma modalidade base. Ela pode preparar a criança para atividades posteriores e auxiliar em situações de outras modalidades, como a queda durante a partida de basquetebol, por exemplo, contribuindo para a aquisição de outras habilidades esportivas (Nunomura, 2010). Diferentes programas de iniciação esportiva incluem a ginástica artística em suas propostas, pois a riqueza de movimento dessa modalidade esportiva, os desafios corporais projetados nos diferentes aparelhos, que a integram, faz da ginástica artística um esporte que margeia a arte.

---

<sup>1</sup>Iniciação à Ginástica Artística. Projeto de Extensão. E-mail: roseana.mendes@uff.br.

## **2 CAMINHOS E REFLEXÕES**

Esse Relato de Experiência, vinculado ao Projeto de extensão Iniciação à Ginástica Artística, pretende apresentar, de maneira breve, alguns caminhos e reflexões do fazer extensionista. O projeto possibilita que crianças e jovens apropriem-se de movimentos inabituais, os quais motivam e revelam atividades corporais por meio do movimento gímico. Com o objetivo de ampliar as vivências corporais, oferecendo uma atividade rica em coordenação, força, velocidade, concentração, criatividade e diversidade de movimentos.

Um dos benefícios da Ginástica para sua inclusão nos programas de iniciação esportiva, talvez seja a promoção do controle corporal. Porém, a ginástica vai além. Para Leguet (1987) a atividade gímica na infância, desenvolve também a disposição para explorar e experimentar vários movimentos, e obter a persistência para realizar movimentos cada vez mais difíceis. Ressalta ainda o aprendizado do zelo pela organização do ambiente, partilhando tarefas e decisões.

Nas aulas, que ocorrem duas vezes por semana, com o duração de 50 minutos, as crianças podem ingressar aos 5 anos de idade. Nessa idade a prática de diferentes modalidades esportivas, que vise, principalmente, à formação generalizada, à ampliação do seu acervo motor e ao prazer da prática devem ser estimuladas. Esse fato torna mais importante a experimentação da Ginástica Artística na idade escolar, oportunizando aos seus praticantes, experiências diferenciadas, e, que posteriormente, auxiliarão na escolha da prática regular desse, ou de qualquer outro esporte. Para que a variedade de movimentos possa acontecer, desenvolvemos atividades nos equipamentos do solo, salto e trave de equilíbrio, existentes na escola e que possibilita a prática da base do esporte. Porém outros aparelhos, como assimétrica, barra fixa, argolas não estão disponíveis na escola. A falta destes aparelhos impossibilita a experimentação da Ginástica Artística em toda sua amplitude.

Isso demonstra um dos desafios a serem superados com a aquisição dos aparelhos. Contudo o espaço físico necessita ser específico para a prática da Ginástica, o que na escola isso não ocorre, pois o espaço é compartilhado com outra modalidade esportiva e outras atividades educativas, as quais não permitem a fixação dos aparelhos no espaço de aula. Embora ocorram essas dificuldades envolvendo o esporte como prática de iniciação, a Ginástica Artística oferecida como projeto de extensão desde 1995, mantém a possibilidade, como um dos poucos espaços em Juiz de Fora, de oferecer uma modalidade esportiva diferenciada, com metodologias desenvolvidas para a iniciação. Projetos como este são de fundamental importância para disponibilizar conhecimentos diversos, para quem atua como bolsista, para os beneficiados e suas famílias, para estagiários, que se envolvem nesses projetos; entre outras pessoas, que se inserirem no projeto de iniciação à Ginástica Artística.

## **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Acredito que o objetivo do projeto, ao dar continuidade ao trabalho desenvolvido, foi atingido com sucesso. A partir das aulas práticas desenvolvidas em conjunto às crianças, e com os feedbacks obtidos por todos os envolvidos (orientadora, bolsistas, responsáveis pelas crianças e as próprias crianças), foi possível

perceber que competências relacionadas à cooperação, à comunicação, ao trabalho em equipe e ao enfrentamento de problemas puderam ser fomentadas. Muitos desafios ainda estão por vir, mas certamente essa experiência foi enriquecedora.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Thais Vinciprova Chiesse. Um outro olhar sobre a ginástica artística. *Anais do II Seminário Internacional de Ginástica Artística e Rítmica de Competição*. Campinas – SP, 29 e 30 de junho de 2010.

FEENEY, Rik. *Gymnastics – a guide for parents and athletes*. ed. 3. Indianapolis (USA): Master Press, 1993.

LEGUET, Jacques. *As Ações Motoras em Ginástica Esportiva*. São Paulo: Editora Manole, 1987.

NUNOMURA, Myrian; NISTA-PICCOLO, V. L. *Compreendendo a Ginástica Artística*. São Paulo: Phorte, 2005.

SAWASATO, Yumi Yamamoto; CASTRO, M.F.C. A dinâmica da ginástica olímpica. GAIO, R. (Org.); BATISTA, J.C.F. *In: A ginástica em questão*. Ribeirão Preto: Tecmed, 2006.

## **A comunidade no Laboratório Casa Sustentável do Jardim Botânico: Programa de sensibilização para sustentabilidade no ambiente construído**

Letícia Maria de Araújo Zambrano<sup>1</sup>

Aline Calazans Marques<sup>2</sup>

Ana Carolina Caldas Rodrigues<sup>3</sup>

Anna Karina Bouzada Furlani<sup>4</sup>

Letícia de Fátima Alves Rodrigues<sup>5</sup>

Rosiane de Oliveira Souza<sup>6</sup>

<sup>1</sup>Doutora em Arquitetura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com estágio doutoral na École d'Architecture de Toulouse/França. Pós- Doutorado na École d'Architecture de Toulouse/França (2014). Professora Associada IV da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: leticia.zambrano@ufjf.br.

<sup>2</sup>Doutora em Arquitetura pelo PROARQ-FAU/UFRJ em cotutela com LRA/INSAToulouse com apoio do Programa CAPES/COFECUB (Projeto 693/10), Mestre em Engenharia Civil pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Professora Adjunta do Departamento de Análise e Representação da Forma – DARF – da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – FAU/UFRJ. E-mail: alinecalazans@fau.ufrj.br.

<sup>3</sup>Graduanda em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: ana.rodrigues@arquitetura.ufjf.br.

<sup>4</sup>Arquiteta e Urbanista graduada pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: anna.furlani@arquitetura.ufjf.br.

<sup>5</sup>Graduanda em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Juiz de Fora – FAU /UFJF. E-mail: leticia.alves@arquitetura.ufjf.br.

<sup>6</sup>Mestranda em Ambiente Construído pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Pós-graduanda em Sustentabilidade na Construção Civil pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais – Campus Juiz de Fora (IF Sudeste). E-mail: rosiane.souza@arquitetura.ufjf.br.

Érika Magalhães<sup>7</sup>  
Márcia Rangel<sup>8</sup>  
Sabrina Ferreti<sup>9</sup>  
Míriam Carla do Nascimento Dias<sup>10</sup>  
Eduardo Breviglieri Pereira de Castro<sup>11</sup>  
Pedro Kopschitz Xavier Bastos<sup>12</sup>  
Danilo Pereira Pinto<sup>13</sup>  
Marcelo Caniato<sup>14</sup>  
Cristiano Gomes Casagrande<sup>15</sup>  
Ernani Simplício Machado<sup>16</sup>

<sup>7</sup> Mestra em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Professora do Curso de Graduação em Tecnologia em Design de Interiores e do Curso Técnico em Design de Móveis, do Instituto Federal Sudeste de Minas – Campus Juiz de Fora (IF SUDESTE). E-mail: erika.magalhaes@ifsudestemg.br.

<sup>8</sup> Doutora em Design pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC/RIO). Professora do Instituto Federal Sudeste de Minas Gerais – Campus Juiz de Fora (IF SUDESTE). E-mail: marcia.rangel@ifsudestemg.br.

<sup>9</sup> Doutora em Arquitetura e Urbanismo pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal Fluminense (PPGAU/UFF). Professora dos Cursos Técnico em Design de Móveis e de Tecnologia em Design de Interiores do Instituto Federal de Ensino, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais – Campus Juiz de Fora (IF SUDESTE). E-mail: sabrina.ferretti@ifsudestemg.br.

<sup>10</sup> Mestra em Ambiente Construído pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Servidora técnico-administrativa em Educação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFJF. E-mail: miriam.dias@arquitetura.ufjf.br.

<sup>11</sup> Doutor em Engenharia Mecânica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) / Engenharia Civil pelo INSA de Lyon, França (co-tutela com a UFRJ). Pós-doutoramento no LRA/ENSA em Toulouse. Professor Titular do Departamento de Engenharia de Produção e Mecânica da Faculdade de Engenharia da Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: eduardo.castro@ufjf.br.

<sup>12</sup> Doutor em Engenharia Civil pela Universidade de São Paulo (USP). Pós-doutorado no INSA de Toulouse (2014), no tema Análise do Ciclo de Vida de Materiais e Edifícios. Professor Associado do Departamento de Construção Civil da Faculdade de Engenharia da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: pedrokop@terra.com.br.

<sup>13</sup> Doutorado em Engenharia Elétrica pela Coordenação dos Programas de Pós-Graduação em Engenharia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Pós-Doutorado pela Universidade do Minho – Portugal. Professor Titular do Departamento de Energia Elétrica da Faculdade de Engenharia da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: danilo.pinto@ufjf.br.

<sup>14</sup> Doutor em Computação Gráfica pelo Programa de Engenharia de Sistemas e Computação (PESC) da COPPE/UFRJ. Professor da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: marcelo.caniato@gmail.com.

<sup>15</sup> Doutor em Engenharia Elétrica pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Professor da Faculdade de Engenharia da UFJF. E-mail: casagrandejf@yahoo.com.br.

<sup>16</sup> Doutor em Arquitetura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professor Adjunto da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: ernani.machado@ufjf.br.

Lia Salermo<sup>17</sup>  
Cinthy Medice Sperandio Alves<sup>18</sup>  
Jacqueline De Paula Campos Motta<sup>19</sup>  
Leticia de Fátima Alves Rodrigues<sup>20</sup>  
Lídia Martins de Almeida<sup>21</sup>  
Mayara Nacarate Machado<sup>22</sup>  
Rafaelli Machado dos Santos<sup>23</sup>  
Vívian Zaquine de Jesus<sup>24</sup>  
Anna Karina Bouzada Furlani<sup>25</sup>  
Alice Kaizer Souza<sup>26</sup>  
Cíntia Borel Nunes<sup>27</sup>  
Julia Jubini Martins<sup>28</sup>

<sup>17</sup>Mestra em Engenharia Civil pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Engenheira integrante do quadro técnico-administrativo da Pró-reitoria de Infraestrutura e Gestão da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: lia.salermo@ufjf.br.

<sup>18</sup>Graduanda em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: cinthyamdice@gmail.com.

<sup>19</sup>Graduanda em Arquitetura e Urbanismo na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: jacquelinecamposmotta@gmail.com.

<sup>20</sup>Graduanda em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: leticia.alves@arquitetura.ufjf.br.

<sup>21</sup>Graduanda em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: lidia-martins10@hotmail.com.

<sup>22</sup>Pós-graduada em paisagismo com ênfase na iluminação de jardins e espaços urbanos, pela faculdade Unyleya. Pós-graduada em Design com especialização em ambientes comerciais pela faculdade Unyleya. Bacharela em Arquitetura e Urbanismo pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: mayaranacaratemachado@hotmail.com.

<sup>23</sup>Arquiteta e Urbanista graduada pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Técnica em Meio Ambiente pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ) – Campus Nilo Peçanha. E-mail: refaelli.santos@live.com.

<sup>24</sup>Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: vivian.zaquine@gmail.com.

<sup>25</sup>Arquiteta e Urbanista graduada pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: anna.furlani@arquitetura.ufjf.br.

<sup>26</sup>Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: kaizer\_alice@hotmail.com.

<sup>27</sup>Arquiteta e Urbanista formada pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: cintia.borel@arquitetura.ufjf.br.

<sup>28</sup>Graduanda em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: juliajubini@gmail.com.

Larissa Cristiane dos Santos<sup>29</sup>  
Laura Soares da Veiga<sup>30</sup>  
Lucas Romano Monteiro<sup>31</sup>  
Manoel Carlos da Silva<sup>32</sup>  
Mariana Scheffer Teixeira<sup>33</sup>  
Mariza Salgado Silva<sup>34</sup>  
Natália Cabido Ferreira<sup>35</sup>  
Matheus de Oliveira do Carmo Marques<sup>36</sup>

<sup>29</sup>Graduanda em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: larissacristiane88@gmail.com.

<sup>30</sup>Graduanda em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: laura.soares@arquitetura.ufjf.br.

<sup>31</sup>Graduando em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: lucasmonteiro98@gmail.com.

<sup>32</sup>Graduando em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: manoelcarloosilva19@gmail.com.

<sup>33</sup>Graduanda em Arquitetura e Urbanismo pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: marianascht@hotmail.com.

<sup>34</sup>Graduanda em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: mariza.salgado@arquitetura.ufjf.br.

<sup>35</sup>Graduanda em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: natalia.cabido@arquitetura.ufjf.br.

<sup>36</sup>Graduando em Ciência da Computação pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: matheusocmarques@gmail.com

# A comunidade no Laboratório Casa Sustentável do Jardim Botânico: Programa de sensibilização para sustentabilidade no ambiente construído

## 1 INTRODUÇÃO

O Laboratório Casa Sustentável – LCS (Figura 1) é uma edificação que foi construída em 2014 no Jardim Botânico da Universidade Federal de Juiz de Fora, com o objetivo geral de desenvolver atividades de ensino, pesquisa e extensão, de maneira integrada, na temática da sustentabilidade das edificações.

O Projeto extensionista “A Comunidade no Laboratório Casa Sustentável do Jardim Botânico” atua desde 2018 com o objetivo de dialogar com a comunidade em geral sobre estratégias e ações que possam contribuir para a sustentabilidade no ambiente construído. Aplicam-se no espaço do Laboratório, técnicas de bioclimatismo, conforto ambiental e ecoeficiência, buscando sensibilizar a sociedade para que possam aplicar estes conhecimentos em suas casas.

**Figura 1** – Foto da fachada do Laboratório Casa Sustentável



**Fonte:** Acervo do Laboratório Casa Sustentável (LCS), 2021.

O projeto se delinea como estratégia de contribuição para a sustentabilidade da cidade em larga escala, compartilhando conhecimentos com uma significativa parcela da população que não tem acesso à profissionais de arquitetura e engenharia e que constrói de maneira informal, prejudicando suas próprias condições de conforto e salubridade, além de deixar de abordar questões de eficiência energética, qualidade ambiental entre outros. O projeto visa contribuir para a democratização destes conhecimentos (Zambrano *et al.*, 2015).

Trata-se de um projeto elaborado de forma interdisciplinar, por uma equipe multidisciplinar e conta com uma parceria entre grupos de pesquisa dos cursos de

Arquitetura e Urbanismo, Engenharias e Ciências da Computação da UFJF, além de parceiros externos.

Reconhecendo os impactos da construção civil sobre o meio ambiente, o Laboratório assume um compromisso social de sensibilização da sociedade, sobre a aplicabilidade de tais técnicas em futuras construções ou reformas, criando assim um potencial multiplicador desse conhecimento.

**Figura 2** – Visita guiada com estudantes na parte externa



**Fonte:** Acervo do Laboratório Casa Sustentável (LCS), 2018.

**Figura 3** – Visita guiada com população na parte interna



**Fonte:** Acervo do Laboratório Casa Sustentável (LCS), 2018.

As ações deste Projeto de Extensão são voltadas para o acolhimento e acompanhamento dos visitantes que chegam ao LCS (Figuras 2 e 3), quer seja em grupos organizados de escolas e universidades, quer seja o público em geral em visita ao Jardim Botânico.

A principal estratégia de sensibilização da população se dá com a orientação de monitores extensionistas que atuam de maneira integrada e sintonizada com os conceitos de sustentabilidade que norteiam a proposta.

Desde antes da inauguração, a equipe de monitores e coordenadores se preparou para estabelecer uma relação dialógica com os visitantes, cientes de que a diversidade e os desafios deste processo seriam insumo para retroalimentar as reflexões e as ações em campo, abrindo espaço para novas investigações. Para tanto, se fez necessário construir estratégias metodológicas bem estruturadas e, ao mesmo tempo, flexíveis e passíveis de atualização em resposta às demandas da equipe (Figura 4) e do próprio Laboratório.

**Figura 4** – Parte da equipe em frente ao acesso principal do LCS no dia da inauguração do Jardim Botânico



Acervo do Laboratório Casa Sustentável (LCS), 2018.

## 2 METODOLOGIA

As estratégias metodológicas a serem apresentadas foram definidas em conjunto pela equipe envolvida, entre professores, TAE e os monitores extensionistas. O público alvo compreendido no projeto é toda a população de visitantes do Jardim Botânico, além de grupos organizados de estudantes do Ensino Fundamental, Médio e Superior. Neste último grupo destacam-se estudantes de cursos de Arquitetura e Urbanismo, Engenharias diversas, entre outros.

Os monitores extensionistas são graduandos do curso de Arquitetura e Urbanismo da UFJF e formam uma equipe de até 18 componentes que atuam como monitores no Laboratório. Em paralelo à tarefa de guia dos visitantes, parte do tempo é dedicado aos estudos das teorias e técnicas aplicadas no Laboratório. A equipe se renova de tempos em tempos e novos integrantes se adaptam ao ritmo, com etapa formativa e em processo de capacitação em serviço, com o apoio dos colegas. A troca de conhecimento é um dos comprometimentos do grupo.

Antes de iniciarem os trabalhos em campo, todos os monitores passam por um período de capacitação e treinamento teórico, sobre o histórico do Laboratório e a demanda de construção desse espaço; a problemática de contexto e o desafio de

sustentabilidade na escala da cidade; a concepção e desenvolvimento do projeto, bem como as técnicas aplicadas em cada ambiente. Além disso, acompanham uma experiência prática de explanação do roteiro no próprio LCS, por parte da equipe já atuante e pelas coordenadoras do projeto. Essas estratégias foram implementadas para que os bolsistas pudessem desenvolver com segurança habilidades para conduzir as visitas guiadas de grupos organizados ou avulsos ao Laboratório Casa Sustentável.

De acordo com o projeto conceitual que definiu a concepção do LCS, dentro do objetivo de aproximação e diálogo com a comunidade, as soluções bioclimáticas e de ecotécnicas simples e com custo acessível são base para o diálogo com os visitantes, de maneira a inspirar e possibilitar a reprodução em suas casas. Além disso, as técnicas construtivas foram adotadas de acordo com a cultura construtiva e disponibilidade local de materiais e mão de obra (segundo os preceitos da sustentabilidade ambiental e sociocultural).

A principal estratégia de ação se dá por meio de visitas guiadas por monitores extensionistas, com grupos restritos de até 10 pessoas, conduzidas a percorrer os espaços do LCS. Para cada perfil de visitantes são adotadas determinadas estratégias. Para os três primeiros grupos a seguir: crianças (6 a 10 anos), pré-adolescentes (11 a 14 anos) e 14 anos em diante, busca-se trabalhar os conceitos em acordo com a vida escolar de cada faixa etária, de forma a reforçar na prática conteúdos vistos em sala de aula. Com os adultos/ idosos é estabelecido o diálogo por meio de situações do cotidiano que estimulem a troca dialógica entre monitores e visitantes.

Os ambientes de visitação são análogos aos cômodos de uma casa (quartos, sala, escritório, cozinha, banheiro, pátio interno e jardins) (Figura 5), criando a oportunidade do indivíduo experienciar os diversos ambientes, nos quais é convidado a manifestar suas percepções sobre sensações de conforto ou desconforto, além de receber explanações sobre as técnicas e os sistemas adotados em cada um dos ambientes.

**Figura 5 – Setorização da Casa Sustentável**



**Fonte:** Acervo do Laboratório Casa Sustentável (LCS), 2020. Modificada pelas autoras, 2020.

Sendo assim, como plano de trabalho foram adotados:

- capacitação periódica da equipe de bolsistas e voluntários de extensão, por meio de visitas guiadas entre a coordenação e os membros da equipe, além do estudo do roteiro de apresentação;
- estudos e pesquisas regulares (semanais) sobre temas relacionados com a sustentabilidade na construção civil e na cidade, conforto ambiental, bioclimatismo e sobre ecotécnicas, com o objetivo de suporte à exposição;
- distribuição de tempo entre o trabalho preparatório em escritório e visitas guiadas no LCS, sendo 8 horas semanais em visita e 4 horas semanais voltadas à pesquisa e produção de material de suporte, incluindo plantões de um domingo por mês para cada estudante envolvido;
- definição e gestão de escalas organizadas por equipes de 2 a 4 estudantes para receber os visitantes, sendo dispostas conforme dias de maior ou menor movimento. Adoção de dois turnos diários, compostos por sete visitas de meio hora cada turno;
- a rotina de recepção dos visitantes no LCS inclui: (1) configuração de abertura dos vãos dos ambientes no início do dia (conforme época do ano e pesquisa em andamento); (2) preparação do suporte de registros de visitantes e ocorrências (realizados em cadernos); (3) recepção de visitantes com percursos pelo LCS de acordo com o roteiro de visita e (4) encerramento do dia com fechamento dos ambientes;
- apoio nas ações de manutenção do LCS, com registros dos serviços pendentes e acompanhamento da execução por parte dos estudantes, em sintonia com a coordenação do projeto;
- desenvolvimento de projetos e detalhes construtivos para complementação das técnicas de conforto ambiental do LCS;
- desenvolvimento de cartazes, folders e conteúdos para mídias diversas;
- realização de relatórios das visitas e inclusão destes no relatório final, junto a um balanço de demandas emergidas ao longo desse período;
- supervisão semanal da coordenação em campo, com o objetivo de verificar as demandas e, em diálogo com a equipe, orientar para possíveis melhorias;
- reuniões coletivas e imersões do grupo, que possibilitam a resolução de questões, o planejamento participativo e a criação de um ambiente mais fraterno e colaborativo. Conforme mencionado anteriormente, a estratégia metodológica foi desenvolvida em conjunto pela equipe participante do projeto, mas as interações com os visitantes permitem a melhoria contínua do processo, incorporando sugestões, modificando o que se observa não ser adequado em nossas explicações com cada perfil de visitantes, melhorando nosso discurso de forma a sermos melhor compreendidos e a melhor responder ao que percebemos ser de maior interesse e relevância para cada perfil.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em 2019, a partir da abertura do Jardim Botânico no mês de abril, o LCS recebeu mais de 3 mil pessoas de Juiz de Fora e de outras regiões do Brasil e do mundo. Ao longo desse período, foram agendadas visitas de grupos escolares com estudantes do nível fundamental e médio, grupos de universitários da UFJF e de outras instituições de ensino privado. Também se incluem neste total de 3 mil pessoas, as visitas espontâneas da população em geral.

A partir das experiências obtidas neste primeiro ano de abertura do laboratório, verificam-se alguns pontos de melhorias a serem realizadas, sendo elas:

- a. Roteiro – foi necessário adaptar os roteiros aos perfis de visitantes, alterar palavras, a ordem da explicação das técnicas e até rever todo o roteiro, como no caso das crianças, que nos desafiam a rever completamente a dinâmica da visita. Desenvolvemos também uma sensibilidade para perceber em quais casos caberia ou não entrar na dinâmica do roteiro ou simplesmente dialogar de forma mais ampla, sem nos determos em explicações detalhadas. Com isso, o roteiro passou a receber revisões para melhorias contínuas, sempre com abertura para os desvios e improvisos, a fim de facilitar o diálogo e a troca de conhecimentos com a comunidade de visitantes;
- b. Horários e grupos de visitantes - tendo em vista que inicialmente não se tinha estabelecido um número limite para a formação dos grupos e os horários para visitação, logo percebemos ser necessário determinar horários fixos para as visitas e um número estipulado de pessoas por grupo de visitantes, para que as visitas fossem mais efetivas e cumprissem bem com a sua finalidade. Com isso, desenvolvemos um quadro de horários de visitas guiadas com 4 a 6 momentos de 30 min, organizadas na forma de grupos de 10 pessoas (máx.), por ordem de chegada, para cada percurso, deixando espaço para abertura e fechamento do laboratório e horário de almoço ou lanche dos bolsistas;
- c. As escalas dos bolsistas passaram por algumas alterações para viabilizar, de acordo com o horário disponível, o melhor atendimento dentro das demandas estabelecidas no momento; salienta-se que as grades horárias dos cursos, o tempo e custos de deslocamentos e alimentação são elementos que se impõem no planejamento das escalas;
- d. Finalização e ajustes dos cartazes dos ambientes e folders (esta atividade facilitou muito o diálogo com os visitantes, pois nos cartazes foram inseridos alguns esquemas ilustrados dos ambientes, bem como das técnicas adotadas);
- e. Projetos de elementos a serem executados nos espaços da casa, muitos dos quais ainda não haviam sido desenvolvidos ou finalizados, foram

concluídos. O envolvimento dos bolsistas com os projetos em desenvolvimento possibilitou um grande aprendizado teórico e técnico dentro das áreas de iluminação, conforto ambiental e paisagismo;

- f. Visitação – milhares de pessoas passaram pelo laboratório, oportunizando a disseminação dos conceitos e conteúdos sobre as técnicas ecoeficientes empregadas nos ambientes, arquitetura, construção, meio ambiente e sustentabilidade. Acredita-se que, o processo de disseminação espontânea de uma cultura construtiva mais sustentável, seja muito significativo para a melhoria, em escala, do desempenho ambiental das edificações, contribuindo para a sustentabilidade socioambiental no contexto da cidade.

Ressalta-se que, o comprometimento dos bolsistas e coordenadores foram essenciais para que fossem desenvolvidas, aprimoradas e executadas todas as atividades descritas acima de forma satisfatória (Figura 6). Com aproximadamente 1 ano de experiências dentro do LCS, observamos muitos aprendizados e com eles, também vieram as contribuições, tanto para as ações no laboratório como para nossa formação. As reuniões coletivas e imersões do grupo foram algo muito bem recebido pela equipe e trouxeram diversas possibilidades para resolução de questões e planejamentos participativos. O reflexo disso é a concretização de um espaço de ensino, pesquisa e extensão, colaborativo, saudável e de qualidade, não só para a equipe do laboratório, mas também para todos que o visitam.

**Figura 6 – Cerimônia de premiação da Mostra de Extensão 2019**



**Fonte:** Acervo do Laboratório Casa Sustentável (LCS), 2019.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O constante e significativo crescimento da população de residentes na cidade de Juiz de Fora e região, como verificado a cada censo realizado, leva ao adensamento de ocupação na área urbana, tornando-se necessárias ações visando reduzir o impacto que o conjunto das edificações causa ao meio ambiente, como a geração de ilhas de calor, impermeabilização do solo, uso exacerbado de energia, entre outros.

Por outro lado, uma parcela significativa da população urbana não tem acesso a profissionais que possam orientar para projetos e edificações que apresentem um melhor desempenho ambiental.

Pretende-se que as ações realizadas pelo LCS, de forma dialógica com a população, possam contribuir para que soluções mais sustentáveis possam ser incorporadas, replicadas em seus imóveis, levando a residências mais sustentáveis e que promovam mais conforto por meios naturais, o que, em maior escala, pode levar a uma cidade melhor.

As atividades extensionistas desenvolvidas no Laboratório Casa Sustentável também dialogam diretamente com as demais atribuições do LCS, sobretudo no que tange à pesquisa nele desenvolvida. Como integração entre pesquisa e extensão, espera-se que os visitantes possam contribuir para a validação das técnicas adotadas no LCS. A colaboração da população proporcionará uma contínua adequação e aperfeiçoamento das estratégias de conforto e da própria pesquisa. Será proposto em uma futura etapa, na integração com a pesquisa de conforto ambiental, a coleta de opiniões dos visitantes acerca das sensações de conforto ou desconforto nos espaços. Os dados obtidos dos visitantes alimentarão o desenvolvimento de conhecimentos na área de conforto ambiental além de direcionarem para melhorias nos ambientes.

No âmbito dos projetos e obras, existem partes do projeto original que precisam ser executadas, como a finalização do projeto de captação de água pluvial, a execução do deck e paisagismo do pátio interno, a instalação de hortas e jardins verticais, bem como a finalização de instalação de ecotécnicas nos ambientes internos, a serem concluídas nos próximos anos, a depender das possibilidades financeiras da UFJF.

As considerações descritas são norteadoras para as etapas futuras, buscando a ampliação e melhoria das ações desenvolvidas pela equipe extensionista do Laboratório Casa Sustentável, em seu constante diálogo com sociedade juiz forana.

## REFERÊNCIAS

LABORATÓRIO CASA SUSTENTÁVEL - UFJF. A comunidade no Laboratório Casa Sustentável do Jardim Botânico/UFJF. *Mostra de Extensão - UFJF/2019*. Juiz de Fora, 14 out. 2019. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=2\\_m5DVcPCug](https://www.youtube.com/watch?v=2_m5DVcPCug). Acesso em: 28 nov. 2021.

ZAMBRANO, L.M.A.; MARQUES, A.C. *et al.* Laboratório casa sustentável: Um ambiente, pesquisa e extensão em arquitetura sustentável Juiz de Fora - MG. *Anais do XXIII Encontro Nacional e IX Encontro Latinoamericano de Conforto no Ambiente Construído*. Campinas, 2015. Disponível em: <https://www.ufjf.br/lablcs/files/2018/10/ENCAC-2015-Artigo-33-revisado-LCS.pdf>. Acesso em: 26 nov. 2021.

# **Implantação de uma horta comunitária e terapêutica na estratégia de Saúde da Família CAIC I na cidade de Governador Valadares – MG**

Matheus Viana Costa<sup>1</sup>  
Priscila Lima Sequetto<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Graduando em Farmácia pela Universidade Federal de Juiz de Fora – Campus Governador Valadares (UFJF-GV). E-mail: matheus\_viana\_costa@hotmail.com.

<sup>2</sup>Doutora em Bioquímica Agrícola pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). Professora do curso de Farmácia da Universidade Federal de Juiz de Fora – Campus Governador Valadares (UFJF-GV). E-mail: priscila.sequetto@ufff.br.

# **Implantação de uma horta comunitária e terapêutica na estratégia de Saúde da Família CAIC I na cidade de Governador Valadares – MG**

## **1 INTRODUÇÃO**

As hortas comunitárias são aquelas que se configuram pela produção de cunho coletivo, em que as pessoas dividem a área de cultivo, as atividades, a produção e as despesas. Podem funcionar em terrenos cedidos pelo poder público ou por proprietários particulares. Os agricultores, normalmente, estão organizados em associações, cooperativas ou até mesmo em grupos informais. As atividades podem funcionar como geradoras de renda, cultivo de alimentos e de plantas medicinais, terapia ocupacional, espaço de troca de saberes, dentre outras possibilidades (Junqueira, 2018).

A dimensão terapêutica da horta comunitária a caracteriza como uma atividade alinhada às práticas integrativas e complementares pela possibilidade de combinar a medicina alternativa com a medicina convencional e sistemas antigos de cura com a biomedicina moderna (Costa *et al.*, 2015). A Política Nacional de Promoção da Saúde entende que promover a saúde é uma estratégia de articulação transversal, a qual, dentre outros objetivos, deve estimular alternativas inovadoras e socialmente inclusivas, que possam contribuir no âmbito de ações para promover, prevenir e reduzir os agravos à saúde. Também deve valorizar e otimizar o uso dos espaços públicos de convivência e de produção de saúde, bem como favorecer a preservação do meio ambiente e a promoção de ambientes mais seguros e saudáveis, visando assim a criação de mecanismos, os quais reduzam as situações de vulnerabilidade, trabalhando com equidade e incorporando a participação e o controle sociais na gestão das políticas públicas (Brasil, 2010).

Dessa forma, este projeto teve como objetivo contribuir para a promoção, prevenção, redução de agravos à saúde e adoção de hábitos saudáveis junto à comunidade assistida pela Estratégia de Saúde da Família (ESF) CAIC I, no município de Governador Valadares, por intermédio da implementação da Horta Comunitária e Terapêutica na unidade. Este projeto contemplou a transformação e revitalização de uma área improdutiva, que normalmente acumulava lixo, detritos e mato em frente à ESF CAIC I, em um espaço de cultivo e socialização. A justificativa para o desenvolvimento deste projeto é a necessidade de transformação de um espaço considerado como de risco para os usuários da unidade de saúde ESF CAIC I e estudantes da escola ao lado, em uma horta comunitária e terapêutica para desenvolvimento de práticas de atividades de caráter multifuncional e natureza interdisciplinar.

## **2 METODOLOGIA**

A implantação da horta comunitária foi realizada por intermédio de metodologias participativas, consistindo na formação de parcerias multissetoriais compreendendo servidores públicos da ESF CAIC I, Núcleo de Apoio à Saúde da Família

6 (NASF) e Secretaria Municipal de Meio Ambiente, Agricultura e Abastecimento (SEMA), moradores da associação do bairro, alunos e docentes da UFJF-GV. Funções e responsabilidades foram delegadas a cada parceiro, a fim de garantir a implantação e continuidade do projeto.

As atividades desempenhadas foram a elaboração participativa do regulamento para o funcionamento da horta e uso do espaço pela comunidade; elaboração da proposta de avaliação e monitoramento de cada atividade desenvolvida; limpeza e construção de cerca da área utilizada pela horta; capacitação no manuseio da terra, orientações técnicas de plantio e colheita, manipulação de alimentos, acompanhamento e orientação técnica/educacional contínua com desenvolvimento de rodas de conversa sobre a importância da alimentação saudável, preparo, manipulação e consumo de plantas medicinais e reuniões comunitárias. A comunidade, por meio de suas instituições representativas, foi o grande parceiro na manutenção e continuidade do projeto, por isso o enfoque na discussão das ações e realização das atividades foi de cunho coletivo.

Foram feitos o planejamento, acompanhamento e a avaliação das atividades desenvolvidas de acordo com a proposta de intervenção local. O acompanhamento foi realizado a partir de reuniões, registros das atividades e evolução do projeto, elaboração de documentos e relatórios. Registros fotográficos também foram realizados no sentido de visualizar a evolução histórica do andamento das ações de melhorias na Horta Comunitária e Terapêutica CAIC I.

### 3 DESENVOLVIMENTO E DISCUSSÕES

Ao contemplar interesses da comunidade em ter um local de cultivo e convívio e da ESF CAIC I em contribuir na promoção, prevenção e redução de agravos à saúde, o projeto foi aceito com entusiasmo pelos beneficiários. Na primeira etapa do projeto, foi realizada a observação das condições da área física disponível para a implantação da horta comunitária e terapêutica (Fotografia 01) e do alinhamento dos desejos e habilidades da comunidade.

**Fotografia 1 - Área física da horta**



**Fonte:** coordenadora do projeto.

A agricultura urbana e periurbana vem sendo praticada em diferentes espaços: privados, institucionais, locais não-construíveis e locais verdes urbanos (Coutinho,

2007). O cultivo de alimentos em meio urbano engloba produção, transformação e prestação de serviços, de forma segura, gerando produtos agrícolas voltados ao autoconsumo, trocas e doações ou comercialização, (re)aproveitando-se, de forma eficiente e sustentável, recursos e insumos locais como solo, água, resíduos sólidos, mão de obra e saberes (Santandreu & Lovo, 2007).

Uma horta participativa depende do trabalho de todos e, por isso, deve fomentar a integração do grupo de beneficiários do projeto. Esse processo foi realizado desde os primeiros mutirões para limpeza do terreno. O processo de inclusão social minimiza os preconceitos oriundos do status social e econômico, gênero e etnia, portanto, na horta comunitária e terapêutica, todos possuem direitos e deveres iguais. As decisões quanto às questões da horta foram tomadas sempre no coletivo e de forma dialogada (Fotografia 02).

A oportunidade de dialogar e conhecer uns aos outros possibilitou a construção de um vínculo de confiança entre os beneficiários. Mediante essas iniciativas, foram discriminadas em um regimento as normas de utilização do espaço, a fim de organizar o convívio dos beneficiários e garantir a segurança das pessoas que utilizavam o local.

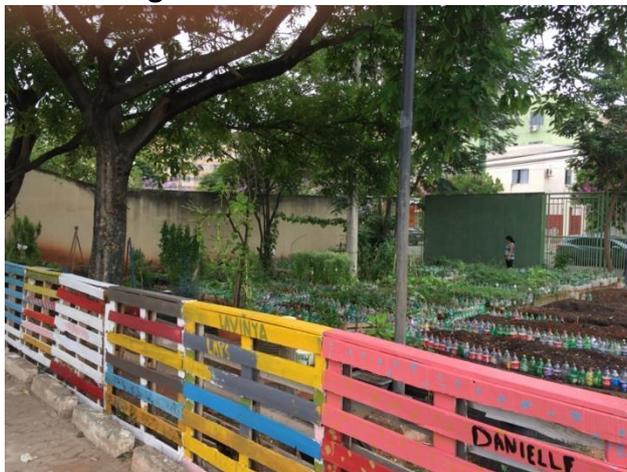
**Fotografia 2 - Elaboração do Regimento**



**Fonte:** coordenadora do projeto.

Ao promover a construção coletiva do conhecimento, ouvir os agricultores envolvidos, observar e apoiar suas formas de organização e empoderamento, foi possível fortalecer ações de promoção à saúde desenvolvidas na unidade, bem como atender algumas demandas da comunidade. A partir disso, foi dado seguimento à execução das atividades propostas para a implantação da horta como limpeza e cercamento das áreas escolhidas (Fotografia 03) e participação em capacitações para o manuseio da terra, plantio e colheita. Os beneficiados pelo projeto foram assessorados pelos funcionários do serviço de saúde, técnicos da Secretaria Municipal de Meio Ambiente, Agricultura e Abastecimento (SEMA), Conselho Municipal de Segurança Alimentar e Nutricional de Governador Valadares, alunos e docentes da UFJF GV.

**Fotografia 3** - Cercamento da horta



**Fonte:** coordenadora do projeto.

Entre as principais contribuições da agricultura urbana estão o fortalecimento da segurança alimentar e nutricional; a melhoria da nutrição e da saúde nas comunidades, além da caracterização de um ambiente mais saudável (Machado & Machado, 2002). Durante todo o período de execução das atividades do projeto foram realizadas rodas de conversas (Fotografia 04) e oficinas sobre a importância da alimentação saudável, e também sobre preparo, manipulação e consumo de plantas medicinais.

**Fotografia 4** - Roda de conversa



**Fonte:** coordenadora do projeto.

De acordo com Costa *et al.* 2015, a horta é um lugar de encontro e, por meio dela, ocorre a inauguração de uma nova relação com a unidade de saúde. O envolvimento dos participantes permite a ampliação da interação dos usuários entre si e com os técnicos e profissionais de saúde, constituindo-se em grupos de apoio e partilha, trocas de saberes e resgate de memórias da infância. Como consequência, ocorre a elevação da autoestima e do autocuidado; um maior entusiasmo pela

participação; confecção de relatos sobre a melhora das condições de saúde dos participantes; revisão de valores em relação à alimentação; empoderamento individual e coletivo e o aprendizado de habilidades com viabilidade de aplicação em outros contextos, como o familiar e a vizinhança. Na última etapa do projeto, foram realizadas coletas de informações e sugestões da comunidade e parceiros através de rodas de conversas e elaboração do relatório final das atividades desenvolvidas.

As atividades extensionistas, além do compartilhamento de experiência, também contribuem para a educação continuada. Assim, é interessante ressaltar o potencial de propostas como essa, que atuam promovendo e aprimorando conhecimentos, os quais favoreçam a qualidade de vida em um ambiente rico de uma biodiversidade em meio urbano.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

É importante valorizar o papel da agricultura urbana como uma atividade que colabora na prevenção de doenças, favorecendo a participação popular e a difusão de conhecimentos tradicionais. A partir dessas iniciativas, espera-se ampliar o acesso a parcerias e aprimorar o quadro de recursos humanos, prioritariamente, de forma voluntária, para que os agricultores possam continuar usufruindo dos benefícios alcançados com o desenvolvimento deste projeto.

#### **5 AGRADECIMENTOS**

À Estratégia de Saúde da Família (ESF) CAIC I pelo acolhimento e colaboração.

#### **REFERÊNCIAS**

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Secretaria de atenção à Saúde. *Política Nacional de Promoção da Saúde*. ed. 3. Brasília: MS:SAS, 2010.

COSTA, C.G.A.; GARCIA, M.T.; RIBEIRO, S.M.; SALANDINI, M.F.S.; BÓGUS, C.M. Hortas comunitárias como atividade promotora de saúde: uma experiência em Unidades Básicas de Saúde. *Ciências & Saúde Coletiva*. [online], Rio de Janeiro, v. 20, n. 10, p. 3099-3110, out. 2015.

COUTINHO Maura Neves. *Agricultura Urbana: Análise e Reflexão Sobre os Marcos Legais e Normativos do Município de Belo Horizonte*. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte. 2007.

JUNQUEIRA, Jacqueline Miriam Maciel. Hortas comunitárias: uma análise dos significados atribuídos por agricultores urbanos no território valadarense. 2018. Dissertação (Mestrado em Gestão Integrada do Território) – Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Gestão Integrada de Território – GIT, Universidade Vale do Rio Doce, 2018.

MACHADO, C.T.T.; MACHADO A.T. *Agricultura Urbana*: Embrapa Cerrados. Planaltina: Embrapa, 2002.

SANTANDREU, A., LOVO, I.C. *Panorama da agricultura urbana e periurbana no Brasil e diretrizes políticas para sua promoção*. Belo Horizonte: Rede de Intercâmbio de Tecnologias Alternativas – REDE, 2007.

# Relato de experiência – vírus da Dengue, Chikungunya, Zika e outros vírus transmitidos por mosquitos: atualização para agentes de endemias e conscientização da comunidade

Joyce da Silva Fernandes<sup>1</sup>

Pedro Henrique Chaves De Souza Aguiar<sup>2</sup>

Mariana de Andrade Faustino<sup>3</sup>

Priscila de Freitas Ferreira<sup>4</sup>

Matheus Braga Mendes<sup>5</sup>

Árina Oliveira Reis da Paixão<sup>6</sup>

Cecilia Kosmann<sup>7</sup>

Maria Luzia da Rosa e Silva<sup>8</sup>

<sup>1</sup>Graduação em Medicina. Bolsista da ação de extensão. E-mail: joycel25fernandes@gmail.com.

<sup>2</sup>Graduação em Medicina. Voluntário da ação de extensão. E-mail: pedrozpk@gmail.com.

<sup>3</sup>Graduação em Ciências Biológicas. Voluntária da ação de extensão. E-mail: mariana.andrade@icb.ufjf.br.

<sup>4</sup>Graduação em Enfermagem. Voluntária da ação de extensão. E-mail: prifferreira84@gmail.com.

<sup>5</sup>Graduação em Farmácia. Voluntário da ação de extensão. E-mail: matheusbraga15@yahoo.com.br.

<sup>6</sup>Graduação em Farmácia. Voluntária da ação de extensão. E-mail: arinapaixao\_jf@hotmail.com.

<sup>7</sup>Colaboradora vinculada ao Departamento de Vigilância Epidemiológica e Ambiental, Secretaria de saúde, Prefeitura de Juiz de Fora. E-mail: ceciliakosmann@gmail.com.

<sup>8</sup>Colaboradora vinculada ao Departamento de Parasitologia, Microbiologia e Imunologia, Instituto de Ciências Biológicas. E-mail: mluziars@yahoo.com.br.

Aripuanã Sakurada Aranha Watanabe<sup>9</sup>  
André Luiz da Silva Domingues<sup>10</sup>

<sup>9</sup>Departamento de Parasitologia, Microbiologia e Imunologia, Instituto de Ciências Biológicas. Vice-coordenador da ação de extensão. E-mail: aripuana.watanabe@ufff.br.

<sup>10</sup>Departamento de Parasitologia, Microbiologia e Imunologia, Instituto de Ciências Biológicas. Coordenador da ação de extensão. E-mail: alsdomingues@gmail.com.

# **Relato de experiência – vírus da Dengue, Chikungunya, Zika e outros vírus transmitidos por mosquitos: atualização para agentes de endemias e conscientização da comunidade<sup>1</sup>**

## **1 INTRODUÇÃO**

Em todo o planeta tem sido notificada a emergência de arboviroses, doenças causadas por arbovírus, os quais são transmitidos aos seres humanos pela picada de artrópodes hematófagos. Fatores, como mudanças genéticas dos vírus; mudanças ambientais, que favoreçam o aumento da população de vetores e alterações na dinâmica populacional colocam-se como a base para emergência da análise dessas doenças (Donalizio, 2017).

De acordo com Andrade (2020), no contexto epidemiológico brasileiro, os arbovírus de maior circulação são o Vírus da Dengue (DENV), o Vírus Chikungunya (CHIKV) e o Zika Vírus (ZIKV). Em 2019, foram notificados no Brasil 1.544.987 casos de dengue, 132.205 de chikungunya e 10.768 de Zika; ocasionando 782 óbitos por dengue, 92 por chikungunya e três por Zika (Secretaria de Vigilância em Saúde, 2020, p. 01). Por se tratar de um país tropical, as características climáticas no Brasil, que incluem altas temperaturas e umidade, favorecem a disseminação do mosquito vetor, o que contribui para a elevação do número de casos.

As arboviroses não se limitam ao cenário nacional, possuem grande impacto em toda a população mundial.

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), cerca de 4 bilhões de pessoas no mundo são suscetíveis à infecção pelo vírus da dengue; e, entre os estados-membros da Organização, o número de notificações passou de 2,2 milhões em 2010 para 3,2 milhões em 2015, havendo evidências de que o número total de infectados pelo vírus da dengue chegue a 390 milhões de pessoas por ano ao redor do mundo, o que torna dengue, zika e chikungunya um dos maiores problemas de saúde pública global. Em 2017, a taxa de incidência de dengue foi de 116 casos para cada 100 mil habitantes no Brasil. No mesmo ano, 41% dos municípios do Nordeste estavam em alerta. No referido período, o Ministério da Saúde investiu R\$17,6 milhões em estratégias de prevenção. As condições climáticas, de saneamento, desmatamento, urbanização e migração populacional também corroboraram para o agravamento desse quadro. (Andrade, 2020, p. 2)

---

<sup>1</sup> Vírus da dengue, Chikungunya, Zika e outros vírus transmitidos por mosquitos: atualização para agentes de endemias e conscientização da comunidade. Modalidade: Projeto de Extensão.

Além do impacto clínico negativo, o fardo econômico associado às arboviroses é preocupante. Apesar de a maioria dos pacientes apresentarem recuperação completa após a fase aguda da doença, alguns sintomas podem durar semanas ou meses, interferindo nas atividades laborais e algumas síndromes podem cursar com incapacidades permanentes (Teich, 2017). Custos com combate ao vetor, custos médicos diretos e custos indiretos representaram 2% do orçamento previsto para a saúde no país, em 2016 (Teich, 2017). Assim, as arboviroses geram consideráveis impactos econômicos e sociais ao Brasil.

Considerando a dinâmica de transmissão dos arbovírus e expansão das arboviroses, bem como os impactos causados à saúde da população e à economia do país, fica clara a necessidade de uma frente de combate efetiva ao mosquito vetor para contenção dessas doenças em todo o território nacional. É nesse contexto, que ganham destaque os agentes de controle de endemias (ACE). Esses profissionais, implementados pelo município, são responsáveis por um dos aspectos mais importantes no controle das arboviroses: o combate ao vetor. Além disso, eles têm contato direto com a população, o que favorece a divulgação das informações sobre as arboviroses para ampliação do conhecimento a toda comunidade.

No Brasil, os agentes comunitários de saúde (ACS) e agentes de combate a endemias (ACE), em parceria com a população, são responsáveis por promover o controle mecânico e químico do vetor, cujas ações são centradas em detectar, destruir ou destinar adequadamente reservatórios naturais ou artificiais de água que possam servir de depósito para os ovos do Aedes. Outra estratégia complementar preconizada pelo Ministério da Saúde é a promoção de ações educativas durante a visita domiciliar pelos agentes comunitários, com o objetivo de garantir a sustentabilidade da eliminação dos criadouros pelos proprietários dos imóveis, na tentativa de romper a cadeia de transmissão das doenças. (Brasil, 2017, p. 362)

Ao entender a importância da atuação dos agentes comunitários de endemias (ACES), este projeto buscou promover a atualização e aperfeiçoamento destes profissionais sobre os vírus transmitidos pelos mosquitos e as viroses associadas a eles, capacitando-os para poderem também atuar na conscientização da comunidade sobre a importância da prevenção dessas doenças. Assim, as atividades realizadas por meio deste projeto somaram-se aos esforços governamentais para o enfrentamento das arboviroses e buscou impactar positivamente a vida da população local.

## **2 METODOLOGIA**

A População alvo do projeto foram os 195 agentes de controles de endemias, vinculados ao departamento de Vigilância Ambiental e Epidemiológica da Secretaria de Saúde da Prefeitura de Juiz de Fora, entidade parceira na realização deste projeto.

A equipe do projeto foi composta por seis acadêmicos e três professores da Universidade Federal de Juiz de Fora, além da Coordenadora do Departamento de Vigilância Epidemiológica e Ambiental da Secretaria de Saúde de Juiz de Fora.

A equipe realizou reuniões semanais para discutir e definir os temas a serem abordados: 1- O mosquito Aedes aegypti e histórico sobre as epidemias de arboviroses

em Juiz de Fora; 2- O vírus da Dengue; 3- O vírus da Chikungunya; 4- O vírus da Zika; 5- O vírus da Febre Amarela e outros agentes de arboviroses de importância epidemiológica no Brasil. As apresentações foram preparadas pelos alunos, com a orientação dos professores e as palestras foram ministradas pelos alunos, colaboradores e professores orientadores.

Os 195 agentes de controle de endemias foram divididos em duas turmas. A primeira turma participou do ciclo de palestras que aconteceu ao longo do primeiro semestre de 2019; a segunda turma participou do ciclo que aconteceu durante o segundo semestre deste mesmo ano. As palestras foram ministradas para os ACES no auditório do Departamento de Vigilância Ambiental e Epidemiológica da Secretaria de Saúde, sendo programadas mensalmente pela Coordenação. A presença dos agentes era controlada por meio de lista de presença.

### **3 DESENVOLVIMENTO E DISCUSSÕES**

As atividades propostas para este projeto de extensão foram concluídas com êxito e os desafios apresentados enriqueceram a experiência dos alunos envolvidos na busca pelas soluções, juntamente aos professores orientadores.

Ao preparar os conteúdos para as palestras, algumas dúvidas pairavam sobre a equipe: “Que nível de informação deve ser oferecido aos ACES, para que compreendam com facilidade o assunto, o qual deve ser acrescentado a seus conhecimentos?”; “O que os ACES trazem de conhecimento prévio?”. Percebeu-se ao levantar essas questões que havia entre os agentes uma disparidade, no que se refere à formação, situação semelhante já relatada em estudos anteriores:

Apesar de os discursos das normativas e portarias ressaltarem a importância desse trabalhador para a implantação e o desenvolvimento do trabalho dentro da Estratégia Saúde da Família, é evidente sua desvalorização. Poucos estudos se debruçam sobre a questão da identidade e da formação do ACE. Ele é reconhecido e designado por diversas nomenclaturas: agente de endemias, guarda de endemias, agente de controle de endemias, guarda sanitário, agente de vigilância em saúde, agente de saneamento, técnico de vigilância em saúde, técnico de saneamento, dentre outras. Os agentes de combate às endemias caracterizam-se por apresentarem uma variabilidade de contratos de trabalho, marcados por diferentes vínculos institucionais, municipal ou federal, com regimes de trabalho diferenciados. Além disso, há diferenças marcantes de escolaridade – nível fundamental, nível médio, nível superior – desempenhando as mesmas funções, com qualificação precária e sentimento generalizado de que eles não são reconhecidos. (Evangelista, 2017, p. 2)

Preocupados em oferecer, por meio do projeto, informações de qualidade aos agentes de forma que esses pudessem compreender, os professores orientadores prepararam os alunos para ministrarem cada palestra. Nos encontros, os professores partilhavam técnicas didáticas, corrigiam falas confusas dos alunos, bem como frases mal colocadas nos slides, analisavam a existência de alguma informação incoerente e complementam os conhecimentos acerca de cada tema, para que os alunos fossem

bem preparados e seguros na hora de transmitir as informações. Uma estratégia importante, utilizada para garantir que as informações fossem recebidas de maneira uniforme por todos os agentes, foi esclarecer inicialmente alguns conceitos básicos fundamentais para compreensão dos temas, os quais seriam ministrados posteriormente. Assim, na palestra sobre o vírus da dengue também foram abordados os conceitos: “O que é um vírus”, “replicação viral”, “interação antígeno-anticorpo”, além de conceitos de “viremia”, “período de incubação” e “diferença entre infecção e doença”.

Os encontros com os agentes foram aproveitados também para reforçar a importância desses profissionais para o combate às arboviroses. Buscava-se sempre destacar como o trabalho deles compunha o plano de enfrentamento a essas doenças e a necessidade de bem realizá-lo para benefício de toda a sociedade.

Pode-se afirmar que foram inúmeros os aprendizados obtidos por meio da realização deste projeto. Tanto os agentes quanto os alunos foram beneficiados. Obteve-se um retorno muito positivo dos ACE's durante todas as palestras. Esses, muito participativos de modo geral, sempre interagiram com perguntas e relatos de experiências pessoais, o que demonstrava, além de interesse pelo tema, que as informações estavam sendo compreendidas. A gerência também se mostrou muito satisfeita com as atividades do projeto e essa aproximação entre a Universidade, a Prefeitura e a Sociedade.

Os discentes da UFJF, envolvidos neste projeto, viram-se beneficiados pela oportunidade de desenvolvimento e aprimoramento de suas habilidades, tais como autonomia no processo de aprendizado, desenvolvimento de habilidades para o trabalho em equipe e o falar em público, além da oportunidade de consolidação e multiplicação dos aprendizados obtidos em sala de aula. Ainda, a realização das atividades propostas oportunizou a sensibilização para a necessidade de contribuição ao desenvolvimento social. Os alunos tiveram a oportunidade de oferecer à sociedade em forma de conhecimento um pouco do que a sociedade lhes proporciona por meio da Universidade.

Alcançadas as metas propostas, ficou como perspectiva a produção de um material impresso, sobre o tema das arboviroses. Pensada para os ACES, a produção desse material é potencialmente positiva para esses profissionais, os quais poderão ter sempre à mão uma fonte confiável de informações, colocadas de maneira clara e compatível com o nível de conhecimento, que buscam para bem realizar suas funções. Ainda, dado o êxito do projeto no município em que foi realizado, almeja-se sua expansão para outros municípios com a intenção de promover a ampliação dos conhecimentos e fortalecimentos das ações dos ACES no espaço nacional.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As arboviroses são problemas graves de saúde pública, no Brasil, as quais necessitam de ações integradas para seu controle. Assim, esse tema abre um grande campo para ações de extensão. Uma vez que o enfrentamento às arboviroses precisa ser integrado e multiprofissional, seria muito positivo para toda a sociedade que mais projetos de extensão explorem o assunto para fortalecer o combate a essas doenças.

O projeto contou com uma ótima interação entre os membros da UFJF e os ACES, o que tornou possível a divulgação de informações relevantes acerca das

arboviroses como um todo. Sendo assim, acreditamos que os ACES adquiriram uma base mais consolidada de conhecimento, podendo replicá-lo para o restante da população.

Além disso, os alunos puderam desenvolver habilidades de oratória, de produção de conteúdo, de experiências manuais e trabalho em equipe. O projeto alertou-os de como é importante ter uma visão focada nos aspectos epidemiológicos, da importância que os ACES possuem na comunidade e de como é possível reduzir a disseminação das arboviroses com medidas de prevenção.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Natália Fernandes de *et al.* Análise das campanhas de prevenção às arboviroses dengue, zika e chikungunya do Ministério da Saúde na perspectiva da educação e comunicação em saúde. *Saúde em Debate* [on-line]. v. 44, n. 126, pp. 871-880. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-1104202012621>. ISSN 2358-2898. <https://doi.org/10.1590/0103-1104202012621>. Acesso em: 30 dez. 2020.

BRASIL. Secretaria de Vigilância em Saúde, Ministério da Saúde. *Monitoramento dos casos de arboviroses urbanas transmitidas pelo Aedes* (dengue, chikungunya e Zika), semanas epidemiológicas 01 a 52. Boletim Epidemiológico 2; v. 51. Disponível em: <http://portalarquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2020/janeiro/20/Boletim-epidemiologico-SVS-02-1-.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2020.

BRASIL. *Saúde Brasil 2015/2016: uma análise da situação de saúde e da epidemia pelo vírus Zika e por outras doenças transmitidas pelo Aedes aegypti*. Secretaria de Vigilância em Saúde/MS. 2017. Disponível em: [chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude\\_brasil\\_2015\\_2016\\_analise\\_zika.pdf](chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude_brasil_2015_2016_analise_zika.pdf). Acesso em: 02 jan. 2021.

DONALISIO, Maria Rita; FREITAS, André Ricardo Ribas; ZUBEN, Andrea Paula Bruno Von. Arboviroses emergentes no Brasil: desafios para a clínica e implicações para a saúde pública. *Rev. Saúde Pública*, São Paulo, v. 51, n. 30, 2017. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-89102017000100606&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102017000100606&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 30 dez. 2020.

EVANGELISTA, Janete Gonçalves et al. Agentes de combate às endemias: construção de identidades profissionais no controle da dengue. *Trabalho, Educação e Saúde*, v. 17, p. e0017303, 2018.

TEICH, Vanessa; ARINELLI, Roberta; FAHHAM, Lucas. *Aedes aegypti e sociedade: o impacto econômico das arboviroses no Brasil*. J. bras. econ. saúde (Impr.), p. 267-276, 2017.